

CLANDESTINOS

CENTRO DE ACOLHIMENTO E ABRIGO PARA IMIGRANTES E REFUGIADOS NO BRÁS - SP

Trabalho de Conclusão de Curso I Universidade Federal de Uberlândia

CLANDESTINOS

Proposta de Centro de Acolhimento e Abrigo para imigrantes e refugiados em São Paulo

Autora: Milagros Britany Apaza Estrada

Orientador: Adriano Tomitão Canas

Uberlândia I Dezembro de 2019

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo propor um Centro de Acolhimento e um Abrigo para imigrantes e refugiados em São Paulo. Baseia-se nas atuais dinâmicas mundiais e continentais de refúgio e imigração, nos seus desdobramentos, diásporas, causas e consequências. Mas principalmente, fundamenta-se nas condições dos imigrantes que vêm ao Brasil, mais especificamente, na condição de milhares de imigrantes e refugiados que residem e trabalham na região comercial do Brás, em São Paulo, cidade com o maior contingente migratório do país. Na área estudada, identifica-se uma grande concentração de imigrantes, muitos em condição ilegal, que trabalham, moram e existem em condições clandestinas e invisíveis perante a sociedade e o Estado, gerando assim um isolamento territorial e imaginário. Dessa forma, o projeto a ser proposto propõe equipamentos que atendam às necessidades especificas desses grupos, espaços que abriguem, apoiem e auxiliem novos e antigos imigrantes, garantindo-lhes seus direitos e oferecendo espaços vitais para melhorar sua qualidade de vida.

Palavras-chave: imigrantes; refugiados; Brás; clandestinidade; território; acolhimento; abrigo.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetico proponer un Centro de Acogimiento y un Abrigo para inmigrantes y refugiados en São Paulo. Se basa en las dinâmicas mundiales y continentales de refugio y inmigración, en sus desarollos, diásporas, causas y consecuencias. Pero principalmente, se fundamenta en las condiciones de los inmigrantes que vienen a Brasil, más especificamente, en la condición de milhares de inmigrantes y refugiados que residen y trabajan en región comercial del Brás, en São Paulo, ciudad con el maior contingente migratorio del país. En la área estudada, se identifica una grande concentración de inmigrantes, muchos en condición ilegal, que trabajan, viven y existen en condiciones clandestinas y invisibles hacia la sociedad y el Estado, generando asi un isolamiento territorial y imaginario. De esa forma, el proyecto a ser propuesto propone equipamentos que atiendam a las necesidades específicas de este grupo, espacios que abriguen, apoien y ayuden nuevos y antiguos inmigrantes, garantizando sus derechos y ofreciendo espacios vitales para mejorar su calidad de vida.

Palavras-clave: inmigrantes; refugiados; Brás; clandestinidad; territorio; acogimiento; abrigo.

Dedico este trabalho aos imigrantes e refugiados do mundo, que a dor, medo, cansaço passem e que seus sonhos e esperanças se realizem e que encontrem um lugar para chamar de ‘casa’.

AGRADECIMENTOS

À minha querida e amada mãe, Maria Isabel, imigrante, mulher, mãe e meu maior exemplo de pessoa na vida sempre. Por me ajudar e apoiar de todas as formas possíveis, desde um prato de comida nas noites de trabalho árduo, até a execução deste trabalho, andando comigo ruas do Brás sob sol. Por sempre acreditar em mim e me fornecer acolhimento e amparo nas horas que mais precisei.

Às minhas maravilhosas irmãs: Judith, que sempre acreditou em mim, e que mesmo distantes uma da outra, cultivamos um grande amor. Flor, minha amiga e protetora desde que recordo da minha existência, que sempre me deu forças e apoio, sempre procurando fazer meu caminho mais fácil. Cristhiane, minha querida irmã mais nova, que me ajuda como pode e alegra meus dias sendo sempre sorridente e otimista.

À minha amada família: meu pai, que trabalhou por mim e me apoiou à sua maneira. Meus tios Raul e meu primo Frank Kevin. Especialmente a minha tia e madrinha Elizabeth, que sempre foi uma segunda mãe para mim. À minha sobrinha Sophia, mesmo sendo recém-nascida, me mostrou que é possível ter esperança em um futuro melhor para as futuras gerações.

Aos meus grandes amigos, que sempre me apoiaram, me ouviram, me ajudaram e me amaram: Loany Gonzaga, Lucas Gomes, e Julia Lima, não estaria onde estou sem vocês na minha vida, definitivamente.

Aos meus eternos colegas e amigos de faculdade, Andressa Rodrigues, Lucas Eduardo, Márcia Michelle, Tainá Alves, Talita Araújo, Tamara Porfírio, Sthefanny Alves, que construíram comigo não só conhecimento, mas também laços de uma amizade que me sustenta, obrigada por me apoiarem e ajudarem desde o início dessa jornada.

Aos meus amigos que me apoiaram cada um a sua maneira, com pequenos ou grandes atos, me inspirando e me ensinando a ser uma pessoa melhor: Amanda Marques, Ananda Lima, Bruna Oliveira, Carol Bernardo, Ellis Marques, Samantha S., Hellen Calandrine, Jéssica Rezende, Júlia Almeida, Laura Luise, Lorrany Marins, Lucas Augusto, Matheus Oliveira, Nathalia Reis, Raissa Brasil, Tainá Alves, Tamires Reis. Que moram em meu coração, obrigada pelo apoio e por cada palavra amiga.

A meus mentores e colegas de trabalho, Cássio Fernandes, Cássio Viana, Mariana Souza, amigos e pessoas que admiro, que me acolheram, me apoiaram e me ensinaram diariamente.

A meu orientador Adriano Canas, que incentivou minha pesquisa, me auxiliou e me guiou na construção do trabalho da melhor forma possível.

A todos as pessoas que entrevistei e conversei para a construção deste trabalho, principalmente imigrantes de São Paulo. Sem eles seria impossível transmitir a intenção e a realidade desta pesquisa.

À UFU por me permitir crescer em conhecimento acadêmico e reconhecer o mundo caótico que nos cerca. Obrigada aos professores que contribuíram para meu saber atual e por acreditar no meu potencial.

À cada pessoa que deu uma palavra de apoio e que acreditou em mim, cada um contribuiu para a execução deste trabalho.

Ao Deus que acredito, por fortalecer minha fé e me dar forças nos momentos de angústia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 9

1.1 Conceitos

1.2 Siglas

1.3 Introdução

2. CRISE E DESCOLAMENTOS HUMANOS NO SÉCULO XXI 15

2.1 Imigração e Refúgio: Diásporas contemporâneas

2.2 Crise Neoliberal e Colapso do Mundo

2.3 Imigração e Refúgio na América Latina

3. IMIGRAÇÃO E REFÚGIO NO BRASIL 32

3.1 O imigrante e a Legislação Brasileira

3.2 Imigrantes e refugiados no Brasil

3.3 Aspectos da imigração

4. BRÁS: TERRITÓRIO DE IMIGRANTES 45

4.1 Introdução

4.2 Brás: Território de imigrantes

4.3 Perfil dos imigrantes

4.4 Moradia

4.5 Trabalho

4.6 Diagnóstico urbano

4.7 Ilegalidade legalizada

4.8 Considerações finais

5. PROPOSTA DE CENTRO DE ACOLHIMENTO E ABRIGO 77

5.1 Justificativa do projeto

5.2 Estudos de caso

5.3 O terreno

5.4 Diagnóstico do entorno

5.5 Legislação

5.5 Estudo Preliminar

5.6 O Projeto

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 136



INTRODUÇÃO

01.

1.1 CONCEITOS

Para entendimento do trabalho e da temática nota-se a importância do conhecimento do significado de cada termo usado ao longo do mesmo:

mi·gra·ção

'Movimentação de um povo, ou de um grande número de pessoas, para um país diferente, ou a uma região diferente dentro desse mesmo país, geralmente motivada por razões políticas ou econômicas; inclui a imigração (movimento de entrada) e a emigração (movimento de saída)' (MICHAELIS, 2018).

e·mi·gran·te

'Por emigrante entende-se a pessoa que deixa sua pátria e passa a residir em outro país. As regiões ou países fortemente marcados por emigração são também chamados países ou regiões de origem dos migrantes e, em certas circunstâncias, países de expulsão de migrantes' (IMDH, 2018).

i·mi·gran·te

'Imigrante é a pessoa nacional de outro país ou apátrida que trabalha ou reside e se estabelece temporária ou definitivamente no Brasil ' (Lei 13.445/2017).

'Imigrantes escolhem se deslocar não por causa de uma ameaça direta de perseguição ou morte, mas, principalmente, para melhorar sua vida, buscando melhores oportunidades de trabalho e educação ou procurando viver com parentes que moram fora do país de origem. Diferentemente dos refugiados, que não podem voltar ao seu país, os migrantes continuam recebendo a proteção do seu governo' (ACNUR, 2018).

re·fu·gi·a·do

'São pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados' (ACNUR, 2018).

'Refugiados são especificamente definidos e protegidos no direito internacional. Refugiados são pessoas que estão fora de seus países de origem por fundados temores de perseguição, conflito, violência ou outras circunstâncias que perturbam seriamente a ordem pública e que, como resultado, necessitam de "proteção internacional".

Eles são assim reconhecidos por ser extremamente perigoso retornar a seus países de origem e, portanto, precisam de refúgio em outro lugar. Essas são pessoas às quais a recusa de refúgio pode ter consequências potencialmente fatais para suas vidas' (ONU, 2018).

in·do·cu·men·ta·do

A Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos de todos os Trabalhadores Migrantes e de seus Familiares, aprovada pela ONU em 18 de dezembro de 1990, define a categoria "Migrantes indocumentados ou em situação irregular" como "aqueles que não foram autorizados a ingressar, permanecer e a exercer uma atividade remunerada no Estado de emprego, de acordo com as leis desse Estado e os acordos internacionais em que esse Estado seja parte" (art. 5º, letras "a" e "b").

Em relação ao estrangeiro residente no Brasil, a expressão *migrantes indocumentados* abrange aquelas pessoas que, por razões várias, mesmo com direito a residir no país, inexpulsáveis, não providenciaram sua documentação ou após obtê-la não tomaram as necessárias providências para assegurar sua validade.

A palavra 'indocumentado' pode também refletir a situação de parte da população de um país que, devido à burocracia, falta de recursos, desinformação, não se documentou, nesta circunstância ficam marginalizados do mercado e do acesso formal ao trabalho, praticamente sem a cobertura das leis sociais e ficam à margem das relações e do exercício dos direitos civis e políticos. São, frequentemente, vítimas fáceis de exploração e de escravidão (IMDH, 2018).

1.2 SIGLAS

ACNUR *Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados* (ACNUR) foi criado em 1950, após a Segunda Guerra Mundial, para ajudar milhões de europeus que fugiram ou perderam suas casas.

Hoje, mais de 60 anos depois, nossa organização ainda trabalha para proteger e ajudar refugiados em todo o mundo.

ADUS Fundado em 2010, o Instituto de Reintegração do Refugiado (mais conhecido como ADUS) é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público que atua junto aos refugiados e outros estrangeiros vítimas de migrações forçadas na cidade de São Paulo, a fim de reduzir os obstáculos que enfrentam para sua efetiva reintegração na sociedade.

Atende cerca de 500 pessoas por mês. Refugiados provenientes de mais de 50 nacionalidades, sobretudo da Síria, do Congo, da Palestina, de Angola e da Colômbia.

CIC Centro de Integração da Cidadania do Imigrante. Programa da Secretária da Justiça criado pelo Governo do Estado para promover o acesso de imigrantes e refugiados a direitos e programas sociais. Prestação de serviços burocráticos e trabalhistas.

CONARE Criado pela Lei nº 9.474/1997 com o objetivo de reconhecer e tomar decisões sobre a condição de refugiado no Brasil, além de promover a integração local dessa população, o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) é um órgão multiministerial do qual participam o governo, a sociedade civil e a ONU, por meio do ACNUR.

CNIg Conselho Nacional de Imigração - instância de articulação da Política Migratória Brasileira, em especial da Política de Migração Laboral, por meio de diálogo permanente com a Sociedade Brasileira. Conselho Nacional da Imigração foi criado pela Lei Nº 6.815, DE 19 DE AGOSTO DE 1980, que tem como função orientar, coordenar e fiscalizar atividades da imigração definidas pelo Estatuto do Estrangeiro. É um colegiado integrado pelos Ministérios do Trabalho e Emprego; Justiça; Relações Exteriores; Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Ciência, Tecnologia e Inovação; Saúde; Educação; Agricultura, Pecuária e Abastecimento e Turismo; pelas Centrais Sindicais: CGTB; CTB; CUT; Força Sindical e UGT; pelas Confederações de Empregadores: CNA; CNC; CNF; CNI e CNT; além da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

CGIg Coordenação Geral de Imigração. Tem como função planejar, coordenar, orientar e supervisionar as atividades relacionadas à autorização de trabalho a estrangeiros; Planejar, coordenar, orientar e supervisionar as atividades relacionadas à contratação ou transferência de brasileiros para trabalho no exterior; Prestar apoio técnico e administrativo nas atividades de suporte ao Conselho Nacional de Imigração.

CRAI O Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes (CRAI) iniciou suas atividades em novembro de 2014 dentro de um contexto de construção de políticas públicas voltadas para a população imigrante da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, que convidou o Sefras para administrar o serviço em parceria com a Prefeitura de São Paulo. O CRAI realiza atendimentos institucionais e itinerantes, além de atividades que o serviço desenvolve com o público atendido.

IMDH Instituto Migrações e Direitos Humanos

OBMigra O OBMigra foi instituído a partir de um termo de cooperação entre o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), por meio do Conselho Nacional de Imigração (CNIg) e a Universidade de Brasília (UnB), por meio do ELA.

O Observatório tem como meta ampliar o conhecimento sobre os fluxos migratórios internacionais no Brasil, mediante estudos teóricos e empíricos, e apontar estratégias para a inovação social de políticas públicas dirigidas as migrações internacionais. Para realizar essa tarefa propõe-se analisar os três cenários que afetam o Brasil na atualidade: a imigração internacional; a emigração brasileira para outros países e os projetos migratórios de retorno dos emigrantes brasileiros.

SINCRE Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiro

1.3 INTRODUÇÃO

O mundo vê atualmente uma gama nova de ondas migratórias e de refúgio como jamais antes vistas na humanidade. A imigração, por si, vista desde os confins da história, já consolidada como 'normal' se 'agravou' recentemente aos olhos do mundo, tomando novas e mais urgentes desdobramentos: os refugiados, imigrantes em uma condição urgente de vida, que dependem do deslocamento para sobreviver. Mas apesar da diferença de termos, ambos os grupos se identificam no seu lugar no mundo, ou pelo contrário, no seu não-lugar.

A vivência, a identidade, a segurança, o bem-estar são afetados diretamente pelo deslocamento territorial, uma vez que implica na saída do território natal. Esses imigrantes e refugiados não evaporam ou imediatamente se encontram em segurança ao sair das suas terras de origem, um deslocamento com riscos, se deslocam em busca do mínimo, se deslocam para um outro lugar, outra cidade, outra cultura, outra nação, que possa ser segura e lhe oferecer o mínimo necessário de dignidade humana.

Mas em um mundo em que a primeira instância é a economia-política, os direitos humanos ficam em segundo plano. Ignora-se a historicidade do mundo e da imigração como formadora e sustentadora das atuais 'grandes nações'. Assim, os imigrantes e refugiados tornam-se um ópio, um problema a ser resolvido, um gasto de dinheiro no espaço em que se encontram e que ocupam.

A condição flutuante destas pessoas se torna ainda pior quando se intersecciona com sua origem, com seu gênero, com sua cor de pele. Aqueles ilegais principalmente, se tornam invisíveis, perante o Estado e perante a sociedade. E assumem esse lugar como seu lugar no mundo.

Além das implicações existenciais, há também as implicações territoriais, que nada mais são o reflexo do panorama total. Os imigrantes, assim como minorias no mundo, se locam na cidade de uma forma diferente, de acordo com a sua existência e condição. A ocupação do espaço é apenas um reflexo do tratamento que o sujeito recebe, pois se excluído socialmente e politicamente ocupara também um espaço excludente e isolado.

O presente trabalho, assim, busca abordar essas definições territoriais a partir do existencialismo e condição dos imigrantes e refugiados. Partindo de um panorama mundial, em diversas escalas espaciais, chegando ao cenário brasileiro, indo até São Paulo, cidade que contém em suas diásporas uma específica, que contempla essas implicações existenciais e territoriais quase que perfeitamente: o caso da região comercial do Brás, que por atrás das fachadas comerciais, com seus baratos produtos expostos, esconde uma realidade crua e cruel de vidas imigrantes.

O trabalho presente assim, inspira-se e provém da necessidade de expor essa realidade que vai muito além do espectro econômico mostrado pela mídia. Inspira-se na busca coletiva por uma visibilidade e condição de vida melhor para essa população. E inspira-se na vivência pessoal, de ser imigrante e de viver e ver de perto situações e experiências que somente imigrantes passam diariamente.

Procura-se demonstrar como a condição de imigrante e refugiado impacta na vida dessas pessoas, desde a condição íntima à urbana. E através dessa compreensão, entender as necessidades sociais e espaciais e assim apresentar soluções arquitetônicas e sociais que possam amparar e acolher essas populações imigrantes e refugiadas.

HOGAR

HOGAR - WARSAN SHIRE, UNA JOVEN BRITÁNICA DE ORIGEN SOMALÍ.

NADIE SALE DE CASA A MENOS QUE
EL HOGAR SEA LA BOCA DE UN TIBURÓN

SÓLO CORRES HACIA LA FRONTERA
CUANDO VES A TODA LA CIUDAD CORRIENDO TAMBIÉN
TUS VECINOS CORRIENDO MÁS RÁPIDO QUE TÚ
ALIENTO SANGRIENTO EN SUS GARGANTAS
EL CHICO CON EL QUE FUISTE A LA ESCUELA
QUE TE BESÓ MAREADO DETRÁS DE LA VIEJA FÁBRICA DE HOJALATA
TIENE UN ARMA MÁS GRANDE QUE SU CUERPO
SÓLO SALES DE CASA
CUANDO EN CASA NO TE DEJAN QUEDARTE.

NADIE SALE DE CASA A MENOS QUE TE PERSIGA EL HOGAR
FUEGO BAJO LOS PIES
SANGRE CALIENTE EN EL VIENTRE

NO ES ALGO QUE NUNCA HAYAS PENSADO EN HACER
HASTA QUE LA DAGA QUEME LAS AMENAZAS EN
TU CUELLO
E INCLUSO ENTONCES LLEVASTE EL HIMNO BAJO
TU ALIENTO
SÓLO ROMPIENDO TU PASAPORTE EN LOS ASEOS DE UN AEROPUERTO
SOLLOZANDO MIENTRAS CADA BOCADO DE PAPEL
DEJÓ CLARO QUE NO VOLVERÍAS.

TIENES QUE ENTENDER,
QUE NADIE PONE A SUS HIJOS EN UN BOTE
A MENOS QUE EL AGUA SEA MÁS SEGURA QUE LA TIERRA

NADIE SE QUEMA LAS PALMAS DE LAS MANOS
BAJO LOS TRENES
DEBAJO DE LOS CARROS
NADIE PASA DÍAS Y NOCHES EN EL ESTÓMAGO DE UN CAMIÓN
ALIMENTÁNDOSE DE PERIÓDICOS A MENOS QUE LAS MILLAS VIAJADAS
SIGNIFIQUEN ALGO MÁS QUE UN VIAJE.

NADIE SE ARRASTRA POR DEBAJO DE LAS VALLAS
NADIE QUIERE SER GOLPEADO
COMPADECIDO

NADIE ELIGE CAMPOS DE REFUGIADOS
O CATEOS AL DESNUDO DONDE TU
CUERPO SE QUEDA ADOLORIDO
O EN PRISIÓN,
PORQUE LA PRISIÓN ES MÁS SEGURA
QUE UNA CIUDAD DE FUEGO
Y UN GUARDIA DE PRISIÓN
EN LA NOCHE
ES MEJOR QUE UN CAMIÓN CARGADO
DE HOMBRES QUE SE PARECEN A TU PADRE

NADIE PODRÍA SOPORTARLO
NADIE PODRÍA SOPORTARLO
NINGUNA PIEL SERÍA LO SUFICIENTEMENTE DURA

VUELVAN A CASA NEGROS
REFUGIADOS
INMIGRANTES CORRUPTOS
SOLICITANTES DE ASILO
CHUPANDO NUESTRO PAÍS HASTA DEJARLO SECO
NEGROS CON LAS MANOS EXTENDIDAS
HUELEN RARO
SALVAJE
ARRUINARON SU PAÍS Y AHORA QUIEREN
ARRUINAR EL NUESTRO

CÓMO HACEN LAS PALABRAS
LAS MIRADAS SUCIAS
CAEN SOBRE TUS ESPALDAS

TAL VEZ PORQUE EL GOLPE ES MÁS SUAVE
QUE UN MIEMBRO ARRANCADO
O LAS PALABRAS SON MÁS TIERNAS
QUE CATORCE HOMBRES ENTRE
TUS PIERNAS
O LOS INSULTOS SON MÁS FÁCILES
DE TRAGAR
QUE LOS ESCOMBROS
QUE EL HUESO
QUE EL CUERPO DE TU HIJO
EN PEDAZOS.

QUIERO IRME A CASA,
PERO MI HOGAR ES LA BOCA DE UN TIBURÓN
MI CASA ES EL CAÑÓN DE LA PISTOLA
Y NADIE SALDRÍA DE CASA
A MENOS QUE EL HOGAR TE PERSIGUIERA HASTA LA ORILLA
A MENOS QUE LA CASA TE DUERA
PARA ACELERAR TUS PIERNAS
DEJA TU ROPA
ARRÁSTRATE POR EL DESIERTO
VADEA A TRAVÉS DE LOS OCÉANOS

AHÓGATE
SÁLVATE
TEN HAMBRE
PIDE LIMOSNA
OLVIDA EL ORGULLO
TU SUPERVIVENCIA ES MÁS IMPORTANTE
NADIE SE VA DE CASA HASTA QUE EL HOGAR TENGA
UNA VOZ SUDOROSA EN TU OÍDO.
DICIENDO-
VETE,
HUYE DE MÍ AHORA
NO SÉ EN QUÉ ME HE CONVERTIDO.
PERO SÉ QUE EN CUALQUIER PARTE
ES MÁS SEGURO QUE AQUÍ.

- WARSAN SHIRE, UNA JOVEN BRITÁNICA DE ORIGEN SOMALÍ.

CRISE E DESLOCAMENTOS HUMANOS NO SEC. XXI



02.

Figura 2 Resgate de um navio pesqueiro com centenas de imigrantes na Costa líbanesa, na qual foram encontrados 25 mortos no mar. Photo: Agenzia Massimo Sestini.

2.1 IMIGRAÇÃO E REFÚGIO: DIÁSPORAS CONTEMPORÂNEAS

Não obstante aos muros, a violência, ataques xenofóbicos, o desamparo da vida clandestina, a rejeição. Até o risco de morrer no mar Mediterrâneo, nas caravanas pelo deserto e montanhas, ou pendurados na 'Besta', o mítico trem que percorre o México de Sul a Norte, que todos os dias deixa solitários passageiros na porta do sonho americano ou do inferno. Não obstante aos muros, cercas, guardas armados, fronteiras fechadas, sprays de pimenta, cassetetes, leis duras. Não obstante a tudo isso, o número de imigrantes e refugiados cresce mais a cada dia no mundo. Isso é um fato. A ONU (União das Nações Unidas) declarou que a imigração e refúgio no século XXI sejam ainda maiores que o grande fluxo imigratório tido na Segunda Guerra Mundial. Dados recentes de 2017 revelaram que existem no mundo atualmente **65,6 milhões de pessoas deslocadas**, e dentre essas, **25,4 milhões são refugiadas**. Ademais, a ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados) estima que **244 milhões de pessoas** no mundo, sejam migrantes internacionais, um aumento de 41% em relação ao ano 2000.[1]

Os grandes jornais, a mídia, os governos, as ordens acadêmicas anunciam a 'maior crise dos refugiados que o mundo já teve', 'Problema da imigração' ou a 'Crise Imigratória do Século'. Nunca nas últimas décadas - após as grandes guerras - teve-se como pauta governamental a nível internacional e falou-se tanto da temática da imigração. Reuniões da UE (União Europeia), com os maiores líderes mundiais; reuniões do G20; reuniões emergenciais na OEA (Organização dos Estados Americanos); reunião dos países-membros da ONU para a assinatura de pactos globais de imigração; todas organizadas para falar especificamente sobre o novo espectro que ronda o mundo, que discute, em todas as escalas, sobre as milhões de pessoas e massas que migram e adentram suas fronteiras, e seus impactos econômicos e sociais.

Porém, pouco se fala ou/e se conhece daqueles que estão no 'olho do furacão'. Os sujeitos reais de todo esse caos, aqueles que sofrerão e sofrem as maiores consequências em todas as esferas de suas vidas: os imigrantes e refugiados, que possuem suas vidas e seus futuros nas mãos de líderes políticos, decisões estatais e ideologias sócias.

A reflexão sobre quem são estes sujeitos torna-se essencial para o entendimento do cenário atual, e logo, para a resolução desse 'caos' no mundo. Primeiramente, deve-se perceber que a imigração atual não é somente um fenômeno político, econômico, geopolítico, muito além disso, é um fenômeno humano, que envolve milhões de vidas e futuros de seres humanos.

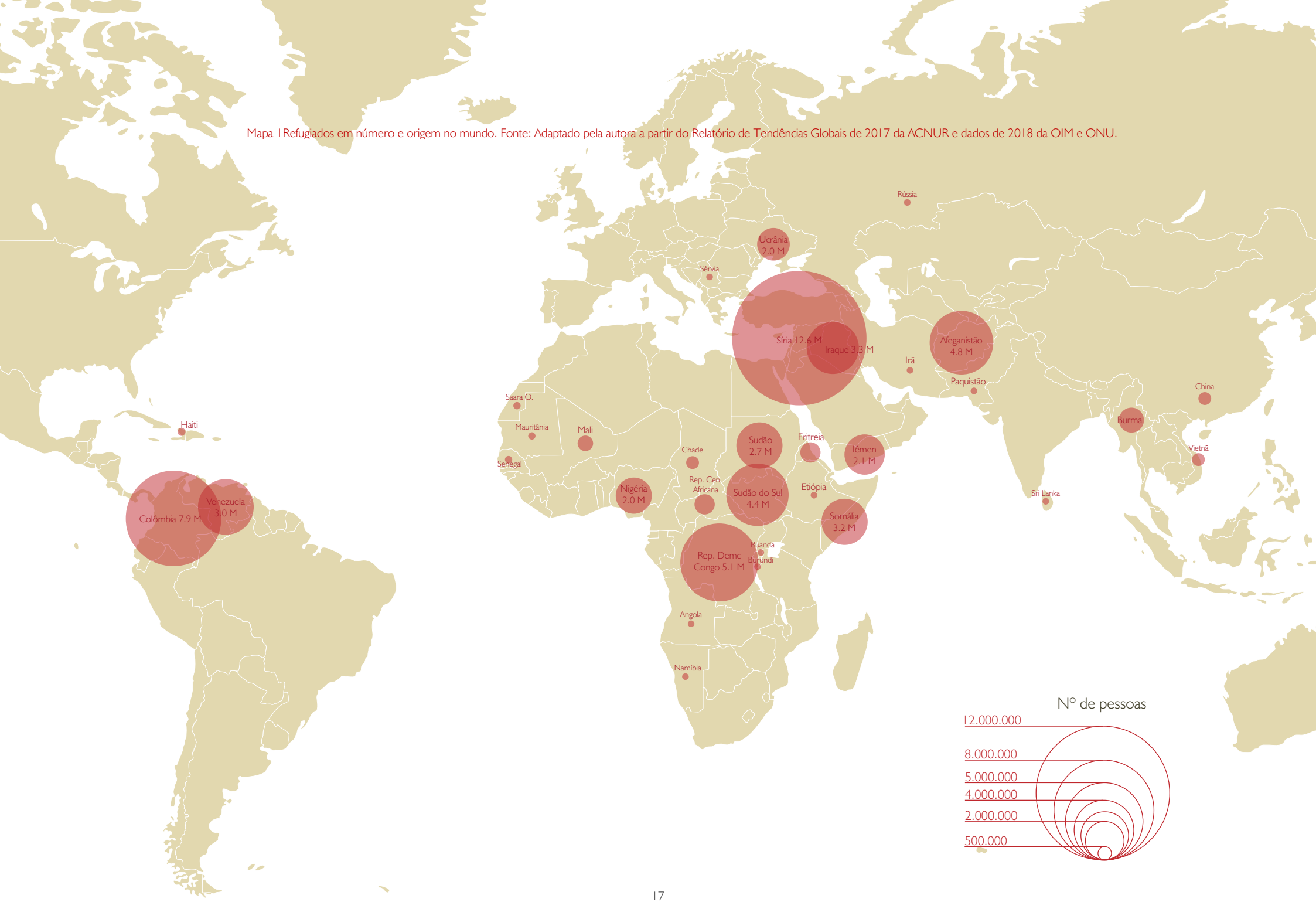
Os sujeitos imigratórios já existiam muito antes do mundo moderno. A própria história da humanidade se confunde com a história dos movimentos imigratórios. (VANESSA BATISTA, 2009). As grandes imigrações dos séculos XIV e XV pela Ásia, Américas e África pelos países Europeus fundaram as sociedades atuais. Contexto este político, geográfico, social, econômico ou religioso. O mundo passou: pelas sociedades coloniais e escravocratas; duas Grandes Guerras Mundiais; governos ditatoriais que ameaçaram direitos civis; diversas catástrofes naturais que atemorizaram grandes comunidades; dentre outros graves conflitos e caos geopolíticos. No decorrer da história da humanidade a imigração criou múltiplas facetas e conceitos, dependendo do contexto em que o sujeito migratório se encontrava.

Desta perspectiva, as migrações são fenômenos que vão muito além da 'natureza humana', podendo ser processos voluntários, de sobrevivência, de necessidade ou de subversão. O fenômeno migratório assim, seria tão antigo quanto a própria história do mundo (KARTZOW, 2009, p.162)

Retornando ao panorama atual, as migrações e movimentos atuais se diferem totalmente dos movimentos migratórios tradicionais anteriormente vistos na história. Segundo Robert Kurz, é necessário parar de dar explicações de imigração como algo natural. As pessoas, os migrantes contemporâneos, não migram 'livremente'; a imigração aqui se torna um processo coativo, resultado de uma sociedade capitalista que produz um modelo de exclusão, decorrente diretamente da crise da globalização neoliberal.[2]

1 Segundo o Relatório Anual de Tendências Globais de 2017 da ACNUR/ONU, 2018.
2 Robert Kurz, filósofo e historiador autor do 'O colapso da Modernização', em entrevista a Agência Carta Maior.

Mapa 1Refugiados em número e origem no mundo. Fonte: Adaptado pela autora a partir do Relatório de Tendências Globais de 2017 da ACNUR e dados de 2018 da OIM e ONU.



Apenas em 1951, após o fim da Primeira Guerra Mundial e o surgimento do fluxo de refugiados europeus, que se ascendeu o debate sobre essa 'nova classe' de imigrantes e sua proteção. Foi instituído em 1950 o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) pela ONU. Em 1951, na Convenção da ONU, foi criado o Estatuto do Refugiado, o primeiro documento internacional do tipo, sendo seguido do Protocolo adicional em 1967, que pregavam a proteção pelo Estado ao refugiado e a asseguração de seus direitos humanos

Destaca-se assim a diferença necessária entre o termo imigrante e refugiado. Todo refugiado é um migrante, mas nem todo migrante é um refugiado. As legislações para imigrante variam de país para país, e a de refugiados permeiam a um nível mais internacional, tendo a maioria dos países um Estatuto próprio do Imigrante e outro do Refugiado. O avanço aos direitos civis e humanos para essas classes se deu apenas a partir da metade do século XIX, através de Estatutos e Leis específicas, além das anistias e acolhimento.

Mas apesar de todas as Declarações ou Convenções internacionais sobre os Direitos Humanos, o imigrante/refugiado ainda não é considerado um cidadão, um ser humano, digno de direitos básicos, nem tampouco 'estrangeiro', aquele que é de fora e bem-vindo. Muito pelo contrário, cenários de preconceito, intolerância e violência são vistos pelo mundo todo, nas esferas intimas e governamentais – o imigrante é considerado e tratado como resíduo humano (BAUMAN, 2004). Como Bourdieu, Pierre, 1991, p.12:

> Como Sócrates, o imigrante é o átopos, sem lugar, deslocado, inclassificável (...). Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o „imigrante" situa-se nesse lugar „bastardo" de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não-ser social. Deslocado, no sentido de incongruente e de importuno, ele suscita o embaraço; e a dificuldade que se experimenta em pensá-lo – até na ciência, que muitas vezes adota, sem sabê-lo, os pressupostos ou as omissões da visão oficial – apenas reproduz o embaraço que sua inexistência incômoda cria. Incômodo em todo lugar e que doravante tanto em sua sociedade de origem quanto em sua sociedade receptora, ele obriga a repensar completamente a questão dos fundamentos legítimos da cidadania e da relação entre o Estado e a Nação ou a nacionalidade.

[3] KRISTEVA, J. Estrangeiros para nós mesmos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.



Figura 3 Grupo de refugiados espera para cruzar fronteira entre Macedônia e Grécia em um campo de refugiados próximo a Idomeni. Foto: EFE.

A xenofobia enraizada nas sociedades receptoras e no próprio governo leva ao isolamento e sofrimento do imigrante. A palavra 'imigrante' por si só reproduz a dicotomia da palavra: a separação do eu/ele.[3] O termo 'refugiado', é continuamente reproduzido como pejorativo e discriminatório pelos diversos veículos de comunicação, que tem um papel essencial na construção da imagem do migrante, podendo leva-lo a vê-lo como um 'inimigo social' contra o qual se deve lutar, até ao ponto de desumaniza-lo para justificar respostas xenofóbicas da sociedade de origem. A resposta social é vista na realidade vivida, na qual o preconceito espontâneo sobre o ser 'estranho' ou 'inimigo' gera o trato ao migrante como um grave problema para a nação.[4]

> A xenofobia, o incomodo, o ódio contra os imigrante, contra o diferente, contra o que não é comum, é um consequência de imagens preconceituosas que fazem enxergar o imigrante como a causa dos males da sociedade. (LANA, 2006)

A sociedade atual, que foi erguida com base em um passado colonial e de crenças eugênicas reflete atualmente esse imaginário. A Teoria Eugênica, acreditava no melhoramento da raça humana e da nação por meio do enbranquecimento, considerando a população não-branca e miscigenada

[4] Conforme CAMPOS, Gustavo Barreto de, Dois Séculos de Imigração no Brasil,pp. 528-533. 62 Idem, p. 48

como inferiores e incapazes, pregando assim, valores racistas e preconceituosos. Visa-se claramente essa crença na atualidade, por exemplo, na diferença de tratamento entre imigrantes brancos e não-brancos. A distinção entre o recebimento e acolhimento entre migrantes de países do Norte Global e migrantes de Sul Global é perceptivelmente diferente.

O tratamento dos migrantes como pessoas violentas, terroristas, mão-de-obra ameaçadora, ladrões, interesseiros, oportunistas, traficantes, dentre vários estereótipos, são efeitos da crença discriminatória. Os imigrantes são enxergados apenas como problemas que devem ser solucionados, ou como números a quem se deve temer. São desta forma, totalmente desumanizados.

Mas as novas faces da imigração têm países, nomes, cores, etnias, religião, família. A maioria dos imigrantes provém de países subdesenvolvidos que se encontram em guerras e conflitos armados, em situação de pobreza e crise extrema, sendo assim, motivados a sair de seu lugar natal para sobreviver.

A origem e conhecimento do porquê da saída do 'lar' são fundamentais para entender os atores desse fenômeno. Imigrar seria sair dos territórios de segurança e lançar-se no mundo, em lugares de pouca ou nenhuma familiaridade, onde há pouco ou nenhum controle, total insegurança (MARANDOLA Jr, 2008). Mas o que levaria uma pessoa, milhões de pessoas a sair da sua casa e do seu conforto, a se jogar no mundo com um sentimento de que não tem mais nada a perder e arriscar sua vida e a de seus entes queridos?

Como diz o poema 'Hogar', "ninguém sai de casa a menos que, a casa seja a boca do tubarão (...) não sei no que me transformei, mas sei que em qualquer parte, é mais seguro que aqui". Os versos da poeta Somali Warsan Shire buscam um modo de compreensão as decisões tomadas pelos milhares de pais, irmão e filhos. Os imigrantes não migram por que querem, muito além disso, os fenômenos de refúgio se configuram, segundo SASSEN (2016), não como imigrações, e sim como 'expulsões': movimentos gerados e forçados pelas situações extremas, que geram a perda total do habitat das pessoas.

Em dezembro de 2010, na Tunísia, Mohamed Bouazizi ateou fogo ao próprio corpo na pequena cidade de Sidi-Buzid, no interior do país, após ter seu carrinho confiscado por não poder pagar a propina a polícia. Esse episódio despertou o primeiro dos levantes no mundo árabe, desembocando na maior onda revolucionária do século XXI: a chamada Primavera Árabe. Iniciando-se na Tunísia, os conflitos, levaram a queda de vários governos, e consequentemente a guerras civis. O espectro se deu, ainda em diferentes níveis e formas, em todo o norte da África e Oriente Médio, atingindo também a Líbia, Síria, Iêmen, Arábia Saudita, Marrocos, entre outros. Apesar do 'movimento revolucionário', o que se viu a seguir foi uma retaliação, resultante das fracas democracias e conflitos étnicos persistentes, financiados e apoiados inclusivamente pelo Ocidente.

Os levantes e mudanças políticas e sociais levaram a uma onda de guerras civis ou até 18mesmo a volta de governos déspotas, guerras civis armadas que, aliadas a grave crise econômica, geraram o caos no Oriente Médio. Ao longo dos anos, várias outras facções foram envolvidas. A extrema complexidade do conflito e a guerra civil de caráter armamentista contra o governo sírio perduraram a guerra, levando a Síria a ser a principal origem de refugiados em 2017.



Figura 4 Pais correm com seus filhos após ataque em Alepo, na Síria. Foto: Ameer Alhalbi/Reprodução.

A guerra do Afeganistão contra a insurgência do Taleban, travada desde 2001, com apoio norte-americano, fez do país a segunda maior origem de refugiados do mundo. Aproximadamente 12,6 milhões de pessoas fugiram da Síria desde 2011, a maioria chegando na Turquia, Jordânia e Líbano. Enquanto isso, 6,3 milhões de pessoas permanecem desabrigadas no país. [5]

Especialmente em 2017, com o retorno de outros grupos, que levaram a guerra civil e incontáveis ataques contra a população, levando a 2,6 milhões de refugiados a saírem do país. O caos se dizimou por todo o Oriente Médio, mergulhando os países em violência étnica e religiosa, levando a uma crise humanitária. As guerras massacram a população e geram a total violação aos direitos humanos.

A imigração em direção a Europa e outros países aumentaram subitamente nos últimos anos, possivelmente, pelo esgotamento da possibilidade de absorção daquela população por países vizinhos, como o Irã, Jordânia e Líbano no Oriente Médio e Marrocos, Argélia e outros no norte da África, aliado a decadência socioeconômica dos países orientais, e ao aumento do Estado Islâmico no território Sírio e Islâmico. O conjunto destes fatores leva assim a fuga destes lugares sangrentos e a formação dessas gigantes ondas migratórias e aglomerações de imigrantes completamente desamparados.

Em um panorama próximo, se encontram os milhares de refugiados e imigrantes africanos. Na África são quase 20 milhões de pessoas de 21 países da África que são deslocados internos forçados (ACNUR). Estima-se que 70% desses deslocados sejam mulheres e crianças, que vivem atualmente em situações críticas, e precisam de assistência humanitária e proteção.

Populações inteiras que fogem da escassez de alimentos e catástrofes naturais. Os períodos constantes de seca aliados a insegurança socioeconômica geram incerteza e medo quanto ao futuro. A difícil vida de muitas comunidades ou minorias, como cristão sem-terra muçulmana (com milícias como Boko Haram ou Al-Shabab), homossexuais, albinos (vistos como "malditos" em quase toda a África), soropositivos ou mães solteiras colabora também para o deslocamento. Ademais, os diversos conflitos armados, principalmente na Costa do Marfim, República Centro Africana, Líbia, Mali, Nigéria, República Democrática do Congo, Sudão do Sul e Burundi.



Figura 5 Refugiados são resgatadas por membros da organização humanitária Proactiva Open Arms no Mar Mediterrâneo. Foto: Aris Messinis/AFP.

O fluxo até o continente europeu cresceu nos últimos anos, principalmente vinda da África Subsaariana. Chegaram na Europa pelo menos 1 milhão de migrantes desde 2010, segundo o Relatório do instituto Pew Research Center. Em 2010 houveram 58 mil pedidos de asilo na Europa, e no ano passado esse número foi para 168 mil novos pedidos. O fluxo de migrantes não equivale, no entanto, ao número de pessoas que de fato vivem no continente —diversos deles migraram a outros lugares, por exemplo. O Pew estima que 4,15 milhões de migrantes da África Subsaariana residiam na Europa em 2017.

O que estes migrantes internacionais e refugiados tem em comum são o caos que encontram ao sair de seus países em conflitos. A fuga por uma vida melhor cobra um preço, não só pago aos traficantes humanos, mas também o preço da saúde física, psicológica e até da sua própria vida. Ao sair do seu país de origem, em rumos internacionais, os imigrantes de origem

5 Segundo Relatório de Tendências Globais de 2017 da ACNUR.

Africana e do Oriente Médio dão de cara com duras realidades. Os imigrantes, em busca de um novo destino incerto, arriscam suas vidas, como em uma das 5 rotas mais utilizadas para chegar a Europa, todas arriscadas e cobrando um grande esforço físico e mental, passando pelo deserto quente do Saara, pelos grandes campos abertos ou pela frieza do Mar Mediterrâneo.

Estima-se que 750 mil migrantes foram resgatados do Mar Mediterrâneo nos últimos anos, é a jornada mais perigosa para migrantes, com ao menos 33.761 mortes ou desaparecimentos registrados entre 2000 e 2017, segundo a ONU. Naufrágios nas balsas superlotadas e precárias de migrantes que atravessam o mar Mediterrâneo são comuns, além inúmeras pessoas que morrem em alto mar na jornada exaustiva – dias ao relento em alto-mar, com pouca água, sem higiene, sem conforto, espremidos dentre dezenas de imigrantes - por doenças ou desgaste físico. O Mar Mediterrâneo dessa forma, torna-se assim um 'cemitério de imigrantes'.

Os campos de refugiados, que muitas vezes são a 'melhor opção' oferecem condições de vidas precárias. Barracas sem isolamento térmico, pequenas, sem privacidade alguma, a higiene precária, o risco de doenças, a falta de equipamentos públicos essenciais como escola, hospital. Ademais, a insegurança extrema da situação. Muitas vezes, o país de acolhimento pode negar ou cancelar o asilo, expulsando todos os refugiados de uma só vez. As ONG's não possuem condições financeiras nem legislativas para maiores ações, causando assim um clima de incerteza e de periferização total.

A migração acabou gerando assim um caos político na Europa. A medida que os imigrantes aumentaram no continente, a xenofobia e opressão a essas nova minorias também aumentaram. A comoção internacional causada pelas imagens de Omran Daqneesh, de 5 anos, coberto de poeira, ensanguentado, e pelo corpo sem vida de Aylan Kurdi, de três anos, na praia – meninos que em suas curtas vidas apenas conheceram a guerra e o medo – foram tão efêmeras quanto a memória coletiva. Todos os dias, a população europeia, e do mundo, se depara om vídeos, notícias de crianças mortas. Ignora-se o fato da guerra ser brutal para a vidas milhões de crianças, privando-as de educação, saúde, além das milhares que são forçadas a trabalhar ou se alistar nas fileiras de guerra como crianças-soldados e para as meninas que são obrigadas a casar-se cedo. Segundo a ACNUR, cerca de 53% das pessoas em situação de refúgio são crianças.



Figura 6 Guardas civis espanhóis agredindo e expulsando imigrante africano na fronteira entre Marrocos e Espanha. Foto: REUTERS/Jesus Blasco.

Desta forma, são cada vez mais crescentes os partidos e políticas xenófobas, propostas de repúdio aos imigrantes, que elegeram ministros, governos e líderes ultranacionalistas em vários países. Observa-se o crescimento da extrema direita por toda a Europa, não somente na esfera política, como também na esfera civil. Países que procuram frear a imigração nas suas fronteiras, fechando-as com cercas e policiais armados, ou até mesmo reduzindo as operações de resgaste. Assim, para 'preservar' a nação, mesmo indo contra os Tratados Humanitários e acordos internacionais, alguns países europeus fecham as portas e os olhos as milhares de pessoas que pedem socorro no seu mar.

Os Estados Unidos também fazem crescer sua face ultranacionalista. A eleição do presidente Donald Trump, um ultraconservador, somente agravou a situação imigratória no pais. Um país composto por uma maioria latino-americana, e sociedade com base africana, no qual os imigrantes, historicamente, compunham a mão-de-obra laboral, mais barata, além da importância cultural. O país decretou novas leis rígidas em 2018. A tolerância zero imposta por Trump gerou o caos e a deportação de milhares de pessoas

indocumentadas. A decisão radical de processar criminalmente quem entra ilegalmente na fronteira e de enviar adultos para a prisão e crianças para abrigos, separando-os dos pais, nada mais representa o nacionalismo e xenofobia. As jaulas exemplificam bem o tratamento desumano aos migrantes. Donald Trump diz que a separação é triste, mas culpa os pais que entram ilegalmente no país e a oposição no Congresso pelo que está acontecendo. Ademais, a proposta de expandir, e colocar um muro de quilômetros entre a fronteira do México e dos EUA só demonstra a face violenta de tratamento aos 'invasores'.



Figura 7 Menores de 18 anos são retidos em centros de acolhida rodeados de cercas e que parecem jaulas. Foto: US Customs and Border Protection /AFP.



Figura 8 Migrantes viajam em cima do "La Bestia", o trem de carga que viaja da Guatemala até a fronteira dos EUA. Foto: A.Willians/DW.

As restrições, porém, não pararam as tentativas de imigração. As rotas perigosas de imigração ainda são comumente usadas, como a 'Fera'; trens de carga que atravessam o México até a fronteira norte-americana, onde os imigrantes correm o risco de serem atacados, mutilados pelo próprio trem, estuprados ou mortos por cartéis; ou a rota pela Bahamas que constitui um perigo e insegurança a alto mar; ou as rotas desérticas; todas matam centenas de pessoas que buscam o sonho americano. Novas rotas ainda mais perigosas são criadas, como as via alto-mar, que acabam colocando a vida desses imigrantes ainda em maior risco.

Ademais, nota-se também a diferença de vida entre imigrantes e nativos nos EUA. A população imigrante, hoje culmina nos 43 milhões de pessoas no país, sendo 11 milhões de pessoas em situação ilegal. As disparidades são evidentes quando se trata por exemplo da escolaridade, na qual grupos dependendo da origem oscilam entre a mais alta e mais baixa escolaridade. Ademais da evidente diferença do imigrante no mercado de trabalho, na qual imigrantes compões majoritariamente a mão-obra-laboral e braçal.

De tal forma, através de medidas de barramento nesses países pólos de imigrantes é exacerbada a lógica nacionalista, ocorrendo a naturalização do repúdio e do nacionalismo pelo próprio Estado, que tratam as migrações como 'anomalias a ordem'. O estado trata assim a cultura como imutável, com impossibilidade de intercâmbio (ALMEIDA 2007). A situação nova abala a percepção da nossa própria identidade, colocando e questionando a 'nova cultura', criando o outro como contraponto. Obriga a sociedade a repensar a questão dos fundamentos legislativos de cidadania e de Estado.

Os fluxos imigratórios são acentuados em países desenvolvidos, mas atualmente o fluxo parece mudar de eixo. O sentido comum de imigração era SUL-NORTE, rumo aos países mais desenvolvidos e com mais condições de desenvolvimento. Porém, estima-se que com as barreiras nacionalistas e obstáculos impostos pelos países de primeiro mundo, o eixo esteja mudando para SUL-SUL. Segundo a ACNUR, são os países subdesenvolvidos que abrigam a maioria dos refugiados atualmente, principalmente os países próximos aos locais de refúgio, como a Turquia Paquistão e Líbano, que mesmo sem condições financeiras boas, acolhem e recebem grandes massas de imigrantes refugiados de guerras principalmente. Países da América Latina também se destacam no recebimento de imigrantes e refugiados; já se destacava com o fluxo inter-regional de refugiados colombianos (devido a

situação da ASFARC) e de haitianos, além do fluxo de imigração econômica comum no continente. Apenas atualmente, com o grande aumento de fluxos todos os países começam a repensar e redesenhar suas medidas e políticas públicas, mas nem sempre no bom sentido.

Na verdade, nota-se no âmbito mundial a falta de políticas públicas e ações que poderiam ter evitado graves problemas atuais. A realidade é que a maioria dos países, se não toso, não possuem infraestrutura adequada para recebimento, acolhimento e abrigo ideal. A maioria dos abrigos é organizado de maneira improvisada, com ajuda externa (de ONG's), ademais, não há edifícios institucionais próprios para imigrantes e refugiados. Apenas em 2017, foi construído o primeiro Centro Humanitário em Paris, com abrigo e



Figura 9 Crianças refugiadas sírias caminhando pelo campo de Suruc, entre a Síria e Turquia. Foto: EFE.

estrutura de acolhimento. Inclusive existe muitos poucos abrigos projetados com esse fim. A maioria dos abrigos usa uma estrutura já existente, como na Holanda, em que uma cadeia vazia retomou as atividades funcionando como um abrigo para refugiados.

Dessa forma, muitos refugiados, sem amparo legal e físico optam por procurar lugar nas ruas. Na Europa, aumenta cada vez mais o número de moradores de rua, como na Alemanha, em que o número de pessoas sem-teto dobrou:

> Segundo um estudo da Federação Europeia de Organizações Nacionais que Trabalham com os Sem-Teto, a Alemanha, país que mais acolheu refugiados, teve um aumento de 150% no número de moradores de rua entre 2014 e 2016. O fenômeno é parecido com o que se viu na Inglaterra (crescimento de 169% entre 2010 e 2017), Irlanda (145% entre 2014 e 2017) e Bélgica (96% entre 2008 e 2016).
> (NAVARRO, Thais. Veja, 29 jun 2018)



Figura 10 Imigrantes dormem na rua em Atenas, na Grécia. Foto: Tyler Hicks/The New York Times, 2017.

Os refugiados dessa forma, sem acolhimento ou direcionamento acabam se tornando um grupo extremamente vulnerável. Principalmente crianças e jovens, que sem amparo familiar e governamental, se tornam vítimas do tráfico humano pela necessidade de itens básicos, como comida. Como meninas refugiadas rohingyas em Bangladesh, na Ásia, que são atraídas para longe com propostas de trabalho e acabam sendo vendidas. Ou como na Europa, em que muito refugiados em condição de rua apela para a prostituição – na Grécia cobrando até dois euros – e em seguida para o vício em drogas pelo desespero e falta de amparo. [6]

[6] Reportagem da BBC: Forçada a se prostituir aos 13: as meninas traficadas após fugir da perseguição.
Investigação da Global Post: Refugiados prostituem-se a 2 euros para conseguir sobreviver na Grécia.
Lucíla Rodríguez-Alarcón: Investigação 'Refugiado e Prostituído'

> Os campos de refugiados, mesmo parecendo estrutura simples, mas habitáveis, apresentam diversos problemas, como o isolamento dos refugiados em relação a cidade, a falta de instituições básicas como escola e hospitais, a falta de higiene, uma vez que os banheiros são coletivos ou nem há estrutura para isso. Depende do fundo monetário investido, algo que nem sempre é garantido. O caráter provisório também traz inseguranças aos moradores. Inúmeros casos de desmontes repentinos de campos de refugiados foram vistos,

Assim, a trajetória do imigrante jamais acaba, ele passa a existir na sociedade assim que atravessa e penetra em outro território, nasce de novo para a sociedade, com um novo rótulo, uma nova não-identidade (BORDIEU).

O processo de desenraizamento original iniciado pelo movimento imigratório gera a pela alteração da territorialidade consolidada, a modificação da relação originária do eu-lugar, o sair da terra natal, que significa deixar os lugares de infância, juventude ou idade adulta, responsáveis pela formação como pessoa e identidade. O percurso difícil, em aspectos físicos e mentais, os riscos. E mesmo na chegada encontra barreiras, repúdio. E em meio ao caos que sua existência gera, imigrante precisa reconstruir sua casa ao mesmo tempo que reconstrói a si mesmo (BACHELARD, 1993; TUAN, 1980).



Figura 11 Campo de Refugiados Daadab, possui 250 mil refugiados. O campo de extensão Ifo foi criado para lidar com os novos fluxos de refugiados vindos da Somália. Os novos abrigados viviam em áreas de risco. ©ACNUR/ B. Bannon / Julho, 2011.

2.2 CRISE NEOLIBERAL E COLAPSO DO MUNDO

O início do novo milênio é caracterizado por um espectro de desconfiança e insegurança geral. Insegurança econômica, ambiental, política e social que reverberam nos problemas atuais: o mundo encontra-se em uma Crise Humanitária Global, e por consequência, em um Crise Imigratória Mundial, que afetam principalmente a grande maioria pobre do globo. As migrações assim, são consequência do processo de desenvolvimento do capitalismo, industrialização e urbanização, são processos que se tornam cada vez mais complexos, principalmente no quanto as causas que originam esse contemporâneo fenômeno.

Robert Kurz explica que é necessário parar de dar explicações do tipo "o ser humano sempre fez guerras e sempre migrou" . Sabe-se que a história migratória não é nova, porém o fenômeno atual nunca ocorreu da forma e em tal grande escala como agora. A migração não ocorre por livre e espontânea vontade. É na verdade um processo totalmente coativo.[7]

A migração parte de uma relação-causa entre migração, guerras de ordenamento mundial e barbárie nos limites históricos do moderno sistema produtor de mercadorias; a situação atual do mundo seria determinada a partir de dois fenômenos: pelas guerras de ordenamento mundial e ações policiais globais do Ocidente sob liderança dos Estados Unidos e pelos movimentos migratórios volumosos e globais de uma ordem e de um tamanho provavelmente nunca vistos antes (ibidem, p.25). Assim, a transformação da sociedade capitalista numa situação mundial acaba por produzir uma sociedade de exclusão, na qual os seres humanos participam de um sistema onde se vende abstratamente sua mão de obra e integra uma engrenagem planejada para produzir acumulação infinita de capital (KURZ, 2005).

> Por outro lado, a intensidade e a complexidade, da mobilidade humana contemporânea trazem sérias interrogações em relação a suas causas. Trata-se de um fenômeno —espontâneo ou —induzido? Estamos diante de migrações —voluntárias ou —forçadas? Na realidade, tem-se a impressão de que a emigração maciça para os países do Norte do Mundo, antes que consequência da livre escolha de indivíduos, decorra diretamente da crise do atual modelo de globalização neoliberal que

[7] Robert Kurz, filósofo e historiador autor do 'O colapso da Modernização', em entrevista a Agência Carta Maior, 2005.

> concentra as riquezas e subordina o capital produtivo e gerador de empregos ao capital especulativo.
> (Robert Kurz)[8]

A migração internacional seria então causa e efeito de várias formas de conflito, de um fenômeno não-isolado, segundo Castles & Miller (1998, p. 20).

> A "globalização neoliberal", que se fortificou durante a década de 1970 (CASTLES, 2010, p. 14), vem imprimindo grande complexidade a esse cenário ao gerar uma evidente desigualdade econômica e concentração de riqueza no mundo. Analisando a relação dos processos migratórios com a globalização, percebe-se que "a globalização e as migrações internacionais andam de mãos dadas" (UNHCR, 2006, p. 12) e "a mobilidade humana é uma forma crucial de globalização" (CASTLES, 2010, p. 23), sendo que, nos últimos 30 anos, esse processo desenvolveu um grande aumento no fluxo migratório mundial e, em conjunto com as reconfigurações "das relações de poder político e militar, desde o fim da Guerra Fria, representa uma "mudança radical contemporânea" – uma nova "grande transformação" (CASTLES, 2010, p. 29).

O fim da Guerra Fria e o início do Imperialismo Norte-Americano marcaram um novo mundo. Um novo tipo de liberalismo se viu presente. O 11 de Setembro representou um marco para o novo século. Viu-se uma barbárie reacionária: do imperialismo belicista, financeiro e tecnológico, e de seus aliados (monarquias petroleiras no Golfo); retorno da extrema direita; e até do fascismo. O Plano de 'reorganização' do Oriente Médio, e o início da "Cruzada pela Democracia" e suposta ameaça de 'armas de destruição em massa' de Sadan Hussein levaram ao choque de barbáries e a tentativa de uma nova hegemonia da nova ordem mundial. A utopia do caminho da globalização neoliberal, que desfrutou do barateamento e dos avanços tecnológicos no âmbito da comunicação e transporte, um projeto econômico que prioriza empresas transnacionais, os grandes bancos e fundo de inversão. Um projeto que hipoteticamente permite e estimula a abertura de fronteiras para trocas materiais e simbólicas, a liberdade de circulação, do ir e do vir. Economia globalizada esta que imergiu o mundo em uma crise neoliberal estrutural e sistêmica, que levou ao cenário mundial multipolar, instável, baixo crescimento, desemprego estrutural e exclusão social crescentes, ataque aos direitos dos povos, desastres ambientais, caos geopolítico, e uma confusa assimetria multilateral (característica da atual desordem mundial), sem hegemonia, além da ditadura das finanças globais:

> O sonho neoconservador de prolongar o "momento unipolar" dos EUA nos anos 1990, e relançar a hegemonia global por todo o século 21, virou pesadelo. Nesse curto espaço de tempo, o governo de Bush Jr. atolou os EUA no pântano do Oriente Médio, com guerras desastrosas que minaram e desgastaram a superpotência imperial, desorganizaram a região, produziram o caos e a destruição de países, com centenas de milhares de mortes e milhões de refugiados, além de gerar "fábricas" de terroristas, especialmente o abominável Estado Islâmico. O reflexo desse fracasso foi tremendo, a ponto de impedir a gestão do Partido Democrata, de operar o planejado pivô da política externa para a região da Ásia-Pacífico (buscando retomar o protagonismo e operar a contenção da China). Durante oito anos Obama tentou, mas não conseguiu retirar os EUA do atoleiro do Oriente Médio. Tampouco os EUA de Obama conseguiu superar a crise de 2008 (que já vai completar uma década), o que expressa o esgotamento da globalização neoliberal, que jogou a economia mundial em uma longa recessão, com as significativas exceções da China (mas que foi obrigada a reduzir o seu alto patamar de crescimento), Índia, Austrália e dos países do Sudeste Asiático, o que também demonstra o relativo deslocamento de poder do Ocidente para o Oriente.
> (MANCUSO, Eduardo, Pouco Tempo para evitar a grande barbárie, 2017).

As imigrações seriam assim, no aspecto econômico e político, fenômenos do mundo moderno, postulados e consequências do liberalismo (adotado a partir do século XIX). A liberdade de ir e vir passam a ser alvo de uma série de restrições legais, pois a crise mundial leva os governos a interpretar as migrações como ameaças, fatores de desestabilização econômica e política. (VANESSA BATISTA, 2009, p. 68)

O "desenvolvimento" do liberalismo seria então somente econômico, desenvolvimento este que provoca a acumulação de riquezas. Uma globalização excludente na qual uma minoria de pessoas participa do mercado global em construção e uma minoria permanecem excluídas a margem. Nada mais é que um conjunto articulado de homogeneização e fragmentação do mundo, onde as diferenças e desigualdades são reordenadas e não supridas (CANCLINI, 2007). Inevitavelmente, torna-se insular, criando "ilhas" ou "oásis" da produtividade e rentabilidade, em torno das quais surgem desertos econômicos isolados de poder econômico e de trabalho.[9]Os aulados e imigrantes seriam produtos rejeitados da globalização. Consequência do

[8] Ibidem 2005.

[9] Robert Kurz, Travessias na desordem global, 2008.

fenômeno do encolhimento do poder do estado-nação no cenário do direito global, são assim dejetos indesejáveis a elite do poder global do mundo globalizado – e as políticas anti-imigratórias representam a necessidades de fim a massa de lixo humano.[10]

As restrições imigratórias aumentam a medida em que os fluxos se intensificam, com argumentações sociais e políticas de o medo de uma invasão migratória, superpopulação, os riscos de desemprego para os trabalhadores nacionais, a perda da identidade nacional, terrorismo., etc. Porém estas restrições das políticas migratórias podem ser consideradas simbólicas, pois tem na verdade outra finalidade: transformar os estrangeiros em bodes expiatórios, encobrindo, assim, as reais causas das crises econômicas e/ou culturais que atingem numerosos países do Norte.[11] Além disso, a manipulação midiática sobre os atuais conflitos e problemas que geram movimentos migratórios entra no imaginário coletivo, criando crenças e preconceitos contra determinadas populações. Dessa maneira, essa colocação do migrante, refugiado, aumenta cada vez mais a espiral da violência.

Os países do Norte, os grandes centros econômicos demonstram um fechamento das fronteiras em grande, escala, e um enrijecimento das normas e leis quanto a imigração. Medida hediondas e violentas anti-imigratorias nos Estados Unidos e na Europa – principais focos migratórios - tendem a aumentar ainda mais com os crescentes governos de direita. Cinicamente, o México teve sua produção agrícola afundada quando o NAFTA foi criado, na qual, o mercado mexicano foi inundado com produtos agrícola abaixo do preço, gerando ondas de desemprego e falência de pequenos camponeses, gerando uma movimentação rumo aas instalações industriais na fronteira do México, possuídas ou controladas na maioria

O caso da África também é emblemático. Um continente rico em matérias primas que teve por séculos seus solos explorados. Até 1855, o território africano era visto pelos europeus como um mero produtor de escravos. A Partilha da África, acordo feito entre as potências para dividir o continente entre elas tomado posse violentamente de um local, como se a região fosse inabitada, os europeus ignoraram o fato de que nestes territórios moravam tribos com costumes completamente diferentes e que, em muitos casos, eram inimigas entre si. A presença de nações europeias no continente africano durante os séculos XIX e XX deixou cicatrizes permanentes. A relação entre as antigas colônias e metrópoles influencia até hoje a vida social e a política. Atualmente, com o forte fluxo migratório de povos da África e do Oriente Médio para Europa, as marcas criadas no passado se tornam ainda mais evidente. Ainda hoje, mais de cem empresas britânicas e outras exploram em 37 países da África, recursos mineiros de milhões de dólares. Além disso, a França controla o Sistema Monetário de 14 ex-colônias africanas através do Franco CFA, e para a conservação da paridade, os países africanos devem entregar ao Tesouro Francês parte das suas reservas monetárias. A fome na África atinge 236 milhões de pessoas, segundo a ONU. Sendo dependente de ajuda externa, estima-se que 1 a cada 4 africanos passem fome. Ademais, os graves conflitos que matam e geram a violação de direitos humanos trazem consequências sociais devastadoras.

Assim, a 'crise dos imigrantes' nada mais é que um reflexo do passado de ações imperialistas e extorquidoras por países do primeiro mundo aos países que hoje sofrem as consequências da exploração e desterritorialização passada. Ironicamente, são estes mesmos países do Norte que hoje negam abrigo e ajuda para aqueles países que construíram, e constroem suas riquezas. O empobrecimento do Sul e as ondas de refugiados e migrantes são rios que nascem da mesma fonte.

O atual sistema econômico – que baseia os outros – permanente perpetua as desigualdades entre Norte e Sul no mundo; a proliferação dos conflitos e das guerras; a urbanização acelerada; a busca de novas condições de vida nos países centrais, por trabalhadores da África, Ásia e América Latina; a exploração ambiental continua; a existência de barreiras protecionistas**;** exclusão crescente dos povos, países e regiões e sua luta pela sobrevivência. Desta forma os imigrantes e refugiados não são nada além de órfãos de um sistema que tende a decadência, onde o livre comércio vale para as mercadorias e os serviços, mas não para os trabalhadores, os seres humanos.

[10] BAUMAN, Zygmunt. Vidas Desperdiçadas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor: 2005; p.84

[11] Sobre a questão do bode expiatório ver: GIRARD, René. *O Bode expiatório*. São Paulo, Paulus, 2004.

2.3 IMIGRAÇÃO E REFÚGIO NA AMÉRICA LATINA

O cenário da imigração e do refúgio do Continente da América latina evidencia-se como especifico devido a sua história e seus desdobramentos mais recentes. Todo um conjunto de fatores decaiu na nova onda migratória que ampliou ainda mais o cenário da migração no continente. Cenário este, que não muito diferente dos padrões mundiais, se caracteriza por exploração e periferização de uma classe migrante e/ou trabalhadora.

A América Latina da atualidade é marcada por cenários de pobreza e instabilidade que são feridas deixadas pelos regimes autoritários ditatoriais. Feridas tais que refletem na cultura de violência e impunidade e com uma precária tradição de respeito aos direitos humanos no âmbito doméstico. Após os anos 90, depois do reestabelecimento de regimes democráticos, os países latino-americanos viram-se marcados pela implementação de políticas econômicas neoliberais. Tais reformas estatais, foram justificadas como mecanismo de combate a crise econômica nos anos 80.

Acredita-se que tais medidas foram as que causaram, em todo o continente, o aumento de desemprego/subemprego; da pobreza regional. Dados comprobatórios demonstram que em 1990, o desemprego geral foi de 8,7%, indo até 24,5% e a 11% até o final do ano (OIT, 2000), tal transformação no mercado de trabalho, foi decorrente das novas políticas neoliberais, sendo refletidos no rebaixamento salarial e no aumento da informalização. Houve também um aumento do trabalho informal – sem seguros e direitos trabalhistas -, segundo a CEPAL[12] (2000) a cada 20 milhões de empregos novos, 18 milhões correspondiam ao setor informal.

Em suas reflexões sobre o neoliberalismo na América Latina, David Ibarra (2011, p. 240) observa que "acomodação neoliberal alterou a ordem interna dos países", alterando a distribuição de ingressos, as oportunidades de progresso, as metas de geração de emprego, e alargando a distância entre pobres e ricos. Segundo o autor, são escassos os avanços em corrigir a desigualdade e a pobreza se torna endêmica. Nesse sentido, ceder à utopia neoliberal trouxe a uma boa parte da população latino-americana desemprego e pobreza. O fosso social, resultante dessas políticas, estendeu e intensificou-se. A virada ao século XXI ficou marcada na América Latina pelo contingente de desempregados e pobres, advindos, em boa parte, do ajuste estrutural. A pobreza do continente, que já era um fenômeno histórico apenas se intensificou com o neoliberalismo do início do século XXI, que impuseram transformações abruptas marcadas pela desigualdade, gerando mais pobreza, contrariando a própria crença de mais empregos e menos pobreza que eram proposta desse novo viés econômico (CAMPOS, 2017).

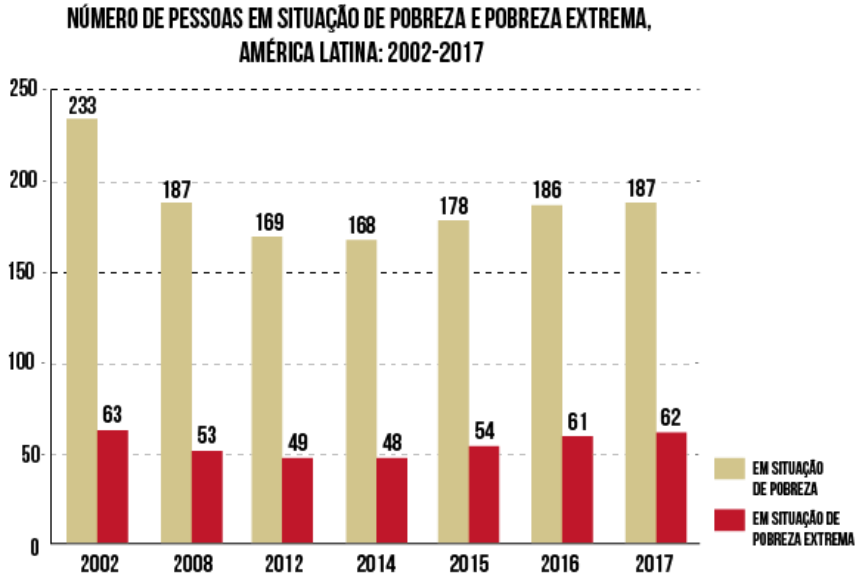


Gráfico 1 Número de pessoas em situação de pobreza e extrama pobreza, América Latina: 2002-2017. Fonte: CEPAL, BADEHOG.

O quadro da América Latina geral assim explica as ondas imigratórias formadas na última década, que consiste em grande parte em um movimento intraregional:

> O número de migrantes da região latino-americana aumentou de 21 milhões de pessoas, em 2000, para quase 25 milhões, em 2005, somando 13% do total mundial, sendo que a maioria da população migrante presente na região é oriunda da própria América Latina (58,7%), de acordo com a Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL). Entre as razões indicadas para o crescimento da emigração intra-regional, estão presentes a continuidade cultural, as raízes históricas comuns e a diminuição de emigração ultramar. Dessa forma, percebe-se a necessidade de impulsionar medidas para a governabilidade da migração internacional na perspectiva latino-americana, visando facilitar a

12 CEPAL, (2000).Panorama Social da América Latina. Santiago, Chile.

mobilidade, potencializar externalidades positivas e proteger os direitos humanos de todos os migrantes. Neste raciocínio, tem-se como exemplo a migração da Colômbia. A Organização Internacional para Migrações (OIM) calcula que de 1997 a agosto de 2002, 1,2 milhões de Colombianos tenham migrado para outros países, principalmente para o Panamá, Venezuela e Equador (CORREIA, 2008).

Segundo a OIM, a imigração entre países latino-americanos e caribenhos teve alta de 51% entre 2009 e 2014, com 36 milhões de migrantes. Desse total, 64% migraram entre países da região e 36% tiveram como destino nações de outros continentes. Essa proporção era bem diferente na década de 1970, quando quase 80% das migrações ocorriam para países de fora da região. Antes de tudo, é necessário conhecer a magnitude das migrações na América do Sul.

A Argentina, Brasil, Uruguai e Chile são os países mais procurados e que registram maior fluxo de entrada de imigrantes[13]. Esses países são escolhidos pelos imigrantes graças a diversos fatores, como o desenvolvimento econômico na última década - que se deu em muito graças aos acordos de livre comércio (ALADI E MERCOSUL)[14] que contribuíram para uma maior movimentação econômica regional -, pela proximidade geográfica, uma vez que dados mostram que a maioria dos imigrantes provém de países fronteiriços, e leis de incentivo a imigração e leis que protegem os imigrantes pela facilitação de obtenção de documentos, diferentemente das políticas restritivas adotadas na Europa e EUA na última década. O continente latino-americano se caracteriza historicamente desta forma, como um continente receptível e 'aberto' a imigrantes. No aspecto econômico, político e social. Várias nacionalidades penetraram nos últimos anos nos países latinos, de uma onda regional, até mais recentemente, uma onda mundial de fluxo. A tendência dos números de imigração é somente subir nos próximos anos.

O Brasil, o país protagonista econômico da América do Sul, atualmente tem 1,5 milhão de estrangeiros. Sem contar os ilegais, cujos não há registros precisos, mas de acordo com estimativas variam entre 100 mil a 500 mil. Somente na Argentina a população imigrante equivaleria a 4,5% da população total (OIM).

13 Segundo Artola, diretor da OIM.
14 Associação Latino-Americana de Integração e Mercado Comum do Sul.



Figura 12 Na ditadura argentina, militares tentaram, sem sucesso, acabar com a Villa 31. Dados do Ministério Público indicam que metade da população das favelas portenhas é formada por imigrantes. Foto: Sergio Goya/Agência Pública.

A imigração intracontinental é tão marcante que nota-se nas cidade principais dos países latinos a criação de vilas de imigrantes. Como o bairro Liniers, em Buenos Aires na Bolívia, que abriga comunidades peruanas e bolivianas, e segundo os moradores, muito se parece Santa Cruz de La Sierra ou Lima no seu aspecto formal e de funcionamento. Outro exemplo é a Villa 31, localizada também em Buenos Aires. Uma favela composta por uma grande maioria de imigrantes andinos, que é completamente periferizada e discriminada pelo resto da cidade. As maiores taxas de pobreza se locam por essa área.

A imigração latino-americana na Argentina está marcada pela invisibilidade. A maioria dos imigrantes está diluída nas favelas e nos bairros pobres de Buenos Aires como a Villa 31, que cresceu ao lado de uma das avenidas mais valorizadas da cidade, a Libertador. As vielas apertadas estão repletas de rostos andinos (que algumas vezes pode ser de um argentino de Jujuy, norte do país), camisas do Olimpia ou Alianza Lima e restaurantes que oferecem chicharrón.

> "Já trabalhei na casa de uma família na cidade que me pedia para eu não dizer que morava na Villa 31", recorda a boliviana Vanesa Valderrama, 29 anos, nove deles na Argentina.
> Apesar do alto número de latinos, a imigração argentina continua heterogênea: há muitos africanos (senegaleses e nigerianos), fenômeno relativamente recente e com quase todos dedicados ao trabalho ambulante, e, claro, europeus, ainda que num fluxo imensamente inferior ao que foi no passado.
> (FERRAZ, Lucas. Agência Pública. 2017.)

Um cenário semelhante é encontrando também em países como o Equador, Chile e Brasil, onde imigrantes latinos, principalmente de países mais pobres do continente, buscam emprego e moradia. No continente as políticas migratórias adotadas concentram-se nos migrantes laborais, caracterizados, em sua maioria, pela baixa qualificação e renda – embora não haja estatísticas para toda a região, pois há também a grande quantidade de trabalho informal. Em segundo lugar, destaca-se a migração de executivos ou investidores corporativos, que passaram a investir ou ocupar posições de alta gerência em países da região. Um terceiro grupo é formado por estudantes que migram para aproveitar custos menores de instrução ou bolsas de estudo de pós-graduação. Apesar de muito pouco analisado, esse grupo é crucial para o futuro da integração regional. Por fim, um quarto grupo é composto pelos refugiados. A Colômbia responde por ampla parcela dos fluxos migratórios dessa natureza, mas outros países da região experimentaram processos similares.[15]

Ao continente também chegam imigrantes de países com problemas de conflitos, como o Afeganistão e a Síria. Segundo os dados da ONU, até agora chegaram ao continente 5.413 imigrantes sírios como refugiados, sendo que 87% deles optaram pelo Brasil. Outros escolheram o Equador, o Uruguai e o Paraguai. Um dos motivos para escolher o Brasil, é o fato de haver uma população de 8 milhões de árabes no país. Os sírios pensaram por isso que aí não haveria um choque cultural, para além do Brasil também ter facilitado a abertura das suas portas. Assim como este, o Equador também recebeu um número considerável de afegãos e sírios nos últimos anos.

Em 2010 viu-se um reordenamento de políticas migratórias no continente em função do Terremoto do Haiti que devastou o país mergulhando-o ainda mais na miséria, e gerando uma onda de imigrantes oriundos dos problemas do país. Segundo a ONU, o Brasil é o país com o maior número de haitianos. Até o fim de 2016, 67 mil residências haviam sido concedidas, entre temporárias e permanentes. No Chile foram 18 mil permissões até o fim de 2015 e na Argentina menos de 1,2 mil.

Estima-se que no Chile nos últimos anos o número total de haitianos tenha chegado a 100 mil. Em cidades como Santiago, formaram-se 'pequenas Haitis' como os moradores chamam. Bairros de maioria hatiana como o bairro Quilicura. No México, na fronteira com os EUA, os subúrbios abrigam centenas de imigrantes haitianos, formando assim pequenas comunidades haitianas. Apesar da coletividade, muitos haitianos ainda sofrem discriminação, refletido nos baixos salários, trabalhos exploratórios e moradias precárias.



Figura 13 Imigrantes haitianos, en el barrio Quilicura de Santiago. Foto: AFP/ Martin BERNETTI.

Uma nova onda migratória que surgiu recentemente no continente foi a onda de refugiados venezuelanos, o chamado 'Êxodo Venezuelano'. Não se sabe ao certo quantas pessoas já abandonaram a Venezuela para escapar da grave crise político-econômica, mas segundo a OIM, 2,3 milhões de pessoas deixaram a Venezuela, o equivalente a 7% da população total do país. A ONU alerta a situação de crise que, se comparada com a crise europeia, pesa mais: em quatro anos, 1,8 milhão de imigrantes entraram no continente europeu.

[15] Marmora, Lelio. Las migraciones en el proceso de integracion de las Americas. In: *Estudios Migratorios Latinoamericanos*. vol. 8, n. 23, 1993, pp. 85-92.

A grave crise social, econômica e política da Venezuela deixou de ser um problema exclusivo do país caribenho e se tornou um quebra-cabeça para toda a região. As principais potências latino-americanas pressionaram em vão nos últimos anos para obter uma saída para os rumos autoritários de Nicolás Maduro. O problema agora vai além. A migração de venezuelanos, uma enxurrada que supera os 2,3 milhões desde 2014, colocou em xeque os Governos da América Latina, que veem como a chegada maciça desses cidadãos aos seus países pode colapsar as infraestruturas locais e já começa a gerar surtos de xenofobia. Os principais países da região buscam uma resposta coordenada para a crise, que, dão como certo, deverá se agravar depois das últimas medidas econômicas de Nicolás Maduro.



Figura 14 Venezuelanos entrando na Colômbia. Foto: Luis

A Colômbia é o termômetro pelo qual todos os Governos se medem. Desde o começo da crise no país vizinho, já recebeu quase um milhão de venezuelanos. A maioria entrou por acessos terrestres oficiais, mas 45.000 usaram os caminhos irregulares que se escondem nos mais de 2.000 quilômetros de fronteira comum. Os venezuelanos que seguem a rota para o sul da região – rumo a países como Equador, Peru e Chile – percorrem de ônibus os mais de 1.000 quilômetros que separam a fronteira com a Venezuela. Dada a magnitude do fluxo migratório, as autoridades colombianas estão conscientes de que não podem exigir o passaporte como requisito de entrada no país, como decidiram o Equador e o Peru para controlar a onda de recém-chegados.

Segundo a ONU, os setores mais vulneráveis dentro da população venezuelana refugiada — incluindo adolescentes, mulheres e crianças desacompanhadas — não têm capacidade de atender aos requisitos de documentação e, portanto, correm maior risco de exploração, tráfico e violência. A Colômbia, o país que mais recebe refugiados venezuelanos, também denunciou as medidas tomadas por seus vizinhos, alegando que favorecem esquemas de migração clandestina.

Segundo Almargo, a situação por si só é desesperadora pela falta de acesso a direitos sociais básicos por parte do povo venezuelano; o colapso da saúde, da educação, da segurança, das capacidades públicas de prover água e eletricidade e de atender as condições mínimas que a sociedade exige para sobreviver. Porém a crise na Venezuela não tem previsão para acabar, o que siginifica que o número de refugiados na América Latina só tenda a aumentar.



Mapa 2 Destino dos refugiados venzuelanos na América Latina.
Fonte: El Comércio, ONU, El Tiempo, 2018.

IMIGRAÇÃO E REFÚGIO NO BRASIL

03.



Figura 15 Uma mãe e criança do grupo indígena Warao do Leste da Venezuela são vistas perto do viaduto em um terminal de ônibus em Manaus, Brasil. Foto: REUTERS/Bruno Kelly.

3.1 IMIGRANTE E LEGISLAÇÃO BRASILEIRA

A formação da população brasileira não pode ser escrita sem considerar os processos de imigrações e os imigrantes que formaram em conjunto com os nativos indígenas, a sociedade que o país é atualmente. Ademais, nos mais de 500 anos de história, a migração sempre foi importante pela necessidade de mão de obra nos ciclos de crescimento econômico: "A tríade crescimento, migração e trabalho encontra-se no centro do processo de conformação da sociedade brasileira" (DEDDECA, 2016).

A construção étnica, econômica e social do país, iniciou-se na época do descobrimento das Américas, na qual os portugueses chegaram a solos habitados por Índios e colonizaram forçadamente as terras indígenas. Em seguida, o segundo fluxo imigratório depois dos portugueses foi a imigração forçada de milhares de africanos para trabalho escravo na lavoura cafeicultora, processo que durou três séculos, e que hoje influencia diretamente na composição étnica brasileira, onde os negros representam 54% da população total (IBGE, 2015).

Além da imigração africana, a imigração europeia era bastante incentivada na colônia, com objetivo de povoamento. Após a abolição da escravatura, em 1880, a imigração internacional ganhou força, numa onda migratória constituída por europeus e asiáticos, indo de 1820 a 1970 o número para 5,6 milhões (DIÉGUES JÚNIOR, 1980, p. 125). A imigração partia de interesses antagônicos, pois era uma política migratória subordinada aos interesses econômicos do país. Haviam muitas restrições políticas contra grupos de imigrantes japoneses, chineses e asiáticos respaldadas em implicações socioculturais: e a preferência clara pelo imigrante europeu (MARTINS, 2009, p. 66).

> Como "doutrina orgânica da história" (conforme Arendt 1976), o racismo chegou ao Brasil, na condição de ciência, nas últimas décadas do século passado; e o pressuposto determinista contido na idéia de raça aqui divulgada foi aceito pelos homens de ciência e incorporado ao discurso político. Também neste nosso país tropical se manifestou a "vocação prática" do racismo para planejar a nação: um Brasil moderno, branqueado através do amplo incentivo à imigração européia.
>
> (...) Abolição e imigração são dois temas discutidos juntos — a escravidão condenada como impecílio ao desenvolvimento econômico e à imigração, e, por conseguinte, à civilização. Neste discurso, os negros e mestiços representam as raças inferiores que dificultam a construção de uma nação moderna — indivíduos incapazes de competir livremente no mercado de trabalho.
> (GIRALDA SEYFERTH, 1995, p. 79)

A partir de 1908, o país abriu as portas para a imigração japonesa, pelo Convênio de Taubaté para a valorização do café. Apesar disso, o próprio decreto de Lei 7.967/1945 regulamentava a entrada de imigrantes e impunha: "a necessidade de preservar e desenvolver na composição étnica da população, as características mais desejáveis de sua ascendência europeia" (Alencastro, 1998, p.51). A partir dos anos 50, houve um afrouxamento das restrições, havendo assim uma grande entrada de japoneses, italianos, portugueses, etc., para trabalhar na indústria e agricultura que cada vez mais cresciam no país. A partir da década de 60 ocorre o declínio da imigração, e pela primeira vez a reversão, na qual o úmero de emigrantes brasileiros aumenta drasticamente.

Em questão de direitos legais a imigrantes e refugiados, o Governo Brasileiro instituiu e começou a usar em legislação os termos 'imigrante' e 'refugiado' somente depois da segunda metade do século XX. O Brasil aderiu a Convenção de 1951[16], que tratava da situação dos refugiados, apenas em 1960, tendo pouca atuação no país devido ao regime ditatorial da época. A presença e atuação da ACNUR, porém só se deu duas décadas depois, em 1982. A implementação do Estatuto do Refugiado[17] no país ocorreu apenas em Julho de 1997, quando foi sancionada a Lei Federal nº 9.474/97, que trata sobre o tema do refúgio e estabelece direitos, deveres e procedimentos normativos.

Sobre a imigração fora do quesito 'refugiados', deu-se a implementação e criação do Estatuto do Estrangeiro em 1980, sendo este caracterizado por uma preocupação na questão da segurança militar e nacional, uma vez que sua criação foi em plena Ditadura Militar. Dessa forma o Estatuto possuía várias limitantes, principalmente políticas, atendendo ao interesse nacional do momento, usando termos como "segurança nacional" e "defesa do trabalhador nacional" em um viés defensivo e protecionista.

[16] A Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados foi formalmente adotada em 28 de julho de 1951 para resolver a situação dos refugiados na Europa após a Segunda Guerra Mundial. Esse tratado global define quem vem a ser um refugiado e esclarece os direitos e deveres entre os refugiados e os países que os acolhem. A Convenção consolida prévios instrumentos legais internacionais relativos aos refugiados e fornece a mais compreensiva codificação dos direitos dos refugiados a nível internacional. (ACNUR, 2018)

[17] Verificar Anexo 1.

Apenas em 2017 é que o Estatuto foi revogado, sendo criada também a Lei da Imigração[18].

As legislações recentes assim são avançadas: o estabelecimento de direitos e deveres, a abertura para o diálogo social, a igualdade de oportunidade, institucionalização de visto humanitário, além da abordagem a xenofobia e racismo. Porém, apesar do avanço na Lei, a prática torna-se diferente da teoria, a realidade dos imigrantes e refugiados é outra no contexto vivido brasileiro.

3.2 IMIGRANTES E REFUGIADOS NO BRASIL

O século XXI trouxe uma nova configuração de fluxos imigratórios para o Brasil. A complexidade do novo cenário geopolítico e econômico do mundo e do Brasil aumentaram expressivamente a presença do mesmo no cenário migratório mundial. Apesar de não receber historicamente fluxo intensos como Estados Unidos e Europa, o país se tornou notável na paisagem migratória nos últimos anos, sendo um dos principais polos na América Latina. Segundo a Policia Federal, o número de imigrantes registrados nos últimos anos, aumentou 160% em dez anos (2006 a 2016).

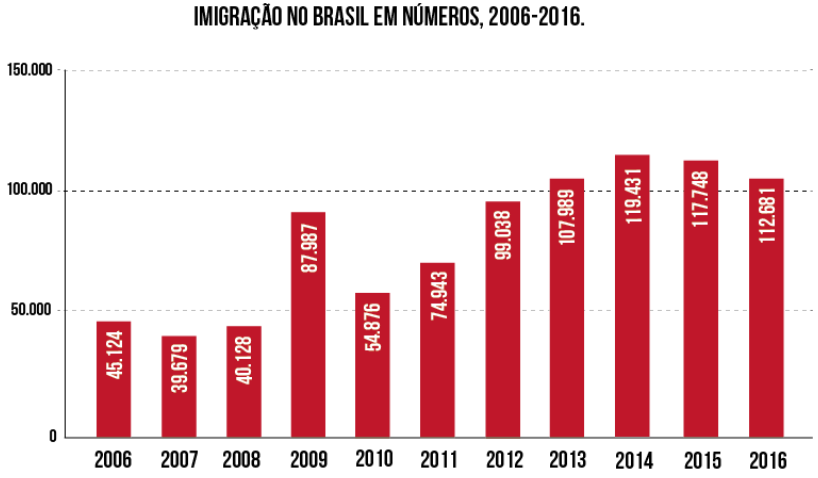


Gráfico 2 Imigração no Brasil: Número de imigrantes registrados pela PF por ano. Fonte: Polícia Federal, 2017.

[18] Verificar Anexo II.

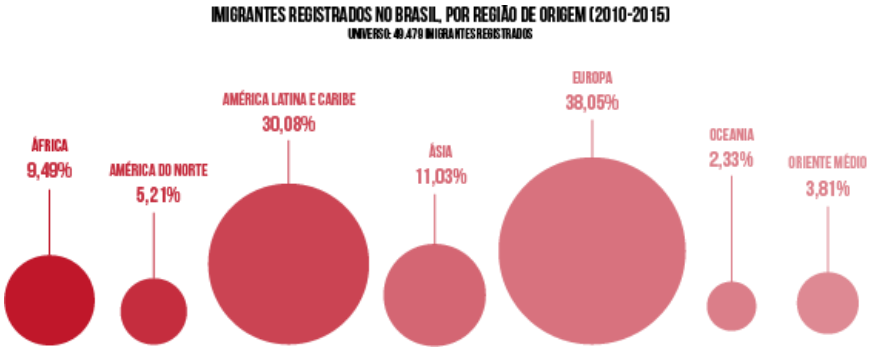


Gráfico 3 Imigrantes refugiados por região de origem (2010-2015). Fonte: ACNUR, 2017.

Segundo dados divulgados em 2017, estima-se que 690 mil imigrantes estejam no país de forma permanente, e 359 mil temporariamente, somam-se a estes números os chamados fronteiriços (14.551) e os não informados, equivalendo assim a quase 1,06 milhão de imigrantes vivendo no Brasil. (Relatório de 2016, Ministério da Justiça)[19]. Mais de 94 mil estrangeiros entraram no Brasil em 2016, de acordo com o relatório anual de inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro, divulgado nesta quarta-feira (13) pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra). Segundo a Polícia Federal, os imigrantes registrados totalizam em porcentagem 0,4% da população, fora a quantidade de imigrantes em situação ilegal que possivelmente é grande.

De fato, os movimentos imigratórios recentes tiveram início após a aprovação do Estatuto do Estrangeiro. A partir de 1980 é que pode-se identificar um considerável fluxo hispano-americano no país, principalmente oriundos da Bolívia, Peru, Paraguai e Colômbia.

> Bolivianos eram 9.945 em 1970, aumentaram para 10.342 em 1980, já eram 11.938 em 1991 e chegaram a 14.642 em 2000; o número de peruanos, respectivamente, foi de 2.141, 3.221, 4.468 e 8.232; os colombianos foram contados em 805, 1.228, 1.694 e 3.269 (IBGE, Censo 2000)

Outro fluxo iniciado na época foi também o africano, em função da Guerra Civil Angolana que afligia os países africanos, dentre outros conflitos. Em 2000, viviam no Brasil 1.054 africanos regularizados de 38 nacionalidades,

[19] Feito em parceria com o Observatório de Imigrações, Ministérios das Relações Exteriores, Justiça e do Trabalho, que dividem a responsabilidade contabilizar os números a partir de registros sociais que possuem, como o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), a Rais e o registro alfandegário.

mas o número saltou em 12 anos para 31.866 cidadãos legalizados provenientes, um aumento de 3000%, de 48 das 54 nações do continente. Ambos fluxos dirigidos principalmente para grandes metrópoles como São Paulo, focando-se em setores do mercado de trabalho.

A crise econômica de 2007 que afetou os Estados Unidos, e em 2008 afetou o mundo, principalmente a Europa e Japão acarretaram na mudança de eixos de fluxos, gerando uma movimentação SUL-NORTE para SUL-SUL. De acordo com os autores Patarra e Baeninger (1995) Souchaud e Carmo (2006), Patarra (2012), o Brasil ampliou seu potencial atrativo para imigrantes internacionais através do fortalecimento de influência política e econômica no nível mundial, principalmente entre os países da América do Sul, que possuem o Brasil como referência regional.

> Conforme dados do Ministério da Justiça, em 2010 em torno de um milhão de estrangeiros de diversas nacionalidades viviam regularmente no Brasil, entre eles 270 mil portugueses, 92 mil japoneses, 69 mil italianos, 58 mil espanhóis, 39 mil argentinos, 33 mil bolivianos, 28 mil alemães, 28 mil uruguaios, 28 mil americanos, 27 mil chineses, 16 mil coreanos, 16 mil franceses, 13 mil libaneses e 10 mil peruanos, enquanto o número de brasileiros no exterior chegava a 4 milhões de pessoas (BRASIL, Ministério da Justiça, 2010).

As aberturas geopolíticas proporcionadas principalmente pelo Mercosul, e o advento do crescimento econômico do Brasil incentivaram uma crescente imigração Latino-Americana para o Brasil. Segundo dados do SINCRE, imigrantes oriundos da América Latina e do Caribe constituem atualmente o segundo maior grupo de estrangeiros do país, estando somente atrás dos Europeus. Dentre o grupo Latino-Americano destaca-se como maior o Boliviano, que segundo o OBMigra, em 2016, totalizava 81 mil bolivianos registrados.

Segundo Patarra (2006) os fluxos imigratórios latino-americanos se destinaram historicamente para duas áreas: regiões de fronteira e regiões metropolitanas, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro. A maioria dos imigrantes assim veio em busca de trabalhos que não exigissem qualificação e nem documentos, representando uma mão de obra de baixo custo. A maioria destes imigrantes, sob condições precárias de trabalho se encaminha para trabalhar no ramo de confecções, comércio e serviços. Destaca-se em São Paulo o ramo da costura, que se tornou o principal devido ao processo de substituição de mão-de-obra coreana pelos bolivianos e outros latinos

Essa comunidade latino-americana pode ser facilmente vista em bairros comerciais e de costura, em São Paulo, além de estarem presentes em vários antros e cidades. Reafirma-se assim a importância desse grupo, que apesar de ser um dos maiores, é também um dos mais atingidos pela burocracia estatal e xenofobia social.

A tendência de imigração também se caracteriza na maioria acidades e regiões mais desenvolvidas, em função da maior possibilidade de emprego e ascensão econômica.

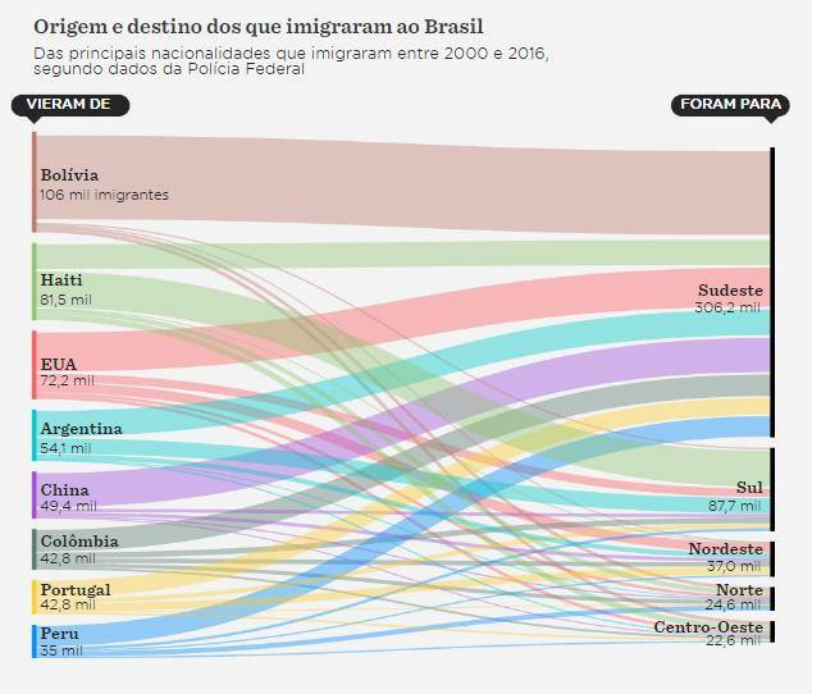


Gráfico 4 Origem e destino dos que imigraram ao Brasil, 2000-2016. Fonte: Polícia Federal.

O grupo de imigrantes do Oriente Médio destaca-se em ascensão nos últimos anos. As solicitações de refúgio e imigrações se dão pelas continuas guerras e conflitos que assolam a região, gerando um movimento migratório 'novo' no pais. Dentre os países de origem mais expressivos, encontramos o Líbano (19,26%), seguido da Turquia (14,59%), Israel (11,67%) e Irã (11,41%). Merecem destaque também os egípcios (9,92%) e os sírios52 (7,64%), segundo a ACNUR, 2017.

Avistando-se a imigração do viés do refúgio nota-se uma tendência forte de crescimento nos últimos anos. Segundo a ACNUR, o Brasil reconheceu até o final de 2017 cerca de 10.145 refugiados de diversas nacionalidades, além de haver aproximadamente 85.000 solicitantes de refúgio em aguardo, que somados a estrangeiros que receberam permissão temporária equivalem a cerca de 150 mil pessoas.



Gráfico 3 Refugiados reconhecidos no Brasil, 2007 - 2017. Fonte: Polícia Federal, 2017.

A partir 2011-2012 notou-se um grande aumento do número de pedidos de refúgio, especialmente por Haitianos, em decorrência especificamente do Terremoto do Haiti, ocorrido em 2010, que deixou mais de 300 mil mortos e milhares de feridos.

A vinda dos trabalhadores haitianos foi motivada pelo agravamento das condições econômicas e sociais do Haiti. Com dificuldade de imigração aos Estados Unidos, grande fluxo foi dirigido ao Brasil. Um caso especial de refúgio ambiental, que, porém, devido à falta de amparo legal, acabou se tornando um abrigo de ajuda humanitária pela CNig, sendo concedida permanência humanitária aos haitianos em busca de refúgio, havendo concessão de protocolo que permitia emissão de CPF, Carteira de Trabalho e Previdência Social.

Desde 2010 até meados de 2015, segundo o Ministério da Justiça, foram concedidos aproximadamente 52 mil vistos a haitianos, número que não expressa totalidade real de haitianos no Brasil, uma vez que existe uma grande parcela de imigrantes em situação irregular no país.



Mapa 3 Solicitações de reconhecimento da condção de refugiados por país de origem em 2017. Fonte: Polícia Federal, 2017.

Assim, a crise migratória no país de destino foi revelada a partir da presença haitiana no Brasil, que encontrou uma sociedade despreparada e antiquada em termos de sua legislação migratória, de sua capacidade em dimensionar e mensurar o fluxo migratório, na falta de políticas de acolhimento e de emprego, no preconceito, no racismo e na manifestação de xenofobia em relação a essa população imigrante. O reflexo imediato disso foi o redesenho da fronteira brasileira – espaço predominante, até então, de trânsito entre países vizinhos – que se tornou a porta de entrada da imigração transnacional haitiana e, posteriormente, senegalesa, entre 2011 e 2015. A trajetória migratória pela fronteira indicava o não recebimento do visto no Haiti, implicando solicitar a "condição de refugiado", ao entrar no Brasil, e, posteriormente, se autorizado, ter a concessão do visto humanitário: representação simbólica da migração de crise no campo social dessa imigração (PERES; BAENIGER, 2017).

Em 2017, cerca de 33. 866 pessoas solicitaram refúgio no país, apresentando um quadro agravante de crescimento e tornando o país um dos principais focos no fluxo de refugiados na América Latina. Destes, os venezuelanos representam mais da metade dos pedidos realizados, com 17.865 solicitações. Na sequência estão os cubanos (2.373), os haitianos (2.362) e os angolanos (2.036). Os estados com mais pedidos de refúgio são Roraima (15.955), São Paulo (9.591) e Amazonas (2.864), segundo dados da Polícia Federal, de 2017.

Os venezuelanos aqui se apresentam como um dos principais – se não o principal – fluxo de refugiados atual na América Latina e no Brasil. Um enorme número de venezuelanos cruza suas fronteiras em busca de melhores condições de vida, indo principalmente aos países mais próximos, dentre eles o Brasil.

A crise humanitária provocadora de tal fluxo foi causada pela instabilidade política e econômica, e conflitos externos, que levaram ao desemprego, alta inflação, recessão econômica, escassez de recursos básicos e violência. Um caos político aliado a crise econômica e social, que tiveram como estopim a fuga de milhares de venezuelanos do país.

Mais de 30 mil venezuelanos atravessaram as fronteiras em direção ao Brasil, em 2018, segundo o . Em 2015 haviam apenas cerca de mil venezuelanos morando no país, já em 2017 o número multiplicou-se indo para 17 mil venezuelanos atravessando a fronteira para obter refúgio. Estima-se que 10 mil tenham entrado no país no primeiro semestre de 2018. A principal localidade de acesso é o Município de Pacaraima, em Roraima

Desta forma, com base nos dados da Coordenação Geral da Polícia Federal, em três anos a população venezuelana aumentou 3000% no país. Mas o êxodo venezuelano não tem previsão de fim, pois de acordo com o FMI, a previsão é que a economia da Venezuela encolha em 12% até o final de 2018. A inflação e recessão levaram o governo a tomar medidas extremas como controle de preços e retenção de dólares, que que geram escassez de produtos básicos e essenciais a população, faltam alimentos, e segundo a ONU, 3,4 milhões de pessoas passam fome atualmente.

PROJEÇÃO DO NÚMERO DE IMIGRANTES VENEZUELANOS NOS PRÓXIMOS ANOS

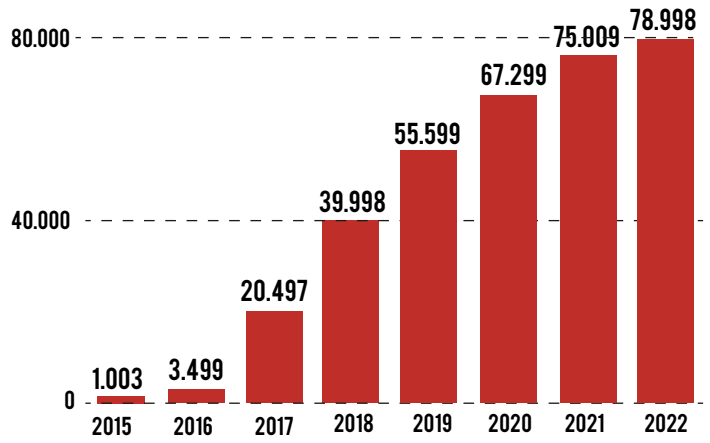


Gráfico 4 Projeção de número de imigrantes venezuelanos no Brasil. Fonte: IBGE, 2018.

Do total de venezuelanos que imigraram para o Brasil, o IBGE aponta que 99% está em Roraima, na cidade fronteiriça de Pacaraima e, também, na capital Boa Vista. A população do estado é estimada em 576,6 mil habitantes, e a da capital em 375,4 mil. Estima-se que 2% da população refugiada venezuelana atual tenha se fixado no Brasil até Abril de 2018. Os refugiados iniciais foram encaminhados a cerca de nove abrigos no Estado, e vários outros foram levados a outros estados, como a Amazônia, São Paulo e Cuiabá.

Nota-se o problema de omissão governamental. Sem fundos e orientações, o Estado de Roraima se encontra em uma situação decadente. Os refugiados são vítimas de descaso federal. Assim, vários imigrantes se encontram morando nas ruas ou em espaços públicos, além dos vários acampamentos improvisados.

O desentendimento entre governo estadual e federal com essa crise humanitária refletiram diretamente nas condições de vidas desses refugiados, vários casos de xenofobia foram vistos em Boa Vista, cidade com maior aglomerado de imigrantes. A medida que o tempo sem ações efetivas governamentais passa, aumenta o nível de violência desses atentados.

> Os equipamentos públicos são muito deficitários em todo o estado e no interior isso é pior, e a população começa a nutrir um sentimento de que o Estado está cuidando da fragilidade dos imigrantes, mas não cuida da sua própria população.
> Não há gestão da crise humanitária porque não há diálogo entre os governos.
> Carol Scorce, Carta Capital, 20/08/2018

Os movimentos imigratórios no Brasil acolheram mais de 70 diferente nacionalidades e etnias. Africanos, europeus, asiáticos sul-americanos, indígenas, todos contribuíram para construção econômica do país, que possui como característica nacional a miscigenação. Tamanha miscigenação que pode ser justificada no furto comum de passaportes, pois o Brasil se caracteriza por ter diversas etnias, podendo a maioria se passar por cidadão brasileiro. Apesar do país contar mais emigrantes que imigrantes, o número real de imigrantes tende a ser maior, já que as instituições oficiais não contabilizam os permanentes ilegais. E são justamente este, os mais vulneráveis da sociedade brasileira, que se tornam suscitáveis a exploração, a subjugação, além de não terem acesso a direitos básicos de cidadania, como saúde, escola, salário garantido, são praticamente invisíveis.

3.3 ASPECTOS DA IMIGRAÇÃO

A sociedade brasileira é conhecida mundialmente como uma população acolhedora a diversidade, justamente pelo fato de ser uma sociedade multifacetada e uma grande heterogeneidade em etnias, sexualidades e crenças. Porém a realidade brasileira demonstra que a tão falada Democracia Racial brasileira não passa de um mito que contradiz os preconceitos existentes e enraizados no país.

Os imigrantes que vêm ao Brasil, principalmente aqueles de origem não brancas, encontram um cenário existencial difícil. Encontram dificuldades em vários aspectos vivenciados, iniciando-se na dificuldade de legalização e regularização devido as burocracias impostas pelo Estado por exemplo. Nesse cenário, a dificuldade é ainda maior para refugiados, que em muitos casos dependem do Estado para legalizar sua condição. Ademais, a barreira cultural é grande, num aspecto social, racial e de idioma.

CULTURA E XENOFOBIA

Ao chegar no Brasil, os imigrantes e refugiados, que na maioria já se encontram instáveis pelas suas condições sociais e financeiras, se deparam com um choque cultural. Segundo Hofstede (1997), as diferenças culturais se dão por meio de símbolos, heróis, rituais e valores. Tais elementos vão por diversos níveis, sendo o nacional um deles, contendo este a língua, o sistema educacional, o sistema político, produtos, serviços e outras identidades da nação.

Tal diversidade dessa forma gera conflitos sociais e psicológicos. Além da problemática externa, o imigrante deve lidar com um profundo estresse e problemas psicológicos causados pela dificuldade de identificar-se com o lugar-ser e existir nesse novo lugar. As dificuldades básicas como idioma são fatais. A comunicação como um fator vitalício torna-se quase nula, e o imigrante encontra-se isolado em si. Ademais, ao chegar em um lugar novo, sem uma rede social para dar amparo ou uma cultura local para identificar-se o imigrante se vê desestabilizado. Segundo Marandola Jr. (2008), a quebra da ligação do ser-lugar gera um abalo na segurança existencial e identidade territorial do imigrante, tornando-o assim suscetível a angustia, ansiedade e sofrimento, tendo a necessidade de enraizar-se no lugar de destino ou de manter vínculos com o lugar natal.

O aspecto cultural, porém, vai além da dificuldade no idioma, na comunicação e cultura local: a xenofobia é uma face desse choque de culturas, sendo um dos maiores problemas enfrentados pelo imigrante, uma vez que o atinge em níveis sociais, psicológicos, físicos e trabalhistas.

A xenofobia[20] assola constantemente os imigrantes e refugiados que tentam uma nova vida no Brasil, que apesar de ter uma fama de 'acolhedor' demonstra um quadro muito distante a isso.

Segundo a Secretaria Especial de Direitos Humanos, de 2014 para 2015 houve um aumento de 633% nas denúncias de xenofobia no Brasil. "Qualquer tipo de agressão motivada por preconceito ou discriminação de raça, cor, etnia, religião ou precedência nacional" é crime tipificado desde 1997 pela Lei 9.459/96, porém a realidade de denúncias desse crime no

[20] Xenofobia: "Atitudes, preconceitos e comportamentos que rejeitam, excluem e frequentemente difamam pessoas, com base na percepção de que eles são estranhos ou estrangeiros à comunidade, sociedade ou identidade nacional". ACNUR.

Brasil é totalmente inexata, uma vez que apenas poucas denúncias de atos xenófobos são levadas a justiça, já que grande parte dos imigrantes e refugiados se abstém de procurar ajuda pela burocracia envolvida e pela ilegalidade, e logo, não validação dos seus direitos.

O medo, ódio e intolerância a imigrantes de origens consideradas 'oriundas' no país é em sua maior parte do tempo invisível. A diferença de tratamento muitas vezes justifica-se no Racismo Estrutural presente no país.

> A nigeriana Mate Sunday, atualmente com 38 anos, precisou sair de seu país para fugir dos atentados do Boko Haram, grupo fundamentalista islâmico considerado terrorista pela ONU. "Foi muito difícil", diz Mate. "Primeiro, é o problema da língua, segundo é um país que não conheço. Tudo é mudança. Cultura diferente, língua diferente, comida diferente. Eu sofri bastante com essas coisas".
> O preconceito também fez com que a adaptação na vida da nigeriana fosse ainda mais complicada. "Antes, era difícil. Às vezes, quando entrava no ônibus, não queriam sentar perto. Em São Paulo está melhor, o preconceito não acabou ainda mas está melhorando… Mas em outras cidades, meu Deus, não é fácil", conta Mate. "Até agora eles não vem a gente como iguais a eles, falam como se fossemos escravos. Querem incomodar, mandar a gente fazer tudo. Não tem respeito. Não respeitam a gente", desabafa. (Brasil de Fato, 2018)

A cultura do ódio a imigrantes provém do histórico brasileiro de humilhação e massacres contra indígenas e negros (FARAH, 2017), em prol do desenvolvimento da nação a partir do branqueamento da população. A verdade é que todo o processo migratório brasileiro foi marcado pela Teoria Eugênica, que prega o melhoramento da raça humana pelo branqueamento e considera a população não-branca e miscigenada como incapaz e inferior. (KOIFMAN, 2012). Tal pensamento encontrou respaldo na ciência durante a República e permeou até o século XX no país, sendo contraposta por estudos sociais científicos. Apesar disso, a Teoria Eugênica encontra-se intrínseca no Brasil, escondida nas ruas e ou explicita nas manchetes de notícias.

A intolerância dessa maneira é de cunho preconceituoso, racista e seletiva. Nota-se que estrangeiros de origem europeia são comumente bem-vindos ao país, ao passo de que imigrantes de origens étnicas 'duvidosas' são comumente alvos de preconceito e descaso. O aumento massivo de refugiados de Oriente Médio demostrou a perspectiva estereotipada desses países. Vários casos de xenofobia tratando os imigrantes líbios e sírios como "terroristas, homens-bomba" podem ser identificados pelo país. Aos imigrantes africanos cabe a dupla vulnerabilidade causada pela sua origem e cor. E aos imigrantes latino-americanos a humilhação e sentimento de inferioridade.

Discursos de ódio são cada vez mais frequentes: praticas violentas como o ataque a refugiados venezuelanos em Roraima tender a crescer. O aumento dos refugiados no Brasil gera uma reação e protecionismo maior por parte da população local. A xenofobia, antes cordial, torna-se cada vez mais explícita e violenta. No ano de 2018, o número de ameaças e discursos xenofóbicos, por redes sociais principalmente, aumentaram abundantemente, sendo incentivados também por discursos governamentais de cunho fascistas e nacionalistas. Assim como na Europa, a imigração virou pauta política, e muito além disso, um discurso de ódio. Justificada como liberdade de expressão e liberdade do ser, segundo Judith Butler, a liberdade nesse eixo não seria absoluta, uma vez que há uma grande diferença entre discurso de ódio e liberdade de expressão.

Em Pacaraima, refugiados tiveram seus pertences e barracas queimadas por moradores da cidade que entoavam o hino nacional. Em Mucajaí, o mesmo cenário se repetiu, aonde tendas foram queimadas por grupos xenófobos. Em outro caso, na mesma cidade, imigrantes foram agredidos com pedaços de pau. Cerca de 1,2 mil venezuelanos foram assim 'expulsos' pelo medo, do Brasil, voltando para seu país de origem.



Figura 16 Roupas e objetos de venezuelanos são queimados em Pacaraima, em Roraima, na fronteira com a Venezuela .Foto: Avener Prado/Folhapress.

De modo geral eles têm se apropriado do problema jogando a culpa das deficiências do estado nos venezuelanos, o que estimula na população

esse sentimento xenófobo. A rejeição a imigrantes acontece assim, no Brasil inteiro, se destacando mais em alguns casos que outros. A herança da percepção europeia e colonial se faz sentir no cotidiano diário nas cidades, ruas e qualquer lugar em que o imigrante esteja inserido. A sociedade valoriza a presença do europeu, homem, branco, rico, italiano, espanhol, alemão na cidade, mas discrimina aquelas que vêm de lugares considerados periféricos, de etnias diferentes, de economia subdesenvolvida, países pobres com tradições culturais indígenas.



Figura 17 - Colagem de reportagens e manchetes: Xenofobia. Fonte: Autora, 2018.

TRABALHO

Um dos principais fatores que impulsionam a imigração é o trabalho. Os refugiados e imigrantes se identificam na busca de melhoria de qualidade de vida a partir do trabalho. Porém, sua própria condição migratória e muitas vezes de ilegalidade gera problemas e dificuldades na tentativa de inserção do mercado de trabalho brasileiro.

O trabalho, junto com a comunicação, compõe fatores essenciais para a integração social do imigrante com a nova sociedade. Mas a segregação étnica exerce um poder estrutural muito maior nas redes de trabalho. Os imigrantes e refugiados vem ao país e são colocados como mão-de-obra barata no mercado. Mesmo possuindo formação acadêmica e outras formações, encontram no país a invalidação de suas formações, principalmente quando tange a imigrantes e refugiados não legalizados, que não podem recorrer a nenhum direito acadêmico ou trabalhista para validação de suas formações.

Dessa maneira, imigrantes africanos, latino-americanos e libaneses de baixa renda passam a compor parte do mercado laboral, trabalhando como a mão-de-obra mais barata em na área industrial ou manual, e aqueles que se encontram na ilegalidade tornam-se ainda mais vulneráveis, abrindo mão de contratos e direitos trabalhistas, tornando-se suscetíveis a exploração.

O trabalho análogo a escravidão é uma das características da imigração brasileira. Sucumbindo a ilegalidade e necessidade, muito imigrantes cedem sua mão de obra a empresas, máfias e industrias que oferecem condições de trabalho e moradia sem qualquer garantia trabalhista e de bem-estar.

A prática do tráfico humano pode ser associada diretamente ao trabalho imigrante, uma vez que máfias recrutam e oferecem viagens e empregos em busca de lucros privados. Ao chegar ao país os imigrantes devem pagar os mafiosos com trabalho escravo. Muitas vezes entregam seus documentos como garantia, sendo assim totalmente submissos e sem qualquer direito ou assistência. Ademais os salários baixos, extremamente abaixo do mercado dificultam qualquer avanço e melhoria de vida, encontrando-se assim o imigrante subjugado a sua exploração.

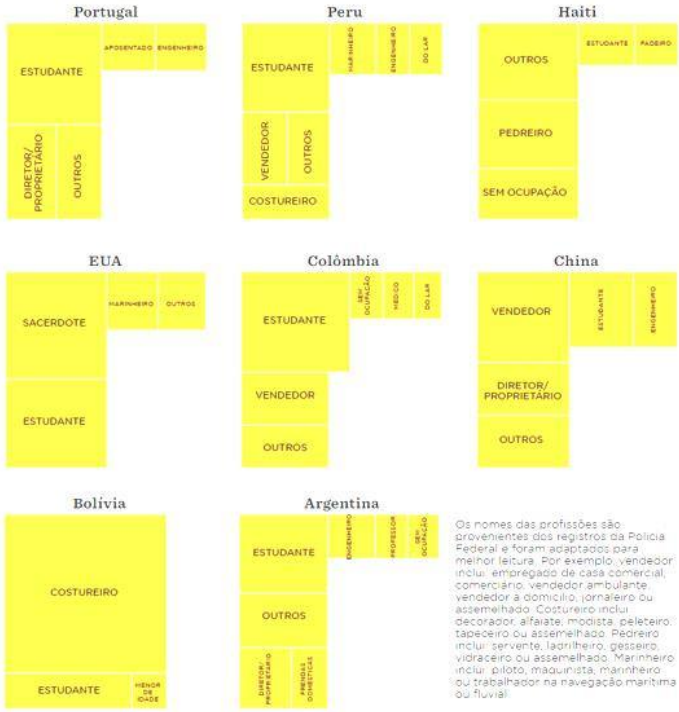


Figura 18 Profissão dos imigrantes quando chegaram ao Brasil. Sincre 2016 (Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros), Polícia Federal.

Aliciamento com fim de exploração sexual também são constantes. Mulheres de classe baixa são principais alvos, sendo trazidas ao Brasil de forma enganosa. São vendidas a bordeis, tendo seus documentos confiscados, e também sendo cobradas pelos gastos da viagem. Sem qualquer direito ou documento, as mulheres imigrantes sucumbem a exploração e fazem parte do turismo sexual brasileiro.

Além disso, a xenofobia interfere diretamente no cotidiano trabalhista dos imigrantes. Casos de abuso, humilhação e insultos são recorrentes, mas

não denunciados. Os baixos salários justificados pela condição burocrática do imigrante atinge diretamente a subsistência do corpo familiar, gerando pobreza e condições de vida de pouca qualidade.

Em fator da dificuldade de entrada no mercado de trabalho contratual, muitos imigrantes optam pelo trabalho autônomo e informal, principalmente na área de vendas e comércio. A venda ambulante por imigrantes pode ser cada vez mais vista nos centros de grandes cidades, além de outros serviços, como restaurantes e de construção.

PRECARIZAÇÃO DA SAÚDE E MORADIA

As condições trabalhistas dos imigrantes, e logo sua condição financeira ligam-se diretamente a outros fatores de suas vidas. A precariedade da condição gera a precariedade da saúde e da moradia, ora pela falta de dinheiro ora pela insalubridade do trabalho.

> Por serem grupos minoritários, Coutinho e Oliveira (2010) afirmam que os imigrantes possuem maior propensão a fatores estressantes do cotidiano. Isso também decorre devido à precariedade das suas condições de vida e trabalho, à discriminação e ao isolamento social. Tendem a reunir, assim, um número mais grave de patologias. Alvarado (2008) salienta que há mais de sete décadas se reconhece o processo migratório como um fator de risco para a saúde mental. Nesse contexto, deve ser considerada a especificidade de cada caso: país de origem e de destino, cultura, contexto social e familiar, apoio social etc.

A condição análoga do migrante pode gerar quadros graves no âmbito da saúde psicológica, decorrentes do stress e xenofobia. A depressão é uma doença recorrente, porém não registrada e nem tratada pelo desconhecimento geral da mesma.

Ademais, nota-se no Brasil uma diferença entre saúde do imigrante e saúde da população nativa. Em São Paulo identificou-se uma diminuição de 40% de casos de tuberculose entre nativos, contrário a essa taxa, houve um aumento de 25% da doença entre imigrantes.

> Em relação ao trabalho, os imigrantes têm sido atingidos massivamente pela precarização. No contexto do novo complexo de reestruturação produtiva do capital (ALVES, 2000), o exemplo dos imigrantes talvez seja o mais exacerbado da tendência estrutural à precarização do trabalho e é, para Antunes (2014), a 'ponta do iceberg' desse fenômeno: eles têm, em geral, os horários mais desconfortáveis, como jornadas noturnas e nos finais de semana, combinando salários mais depauperados, superexploração e discriminação. Ou seja, a inserção dos imigrantes no mundo do trabalho e nas sociedades receptoras pode trazer desafios significativos para a saúde pública.

Outros problemas de saúde comumente apresentados por essa população são alergias, problemas posturais, alcoolismo, violência doméstica, atraso no desenvolvimento psicofísico de crianças. Dessa forma esses problemas de saúde são diretamente relacionados as condições trabalhistas dos bolivianos. (GOLDBERG, SILVEIRA, 2013).

INFRAESTRUTURA EXISTENTE

O Brasil também ocupa o posto de país que mais acumula pedidos de refúgio na América Latina. Criado pela lei nº 9.474/1997, o Comitê Nacional para os Refugiados (Conare) é ligado ao Ministério da Justiça e é responsável por reconhecer e tomar decisões sobre a condição de refugiado no Brasil, ou seja, deve analisar as mais de 86 mil solicitações de refúgio em território brasileiro.[21]

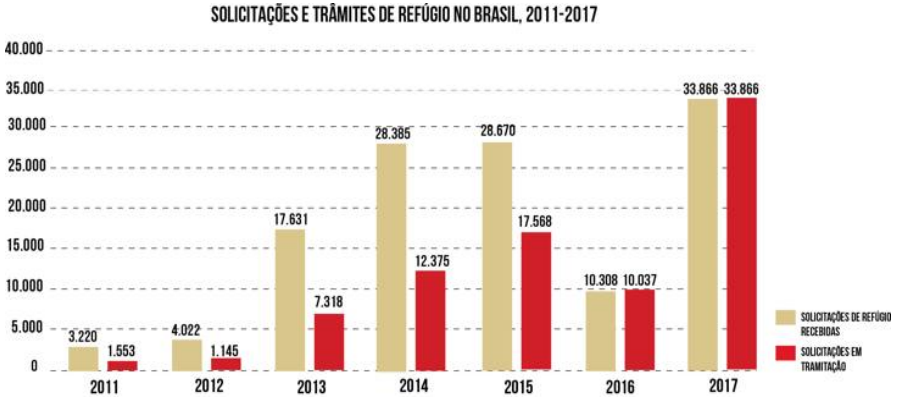


Gráfico 5 Solicitações e trâmites de refúgio no Brasil, 2011-2017. Fonte: Polícia Federal, 2017.

O país dessa maneira, ocupa o posto que mais acumula pedidos de refúgio na América Latina. O Conare, criado pela lei nº 9.474/1997, é ligado ao Ministério da Justiça e é responsável por reconhecer e tomar decisões sobre a condição de refugiado no Brasil. Porém, segundo Marcelo Haydu, do Adus (Instituto de Reintegração do Refugiado), a demora para análise dos pedidos de refúgio se justifica pois existem apenas 14 pessoas para julgar essas

[21] Segundo o Relatório 'Refúgio em Números' da Polícia Federal, 2018.

mais de 85 mil solicitações, gerando assim uma extrema lentidão no processo de acolhimento, aumentando o tempo de 'abandono' dos refugiados.

Em relação a acolhimento e abrigo no país, a situação diverge da legislação. No âmbito nacional são muitos poucos lugares preparados e focados no acolhimento de imigrantes e refugiados. A maioria dos abrigos concentra-se em São Paulo. Apenas recentemente, com o fluxo intenso de venezuelanos no Norte é que abrigos foram abertos, porém, todos eles em um caráter improvisado, não dispondo de infraestrutura adequada. Não existe nenhum abrigo no Brasil, por exemplo, projetado especialmente para a função de abrigo temporário ou permanente para refugiados. Geralmente os abrigos existentes reutilizam uma edificação vazia, usando mobiliário e equipamentos acessíveis e coletivos.



Figura 19 abrigo é destinado apenas para índios venezuelanos e é mantido em parceria entre a Prefeitura de Pacaraima, Fraternidade e Agência da ONU para Refugiados (Acnur). Foto: Valéria Oliveira/G1 RR.

Muitos abrigos pelo país são de iniciativas não-governamentais, principalmente de iniciativas da igreja católica. Apenas em Roraima, no ano de 2018, foram abertos seis abrigos, totalizando 10 no Estado, para retirar centenas de venezuelanos das ruas. Em Manaus, no mesmo ano, foi aberto com auxílio da ACNUR, o primeiro abrigo para refugiados LGBTI, com refugiadas que foram expulsas por refugiados de outro abrigo, devido a discriminação sexual.

De fato, o aumento na migração traz alguns desafios ao Brasil, entre os quais se destacam a integração na sociedade, a não violação de seus direitos humanos, o acesso a serviços públicos, a regularização de sua situação migratória, entre outras questões que aumentam, principalmente pela situação de alta vulnerabilidade dos refugiados.

O amparo estatal também é insuficiente para ajudar imigrantes e refugiados, apesar do Brasil ser um país com um discurso constitucional aberto a a imigrantes e refugiados, as políticas públicas por outro lado falham ao efetivar o que está escrito na legislação.

"BRASIL ABRE PORTAS, MAS FECHA JANELAS"

JEAN KATUMBA CONCORDA COM A AVALIAÇÃO DE QUE AS POLÍTICAS DE INTEGRAÇÃO SÃO INSUFICIENTES. UM PONTO QUE O CONGOLÊS CONSIDERA MUITO PREJUDICIAL AOS REFUGIADOS É A DIFICULDADE PARA REVALIDAÇÃO DO DIPLOMA E COMPLEMENTA QUE, PARA REFUGIADOS SOLICITANTES, QUE AINDA NÃO SÃO RECONHECIDOS, A SITUAÇÃO É AINDA MAIS DIFÍCIL.

"O BRASIL ABRE A PORTA MAS FECHA A JANELA. A AJUDA TEM QUE SER CONTINUADA, UMA AJUDA QUE AJUDE MESMO. SE FALA SOBRE O ACOLHIMENTO, MAS CADÊ O ACOMPANHAMENTO DO ACOLHIMENTO? EU VOU DORMIR AONDE? TODO ABRIGO DEPOIS DE SEIS MESES, TEM QUE SAIR. COMO EU VOU CONSEGUIR CASA?", QUESTIONA JEAN, RELEMBRANDO SEUS MOMENTOS COMO REFUGIADO RECÉM-CHEGADO.

-ENTREVISTA PARA O 'BRASIL DE FATO'

BRÁS: TERRITÓRIO DE IMIIGRANTES

04.

Figura 20 Ronald, imigrante haitiano há 5 anos no Brasil, trabalha vendendo roupas infantis com a esposa. Deixou sua filha no Haiti e um dia pretende traze-la. Fonte: Entrevista e fotografia elaborados pela autora, 2018.

4.1 INTRODUÇÃO

A história da cidade de São Paulo não pode ser escrita sem considerar as correntes imigratórias mundiais. Imigraram e migraram a São Paulo pessoas de todos os continentes e de todos os estados brasileiros, num deslocamento concentrado jamais visto na história do país. O município de São Paulo, que em 1872 possuía 31.385 pessoas, passou a ter 6 milhões de habitantes um século depois, e em 1980, 8,4 milhões de habitantes[22].

Sinteticamente, os fenômenos migratórios na cidade possuem uma periodização histórica, dada em quatro fases:

_Primeiro período: abrange de 1870 até Primeira Guerra Mundial (1914-1919), no qual se observa o início do processo de industrialização de São Paulo, juntamente com a chegada de um grande número de imigrantes europeus e asiáticos. A população de 31 mil pessoas, em 1872, foi para 570 mil habitantes, em 1920.

_Segundo período: tempo entre guerras, de 1918, até o fim da Segunda Guerra Mundial (1945). A cidade consolida-se como polo industrial, sendo a expandida fisicamente. A população quadriplicou em quantidade de moradores, indo para 2.198.096 habitantes.

_Terceiro Período: compreende o período pós-guerra, indo até 1980. São Paulo passa a ser o novo centro internacional de trabalho, apresentando já uma conurbação do território da cidade com outros municípios limítrofes. São Paulo assim passa a ser o epicentro do novo modelo econômico do país, e nos anos 50 a 60 a cidade tem um surto de crescimento, indo de 1,32 milhões em 1940, a 2,19 milhões em 1950, e com uma taxa de crescimento de 5,6% ao ano, indo para 8,4 milhões em 1980.

_Quarto Período: engloba os anos 80 e 90, no qual cidade teve um processo migratório majoritariamente feito por deslocamentos internos (de outros estados). A fisionomia dos bairros operários já era característica, e exacerbou-se ainda mais a periferização de classes operárias. O fenômeno urbano de ocupação por loteamentos 'clandestinos' levou a expansão da malha urbana, uma vez que devia abrigar um grande contingente populacional.

Dessa maneira, a cidade de São Paulo configura-se como um dos principais polos de imigrantes do país. O censo de 2014, do SINCRE, estima que dentre os 1.088.517 imigrantes em situação regular que moram no país, mais da metade se encontra no estado de São Paulo (51,7%), e a maioria deles (368.188 ou 65,5%), na cidade de São Paulo. Porém, os números ainda são inexatos, pois muitos imigrantes e refugiados se encontram em situação irregular na cidade, não podendo então ser contabilizados e registrados.

Segundo o Relatório Refúgio em Números (2018), do Ministério da Justiça, o Estado de São Paulo concentra o segundo maior número de solicitações de refúgio atualmente, tendo 9.551 (28%) em relação ao número total do país, ficando somente atrás de Roraima 15.955 (46%). Segundo a Caritas Arquidiocesana[23], por São Paulo, o maior fluxo de refugiados vem da África (Angola, Nigéria e Congo).

Atualmente, apesar da uma maior interiorização de destinos e escolha de estados mais próximos pelos venezuelanos por exemplo, o contingente imigratório rumo a São Paulo tende a continuar crescendo, uma vez que é um destino consolidado. Tanto imigrantes como refugiados buscaram e buscam em São Paulo novas oportunidades de vida, principalmente no que tange a trabalho, pois na cidade, bairros comercias/industriais são firmados pela mão de obra imigrante majoritariamente, além de ser um trabalho informal, não necessitando assim de documentação.

Uma das regiões de maior destaque ao longo do fenômeno imigratório da cidade foi a chamada região do Brás, que atualmente abrange o Bairro Brás, Pari e parte do Bom Retiro. A urbanização e industrialização dessa área foram incentivadas pela indústria do café e pela construção da ferroviária que ligava Santos a Jundiaí, sendo a 'Hospedaria de Imigrantes' (UDAETA, 2016), um importante marco para a chegada e fixação de imigrantes na região. Nos anos 40, consolidou-se como território de imigrantes italianos, iniciando um surgimento de indústrias e madeireiras na região, e assim também pequenas vilas e cortiços para abrigar seus respectivos trabalhadores. Acabou tornando-se assim um aglomerado industrial. Porém, a ferrovia, que foi importante para

[22] Os dados populacionais utilizados baseiam-se nos Censos Demográfi cos – IBGE.

[23] Cáritas Brasileira é uma das poucas entidades que prestam serviços de acolhida e integração a refugiados(as) no Brasil. É uma entidade civil de origem religiosa, sem fins lucrativos, que possui parceria com a Acnur e com o Ministério da Justiça.

seu crescimento, também foi causadora da sua desocupação. Nos anos 50, as vias expressas começaram a deteriorar e degradar as ruas e praças. Os moradores imigrantes europeus de alto poder aquisitivo, assim, saíram do bairro em busca de bairros residenciais, menos congestionados e poluídos. A área foi então sendo ocupado por migrantes nacionais, principalmente nordestinos, que se adaptaram aos cortiços e a densidade industrial tão precária como a do século XX.

A partir dos anos 80 notou-se o aumento significativo de imigrantes internacionais latino-americanos, principalmente chilenos, bolivianos e peruanos, além do grande fluxo chinês e coreano, fluxos estes decorrentes de uma onda imigratória continental.

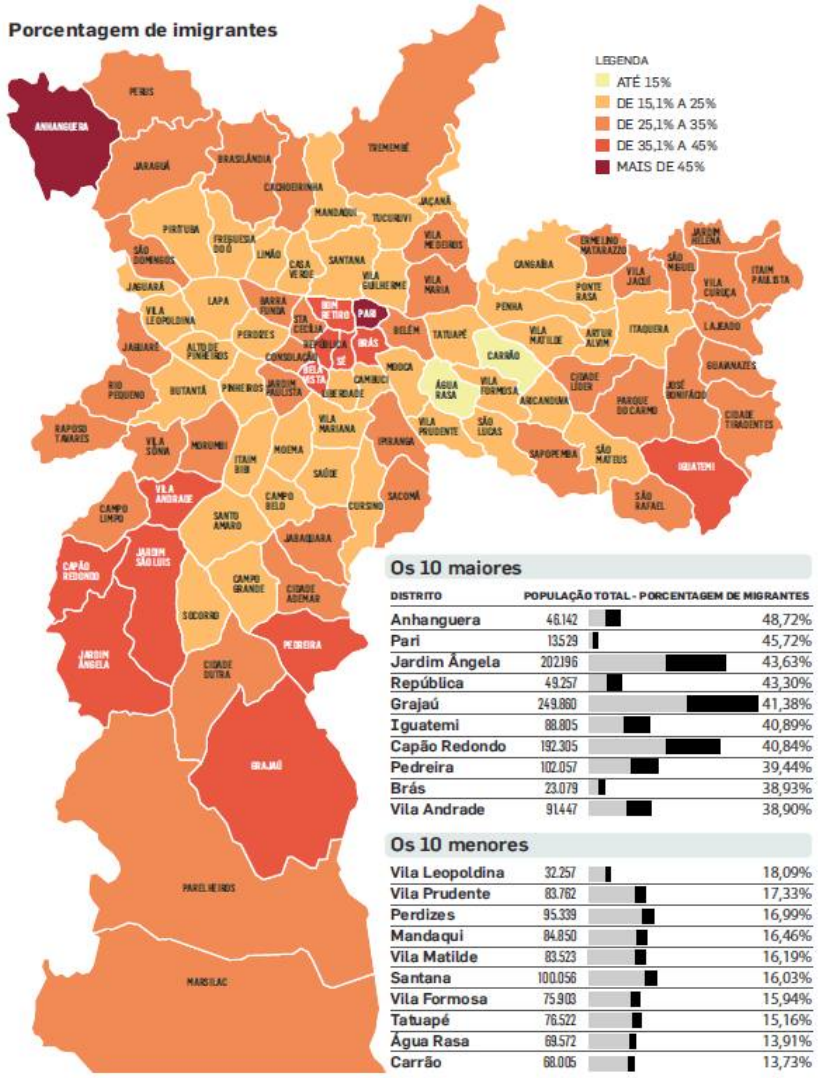
Atualmente, a região do Brás é nacionalmente conhecida pelas suas indústrias e suas zonas comerciais, sendo abastecedora do mercado de alto, médio padrão de moda do Brasil, possuindo um grande contingente de confecções têxteis e de costura. Além disso, abastece principalmente o mercado informal de comércio do país, pelo preço baixo e pelo fato da venda ser feita diretamente pelo fabricante ou exportador. Dessa forma, esses bairros que formam a região do Brás, desdobram-se como uma zona exclusivamente comercial, no qual todos os dias milhares de compradores de todos os estados brasileiros compram e abastecem seus comércios, e que em um nível mundial é considerado o 4º maior parque têxtil do mundo (SOUCHAD, 2012).

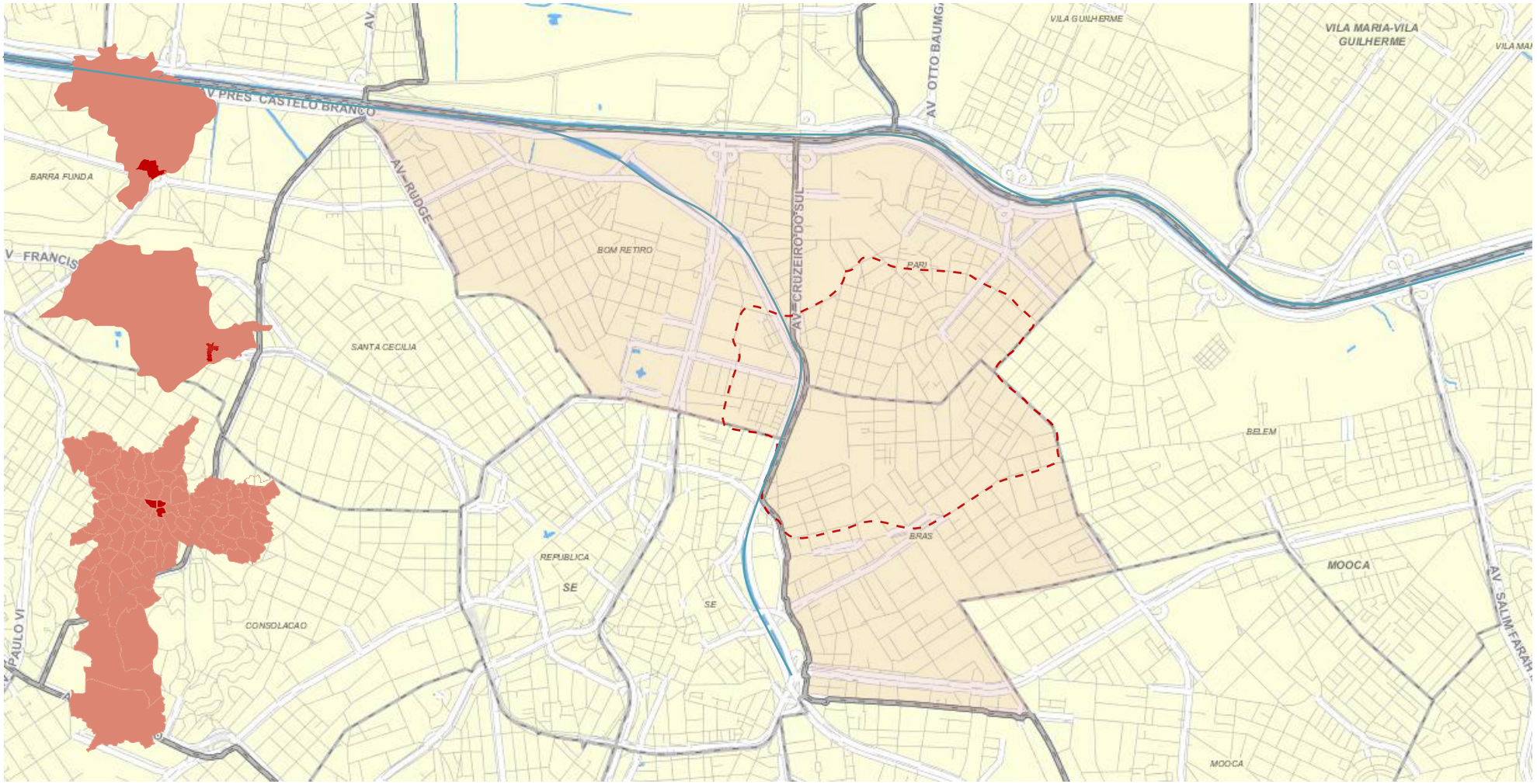
Porém, a região do Brás é muito além de uma zona comercial. As ditas zonas comerciais e fabris, escondem nas suas fachadas uma situação humana e urbana extremamente preocupante. O comércio dito clandestino abrange, muito além do mesmo, uma situação humana clandestina. Praticamente a zona comercial inteira do Brás é sustentada e movimentada por imigrantes, muitos em sua maioria em uma situação ilegal.

Os bairros do Brás, Pari, Bom Retiro e entorno possuem a maior concentração de imigrantes em condições legais e não legais da cidade de São Paulo. Principais personagens das extensas zonas comerciais, produzem, vendem e negociam sua mão-de-obra, sendo em sua maioria imigrantes de origens de países pobres ou em crises humanitárias.

O bairro do Brás por ser caracteristicamente industrial-comercial não possui uma infraestrutura de moradia e de instituições necessárias para abrigar famílias por exemplo. Toda a mão-de-obra que produz e vende os produtos da região geralmente habita na mesma região, com a maioria do trabalho se concentrando na área do Brás. Dessa forma, milhares de famílias imigrantes submetem-se a condições precárias urbanas e de moradia, sem amparo urbano ou político, dada a situação de irregularidade.

Mapa 4 Imigrantes na metrópole de São Paulo. Fonte IBOPE e Estadão a partir dos Microdados do Censo 2010.





Mapa 5 Localização da 'região do Brás', que abraange parcelas de três bairros: Brás, Pari e Bom Retiro. Fonte: GeoSampa, 2018.

4.2 BRÁS: TERRITÓRIO DE IMIGRANTES

De um posto de vista espacial, talvez a melhor maneira de descrever a região do Brás, em São Paulo seja como territórios intra territórios. Trata-se aqui a questão do território não de um ângulo político – território como área de jurisdição de um Estado - mas sim como a origem dessa concepção, amplificadamente, a territorialização, que diz respeito à ocupação de um determinado espaço por um determinado grupo humano, constituído por algum critério social: etnia, nacionalidade, condição socioeconômica, nível cultural e outros. Dessa forma, exemplifica-se metaforicamente que o Brás é uma cidade dentro de outra cidade, um território dentro de outros territórios. Mais que isso, são países; culturas; etnias, dentro de uma região de São Paulo. Entrelaçam-se aqui as questões sociais e físicas, uma vez que uma se explica na outra.

Primeiramente é necessário o entendimento da dinâmica da área: como o mesmo se organiza e funciona em relação ao restante da cidade e do país. O dia para os moradores, vendedores e produtores do Brás começa à 01:00 da madrugada geralmente. As ruas começam a ser inundadas por barracas de roupas, sapatos, acessórios e outros produtos, e os diversos shoppings e feiras se abrem também.

As próprias ruas se tornam imensos 'shoppings' ao ar livre, não havendo qualquer espaço para carros. Assim, as ruas encontram-se já lotadas de vendedores ambulantes, barracas e principalmente compradores das mais diversas partes do país por volta das 03:00 da madrugada. Centenas de ônibus trazendo milhares de pessoas chegam também todas os dias na área. As garagens de ônibus, já consolidadas com esse fim, se locam nas próprias zonas de compra, para um acesso mais fácil e também criando uma dinâmica específica.

A madrugada, assim, é o auge da circulação, movimentação e do fluxo de compras. O fluxo continua forte até as primeiras horas do amanhecer, notando-se uma leve diminuição no comércio de rua, uma vez que se inicia uma considerável circulação de automóveis, mas que é ainda fraca pois a maioria dos automóveis opta por não fazer esse caminho devido a dificuldade de passagem. Abrem-se mais lojas físicas, e a circulação de comerciantes e compradores se mantêm alta. O dia do bairro segue assim, com um movimento intenso: toda e qualquer área se torna comercial. Carrinhos de mercadoria, compradores com sacolas, vendedores ambulantes gritando, vendedores imigrantes falando as mais diversas línguas ao redor, barracas de rua, comércio no chão da rua, shoppings gigantes, galerias comerciais subterrâneas.



Figura 21 Região do Brás das 03h às 12h. Fonte: Autora, 2018.

O dia no Brás acaba por volta das 15:00 horas, horário em que a maioria dos ônibus de excursão ruma de volta para sua cidade. As barracas de rua em sua maioria se recolhem, restando as lojas físicas abertas. E as 17:00 as lojas se fecham, todo o comércio se recolheu, o dia chegou ao fim. As 18:00 horas o que se vê são as ruas vazias e sujas, e apenas o som dos sinos da Mesquita do Brás tocando ao fundo. No próximo dia, a rotina repete-se outra vez. As barraquinhas e feiras abertas de madrugada. Centenas de ônibus chegando com milhares de compradores. Repete-se novamente, na segunda, terça, quarta, quinta, sexta e sábado. Essa rotina sistemática e 'comercial' repetiu-se. e repete-se, durantes semanas, meses, anos. Uma dinâmica que parece puramente comercial, e que ao longo da última década foi solidificada e normatizada, mas que esconde graves problemas sociais, urbanos, de moradia, e de direitos humanos.



Figura 22 Uma das ruas mais movimentadas do Brás, a Avenida Carnot, praticamente vazia às 15:00. Fonte: Autora, 2018.

A vivência diária demonstra exibe a complexidade do morar, trabalhar e estar nessa região. Aparenta-se estar em um espaço totalmente contrastante com as realidades próximas à 'comum'. A rotina, as pessoas, a configuração espacial, a dinâmica de funcionamento. Não se assemelha ao 'ideal' de cidade, tampouco passa perto, pois o que desenha esse território não é a busca pela qualidade de vida, e sim uma rede comercial sustentada por imigrantes, que colocam o trabalho como primeira prioridade.



Figura 24 Placas de ônibus de excursão que provém dos mais diversos cantos do país. Fonte: Autora, 2018.



Figura 23 Garagem da antiga Feirinha da Madrugada, para exemplificar o gande fluxo de ônibus diário. Fonte: Henrique Boney.



Figura 25 Shopping do Azulão, feira de dois andares com garagem para os ônibus de excursão. Fonte: Flávio Folder/The Guardian.



Figura 27 Lojinhas e barracas na ruaa: a calçada se torna um grande shopping de compras ao ar livre. Fonte: Flávio Folder/The Guardian.



Figura 26 Lojinhas e barracas na rua: a calçada se torna um grande shopping de compras ao ar livre. Fonte: Flávio Folder/The Guardian.



Figura 29 Comércio de rua na Avenida Vautier. Fonte: Autora, 2018.



Figura 31 Comércio de rua na Avenida Vautier. Fonte: Autora, 2018.



Figura 28 Comércio de visto pelo shoppping Porto, na rua Tiers. Fonte: Autora, 2018.



Figura 30 Comércio de rua na rua Tiers. Fonte: Autora, 2018.



Figura 32 Comércio de rua na Avenida Vautier. Fonte: Autora, 2018.

4.3 PERFIL DOS IMIGRANTES

Andando-se pelas ruas do Brás, repletas de comércio e de pessoas, ao parar para observar ao redor, percebe-se a quase infinita variedade de traços, etnias, rostos, idiomas, cores e religiões existentes e vivas ali; em cada esquina, um país e uma cultura diferente no rosto de um imigrante concentrando na sua labuta diária. É o exemplo perfeito da cidade como caledoscópio de padrões e valores culturais, línguas e dialetos, religiões e seitas, modo de vestir e alimentar, etnias e raças, problemas e dilemas, ideologias e utopias (Ianni, 1994, p. 28).

Não há estimativas exatas da relação de números e nacionalidades da população imigrante que habita e trabalha no Brás, uma vez que sabe-se que uma grande parte encontra-se no país em condições ilegais de documentação. Porém, através de pesquisa e de entrevistas na área nota-se o contigente imigrante gigante, bastante diverso, semelhante e que reflete em parte as maiores comunidades estrangeiras que existem em São Paulo.

De primeira vista, destacam-se os imigrantes chineses e bolivianos na região do Brás, que são comunidades já mais consolidadas na área pelo tempo de permanência de cada uma. Os imigrantes haitianos, agora também possuem destaque imediato, pois segundo moradores, o crescimento destes na área se deu apenas nos últimos anos. Em seguida, nota-se a grande variedade de origens latino-americanas: peruanos, colombianos, chilenos, equatorianos, uruguaios. Uma quantidade destacável de imigrantes africanos também é notada, de origens variadas, mas destacando-se Senegal, Angola e Congo. Um aumento também notado pela população foi o de imigrantes do Oriente Médio, destacando-se pessoas originadas da Síria, do Líbano, Arábia Saudita.[24]

Assim, as populações imigrantes no Brás refletem de certa forma a população imigrante de São Paulo no geral. Porém, pode ser também considerado um recorte do total, pois diferentemente das comunidades de origens europeias e japonesas por exemplo, as comunidades imigrantes do Brás possuem explicitamente um menor poder aquisitivo, más condições de vida e ausência de direitos humanos, trabalhistas, dentre outros.

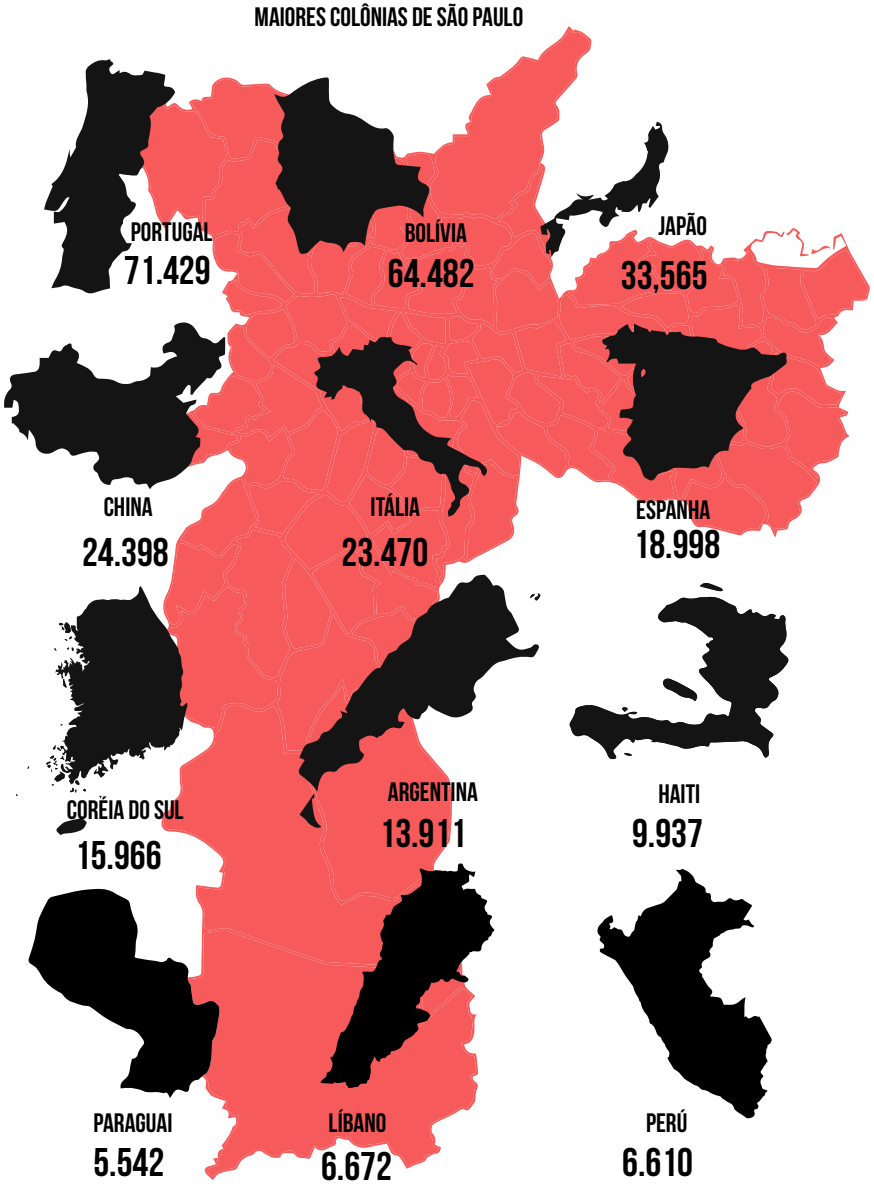


Gráfico 6 Maiores comunidades estrangeiras vivendo em São Paulo. Fonte: Adaptado pela autora do Relatório da Polícia Federal, 2016.

[24] Segundo entrevistas e conversas tidas pela autora no Brás, 2018.

Importante observar, porém, que a inserção territorial dessa comunidade e/ou comunidades não segue um padrão comum como gueto, banlieue, enclave étnico[25]. Desafia assim os padrões de distribuição territorial dos imigrantes na história da cidade. Acerca-se mais ao chamado enclave excludente:

> [...] área de concentração espacial na qual os membros de um determinado grupo populacional, autodefinido por etnicidade, religião ou de outra forma, congregam-se de modo a proteger a intensificar o seu desenvolvimento econômico, social, político e/ou cultural.
> Marcuse (2004, p. 25)

O Brás apresenta-se como um caso de aglomeração étnica e de imigrantes bastante diferente e peculiar. Um dos motivos é exatamente a grande variedade de comunidades existentes, que se comunicam ou não entre si. Apesar pois de ser um território de imigrantes, legais ou clandestinos[26], não há um sentimento mútuo de comunicação e afeto entre comunidades de diferentes origens e idiomas, e sim um sentimento de territorialidade e pertencimento. Dessa forma, as diversas comunidades são unidas pelo território e pelo movimento econômico que geram. Assim, cada comunidade organiza-se e desenha-se à sua maneira, influenciando questões culturais, de comportamento, sociais, de cada nacionalidade e estilo de vida.

A dinâmica total dentre esses grupos de imigrantes aproxima-se ao conceito de "rede social" na migração internacional de Massey (1987) que é um conjunto de laços sociais que ligam comunidades de origem a pontos de destino específicos. Tais laços unem migrantes e não-migrantes, criando diversidade em uma complexa teia de papéis sociais complementares e de relacionamentos interpessoais que são mantidos por um quadro informal de expectativas mútuas e comportamentos predeterminados. Assim, as diferentes comunidades na região do Brás mantem suas especificidades, porém ligam-se por aquilo que têm em comum: seu trabalho, seu território e sua condição de ser imigrante.

Uma das comunidades mais organizadas e grandes do Brás é a comunidade Boliviana. Por ser uma das pioneiras no grande polo comercial e industrial da Sé, consolidou-se em número e pequenos territórios. As estimativas sobre o real tamanho da comunidade boliviana em São Paulo apresentam uma grande variação: o Consulado da Bolívia calcula 50 mil indocumentados, a Pastoral dos imigrantes acredita habitarem 70 mil bolivianos indocumentados em São Paulo, sendo 35 mil só no bairro do Brás e já o Ministério Público fala em 200 mil bolivianos ao todo (regulares e irregulares).

A organização da comunidade Boliviana pode ser vista nas diversas organizações de grupos que tem, como por exemplo: Associação Gastronômica Cultural Folclórica Boliviana Padre Bento, Associação de Residentes Bolivianos, Associação de Vendedores Ambulantes Bolivianos, Associação Folclórica Cultural Bolívia Brasil ou Associação de Empreendedores Bolivianos da Rua Coimbra.

Além disso, há também várias manifestações culturais, como grupos de dança, de apoio e celebrações anuais. Dessa maneira, os bolivianos constroem suas próprias redes de sociabilidade. O principal exemplo é a Feira da Kantuta, por uma associação de bolivianos com o apoio da prefeitura e realizada todo domingo na praça da Kantuta. A Kantuta chega a receber 5.000 pessoas por domingo, é um dos mais importantes locais de encontro e preservação da cultura boliviana na cidade. A feira tem barracas de comidas típicas, também são vendidos encontrados do altiplano boliviano e Cds típicos (em geral piratas), serviços como fotógrafo ou cabelereiro (peluquerias) são oferecidos, também uma das principais atrações da feira é a quadra de futebol, que é usada por times pré-formados e organizados pela comunidade. É um momento de encontro com os amigos, de informação, de cultura ou de jogar

[25] Guetos: guetos norte-americanos, ocupados por negros e, em menor escala, por hispânicos. Suas características principais são a quase exclusividade de moradores negros, a localização nas áreas centrais das grandes cidades, a grande abrangência territorial e populacional. (Wacquant, p. 140).
Banliueu: subúrbios ou banlieues das grandes cidades francesas, territórios também marcados pela estigmatização, pelo desemprego e pela violência, com uma série de similares nas cidades européias. O tamanho da população desses subúrbios é bem menor do que os guetos, raramente acima de 30.000 habitantes. As banlieues são basicamente formadas por conjuntos habitacionais construídos pelo poder público e sua localização é periférica. Contrapondo-se à homogeneidade negra dos guetos americanos, as banlieues francesas são compostas de uma grande diversidade étnica, provocada pelo próprio Estado no processo de cadastramento e escolha dos moradores das unidades (Wacquant, 2001, p. 141). Mesmo nos subúrbios com maiores concentrações de imigrantes, raramente os estrangeiros compõem a maior parte da população (ibid.).
Enclave étnico: concentração de grupos específicos baseada em escolhas voluntárias, como o desejo de constituição de relações de vizinhança, manutenção de elementos de cultura ou religião, proximidade de equipamentos de comércio e serviço específicos, direito à manutenção da língua nativa. Conforme afirma Qadeer (2004), embora expressem um significativo grau de segregação, tais enclaves não são necessariamente elementos negativos nas cidades – ao contrário, podem significar elementos de bem-estar para os grupos e de atratividade para as cidades.

[26] Ilegal é o estrangeiro que, tendo entrado legalmente no país, nele permaneceu deixando vencer o "visto de entrada". Clandestino é o estrangeiro que tem entrado nos país sem a autorização dos órgãos competentes, passando despercebido pela fiscalização de fronteiras.

futebol, e procura-se trabalho. Outro local de sociabilidade do grupo parecido é a Rua Coimbra, no Brás, que aparece como um importante local de encontro da comunidade aos sábados.

Os jogos de futebol também são eventos bastante agregadores e definem a inserção da comunidade no espaço da cidade. Segundo a prefeitura, existem mais de 800 times bolivianos de futebol organizados em cerca de 30 ligas, que realizam jogos semanais no Brás, Móoca, Penha, São Mateus, entre outros.



Figura 33 Desfiles típicos bolvianso que acontecem em datas comemorativas, na imagem, Dia da Indepêndencia da Bolívia. Fonte: Casa Latina.



Figura 34 Jogo de Futebol na quadra da Kantuta. Fonte: Autora, 2018.



Figura 35 Feira da Kantuta que acontece todos os domingos. Fonte: Camila Hong, 2017.



Figura 36 Imigrante boliviano na sua barraca nas ruas do Brás. Fonte: Flávio Folder/The Guardian.

EM JANEIRO DE 1951, MARIO, ORIUNDO DE COCHABAMBA – CIDADE SITUADA NA REGIÃO CENTRAL DA BOLÍVIA –, DESEMBARCAVA EM CORUMBÁ (MS), DEPOIS DE UMA LONGA VIAGEM FEITA PELO TREM QUE LIGA A CIDADE DE SANTA CRUZ DE LA SIERRA À FRONTEIRA BRASILEIRA, PARA DEPOIS SEGUIR EM DIREÇÃO AO SEU DESTINO FINAL, A CIDADE DO RIO DE JANEIRO. LÁ ELE SE EMPENHARIA EM CONQUISTAR O SEU SONHO, ISTO É, ESTUDAR ENGENHARIA MECÂNICA PELO PROGRAMA DE INTERCÂMBIO CULTURAL BRASIL-BOLÍVIA.

CINQÜENTA E QUATRO ANOS DEPOIS, NO MÊS DE MAIO DE 2005, RENÉ, NATURAL DE LA PAZ – CIDADE DO ALTIPLANO BOLIVIANO –, TAMBÉM ESCOLHERIA O BRASIL PARA MORAR E TRABALHAR, PORÉM DESEMBARCANDO NA CIDADE QUE AGLUTINA O MAIOR CONTINGENTE DE IMIGRANTES BOLIVIANOS NO PAÍS, SÃO PAULO. É NESSA METRÓPOLE QUE ELE TENTA REALIZAR O SEU SONHO: TER SEU PRÓPRIO NEGÓCIO, ISTO É, UMA OFICINA DE COSTURA. EMBORA AMBOS TENHAM VINDO AO BRASIL EM ÉPOCAS DIFERENTES E TENHAM SIDO MOTIVADOS POR OBJETIVOS DISTINTOS, ALGO ELES TÊM EM COMUM, O SONHO DE UMA VIDA MELHOR, QUE A SUA PÁTRIA NÃO PODIA LHES OFERECER.

(SILVA, 2006)

Num quadro próximo encontram-se os grupos de imigrantes peruanos. Apesar de não terem uma comunidade fortalecida como a da boliviana, estes se aproximam dela devido a identidade andina em comum. Estes imigrantes se juntam a comunidade boliviana nas feiras, jogos de futebol, comemorações e festividades. A comunidade peruana fortifica-se majoritariamente pela culinária peruana, principalmente na feira da Coimbra, na qual os peruanos reúnem-se nas barracas de comida, também é existente uma associação, a Comunidad de Residentes Peruanos em São Paulo.



Figura 37 Barraca de comida peruan na Feira da Coimbra, Fonte: Luis Vasquez.



Figura 39 Imigrante peruna no Shopping Vauchier. Fonte: Autora, 2018.

Segundo Bada (2014, p.80), as várias formas de engajamento que as performances de imigrantes em espaços públicos ou privados mostram que a participação em organizações serve como um importante veículo de integração na sociedade receptora e auxilia na construção de um sentimento comunitário. Elas proporcionam espaços amistosos para o exercício e reafirmação das identidades étnicas binacionais e lealdades nacionais, incluindo tradições, celebrações, religiosidade e solidariedade ainda que ocorram experiências de práticas de exclusão, desigualdade social e discriminação racial na mesma sociedade de acolhida.

Os chilenos se compõem uma comunidade não muito consolidada, mas existente. O grupo Expatriadas Chilenos em São Paulo, e os restaurantes pontos de encontro exemplificam tal. Os colombianos se compõe como um grupo considerável também, tendo pequena organização, dada pela associação Colombianos em São Paulo. Dessa forma, estes grupos procuram se anexar a outros semelhantes, formando uma rede de um grupo latino-americano.

Os equatorianos encontram-se em uma situação semelhante. Segundo moradores do Brás, o fluxo de equatorianos é recente, atualmente encontram-se vários comerciantes equatorianos. Assim, ainda não há uma solidificação de senso comunitário para as pessoas dessa origem.



Figura 38 Imigrante equatoriano vendendo roupas em lona na rua Tiers. Fonte: Autora, 2018.

Outro importante grupo de imigrantes, componente da paisagem urbana do Brás são os haitianos. Assim como refugiados sírios, angolanos, colombianos e congoleses[27], integram o mosaico da imigração e do refúgio em São Paulo nos anos recentes, inserindo-se em grande parte também no Brás, caracterizando-se pela baixa condição de vida e de trabalho se comparado com outros imigrantes.

Os haitianos constituem um grupo de destaque no bairro, foi após 2010, época do Terremoto do Haiti, em que o fluxo em direção ao Brás e demais regiões só aumentaram. Andando pelas avenidas movimentadas facilmente podem notar-se imigrantes haitianos nas barraquinhas ou nas áreas de carregadores. Apesar disso, no aspecto do distrito, os haitianos possuem uma organização cultural firme e senso de comunidade fortificado, principalmente na Baixada do Glicério, região limite entre os distritos da Liberdade e da Sé (anel central da cidade), a apropriação do espaço público por haitianos e haitianas dá-se em decorrência da presença no local da Missão Paz, instalando-se assim ao redor comércios e locais de origem haitiana.

RONALD MORA NO BRASIL HÁ CINCO ANOS COM A ESPOSA, E PRETENDE TRAZER SUA FILHA DO HAITI PARA ESTUDAR NO PAÍS. VEIO PARA CÁ POR CAUSA DO DESEMPREGO E DAS POUCAS OPORTUNIDADES DE TRABALHO NO HAITI.



Figura 40 Ronald vendendo suas confecções em telas nas ruas do Brás. Fonte: Autora, 2018.



Figura 41 Imigrantes haitianas vendem seus produtos nas ruas do Brás. Fonte: Autora, 2018.



Figura 42 Imigrante haitiana cende roupas infantis na rua. Peças do tipo são comuns entre esse grupo. Fonte: Autora, 2018.

27 SINCRE – Sistema Nacional de Cadastro de Registro de Estrangeiro. Polícia Federal; BÓGUS, Lúcia Maria Machado, MOZINE, Viviane. Imigração e Refúgio no Brasil Contemporâneo: 1930-2012.

Os imigrantes de origem africana também possuem um senso forte de comunidade, exemplificado também nas associações e grupos de lazer e culturais presentes. No Brás, destacam-se os imigrantes angolanos, nigerianos, senegaleses e congoneses, dentre as 54 nações africanas que estão no Brasil. A maioria provém de situações de deslocamento em prol de problemas sociais e de conflitos nos seus países de origem. Estes grupos encontram uma identidade maior entre os mesmos devido ao laço do idioma e da origem étnica, feito através de associações e eventos culturais que unificam a origem africana, como a Copa dos Refugiados, evento organizado por pessoas de principalmente de origem africana.



VIM PARA ESTUDAR. A VIDA LÁ É MUITO DIFÍCIL, E ACHO QUE TENHO A CHANCE DE VOLTAR MAIS PREPARADO ENCARA-LA. QUERO SER PILOTO DE AVIÃO.

-LANDO TRESOR, 26 ANOS, PEDREIRO , ANGOLA.

Figura 44 'Imigrantes Africanos contam como vieram parar em São Paulo'. Fonte: Metro Jornal.



NA AMÉRICA, HÁ GRANDE ESTRATÉGIA MILITAR E POUCAS GUERRAS. NA ÁFRICA, HÁ MUITAS GUERRAS E POUCA ESTRATÉGIA MILITAR. EU ERA OBRIGADO A LUTAR ONDE MUITOS NÃO VOLTAVAM.

- CRISTHIAN NDOMBASI, 30 ANOS, ELETRICISTA, REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO.

Figura 45 'Imigrantes Africanos contam como vieram parar em São Paulo'. Fonte: Metro Jornal.



Figura 43 'Congolês foge da morte e cria a copa dos refugiados'. Fonte: Folha de São Paulo, 2018.

"FICAMOS ANALISANDO NOSSO DIA A DIA AQUI, COMO ESTAVA O BRASIL, COMO ELE ERA, E PERCEBEMOS QUE HAVIA MUITO PRECONCEITO. VOCÊ PASSAVA NA RUA E OUVIA "EI, HAITIANO! '. HÁ MUITO DESCONHECIMENTO. VAMOS FAZER COMO? PRECISAMOS NOS IDENTIFICAR. PORQUE O BRASIL TEM RAIZ AFRICANA, MAS IGNORA A PRESENÇA DOS AFRICANOS. COM UM AMIGO DO CAMARÕES E OUTRO DA GUINÉ BISSAU, DECIDIMOS MONTAR UMA ASSOCIAÇÃO UNINDO OS 55 PAÍSES DA ÁFRICA SOB UMA BANDEIRA SÓ.

EM 2014 TINHA A COPA DO MUNDO, E TIVEMOS A IDEIA DE ORGANIZAR A COPA DOS REFUGIADOS. NÃO ERA "COM REFUGIADOS", OU "PARA OS REFUGIADOS", ERA A COPA "DOS" REFUGIADOS. TEVE UM GRANDE IMPACTO, ABRIU PORTAS, PERMITIU QUE AS COMUNIDADES DE IMIGRANTES, REFUGIADOS E APÁTRIDAS GANHASSEM VOZ E LIVRE-EXPRESSÃO DA NOSSA DOR.

DEPOIS ABRIMOS NOSSA ASSOCIAÇÃO PARA TODOS OS ESTRANGEIROS. NÃO É MAIS ÁFRICA COMO CONTINENTE, MAS COMO BERÇO DA HUMANIDADE, DE ONDE VEM TODOS OS SERES HUMANOS. QUEREMOS LEVAR A PAUTA DOS REFUGIADOS AO PODER PÚBLICO, POIS MUITAS DECISÕES QUE ELES TOMAM NÃO NOS OUVEM. DECRETOS, LEIS QUE VOTAM, TÊM QUE NOS OUVIR TAMBÉM, POIS A LEI É PARA NÓS. TAMBÉM TENTAMOS EXPLICAR A CULTURA BRASILEIRA PARA OS QUE CHEGAM, PARA QUE ELES NÃO TOMEM ATITUDES QUE ACABAM PROVOCANDO ESTRANHAMENTO NOS BRASILEIROS E, COM ISSO, REFORÇANDO O PRECONCEITO.

(...) NINGUÉM NASCE REFUGIADO; A GENTE SE TORNA REFUGIADO PARA SALVAR NOSSA VIDA. TEMOS QUE ENTRAR EM CAMPO E TRATAR DE MARCAR GOLS. QUEREMOS MOSTRAR QUE SOMOS CAPAZES, TROUXEMOS NOSSA BAGAGEM E NÃO QUEREMOS TIRAR O LUGAR DOS OUTROS. PODEMOS LEVANTAR O BRASIL JUNTO COM OS BRASILEIROS.

NO CONGO, TRABALHEI SEIS ANOS COMO ENGENHEIRO CIVIL. (...) ESTAVA CONSTRUINDO CASAS. AGORA ESTOU CONSTRUINDO CAMINHOS, UM IDEAL, UMA LUTA.

- JEAN CATUMBA, DO CONGO.

Os chineses também se encontram numa posição importante de componentes da comunidade imigrante do Brás. Predominando em quase todos os tipos de comércio, a comunidade chinesa exerce suas atividades culturais principalmente no bairro Liberdade e Vila Mariana. Porém um grande número ainda se concentra no Brás, exclusivamente para moradia e trabalho, especificamente aqueles de baixa renda.

Grande parte dos chineses vem ao país por meio do tráfico humano, em que outros chineses, por exemplo, cobram cerca de 5 mil reais para traze-los e containers através do oceano pacífico em condições precárias. O valor é pago em trabalho geralmente, prendendo esses imigrantes a essa condição exploratória e dependente por anos.

Diferentemente da comunidade boliviana por exemplo, a comunidade chinesa no Brás não possui uma rede social forte. A própria cultura chinesa de individualidade, e as barreiras do idioma, além da competição economica, são impecilios para a formação de um senso comunitário maior.



Figura 47 Imigrantes chineses vendendo cosméticos no Shopping Vauchier. Fonte: The Guardian.

Os sírios, libaneses, iranianos e árabes possuem um lugar de destaque no cenário do Brás atualmente. Cada grupo possui um tipo de comércio pelo qual é conhecido, por exemplo, os libaneses são conhecidos pela comida, os sírios também entraram no ramo da comida e de mercados, mas assim como os árabes trabalham também com venda e produção de roupas de frio. Mas também lojas que vendem roupas, narguiles, lenços, livros e especiarias próprias de cada país são comuns. Tirando os sírios e iranianos, os libaneses e árabes são um grupo mais antigo no Brás. Mulheres andando com véus cobrindo o cabelo são comuns de ser vistas andando ou comercializando pelo bairro.

A consolidação da sociabilidade e comunidade destes grupos se dá principalmente pela identidade da religião. A religião mulçumana cria uma identidade forte e de ligação desses grupos. Exemplo disso é a Mesquita do Brás, que todo os dias, ás 18:00, toca seus sinos para indicar o momento de oração em direção a Meca. A Mesquita da Liga da Juventude Islâmica Beneficente também é um marco da concretização da comunidade mulçumana no Brás.



Figura 46 Mesquita do Brás localizada entre duas ruas principais: Monsenhor de Andrade e Monsenhor Andrade. Fonte: Google Maps.

4.4 MORADIA

A moradia dos imigrantes no Brás geralmente localiza-se no próprio local de trabalho ou em regiões centrais próximas que possibilitem a fácil chegada ao local de trabalho. Dessa forma, o 'morar' depende totalmente do 'trabalhar'.

O local de trabalho, de produção, muito geralmente, é o mesmo do de moradia, assim, que caracteriza-se pela ausência de qualidade do morar. Devido ao ciclo exploratório, ou aos preços de alugueis ou a pouca opção de qualidade e preço na região, a maioria dos imigrantes de baixa renda se submete a modos de morar precários, pequenos e sem qualidade de habitação.

A moradia escolhida assim depende da condição econômica do imigrante, se este é subcontratado ou autônomo, ou se apenas é um revendedor sem muitas condições de produção. Os locais mais utilizados são colônias, pequenos fletes alugados em edifícios ou albergues improvisados.

As colônias geralmente abrigam duas ou mais famílias, ou um grupo grande de pessoas, todas trabalhando para o mesmo patrão. São ambientes de moradia que apresentam uma estrutura insuficiente, assemelhando-se muito a precariedade e insalubridade dos cortiços por exemplo, não oferecendo condições de segurança, nem de bem-estar. De acordo com a Lei Moura de 1991, que dispõe sobre a regulamentação dos cortiços, uma habitação desse tipo se caracteriza por:

> (...) unidade usada como moradia coletiva multifamiliar, apresentando, total ou parcialmente, as seguintes características: (a) constituída por uma ou mais edificações; (b) subdividida em vários cômodos, subalugados ou cedidos; (c) várias funções exercidas no mesmo cômodo; (d) acesso e uso comum dos espaços não edificados e instalações sanitárias; (e) circulação e infraestrutura, no geral, precários; (f) superlotação de pessoas. (Lei Moura, 1991, apud Piccini, 1999, p. 24)

A precariedade está assim em todo os aspectos, as áreas pequenas, com cômodos insuficientes, uso comum de banheiro, uma pia para várias famílias, iluminação e ventilação insuficiente, ambientes únicos para cozinhar, dormir, estudar e assistir TV, falta de privacidade, esgotos danificados, falta de espaços para crianças (CARICARI, KOHARA, 2006, p. 11).



Figura 48 Parte da moradia de oficina clandestina de trabalho escravo de Mr. Office. Fonte: Ministério do Trabalho.

Os imigrantes autônomos, aqueles que produzem e vendem suas próprias mercadorias, habitam geralmente em fletes alugados por prédios que possuem um desenho focado na paralelidade do trabalho e moradia. São geralmente moradias pequenas, como geralmente dois cômodos e um banheiro, que na maioria das vezes abrigam uma família inteira, mais as maquinas de produção e armazenamento. O tipo de moradia a que esse grupo está submetido se assemelha muito às condições de encortiçamento que descrevemos nesta seção.

> Instalações elétricas aparentes e irregulares, tetos por desabar, estrutura da casa comprometida, mofo e umidade são algumas das características bastante frequentes das oficinas/moradias. A reduzida metragem do lugar não é compatível com a quantidade de pessoas que ali vive e trabalha; as famílias nem sempre têm privacidade, pois todos se aglomeram num único espaço ou, então, os cômodos são divididos improvisadamente com pedaços de pano ou madeira.
> (SUZUKI, 2015)

A situação de moradia é mais drástica ainda quando há crianças, coisa que é bastante comum dentre todos as origens de imigrante. Os filhos dividem espaços de trabalho com a família, tendo assim uma rotina igualmente difícil. Não existe uma rotina de casa ou 'normal', com lazer ou espaço de brincar como nos bairros residenciais brasileiros. Os horários de comer e dormir são afetados, além da sociabilidade difícil pelo ambiente ao redor.



Figura 50 Em oficinas de costura improvisadas, trabalha-se das 7h30 às 22h30. Muitas crianças acompanham os pais. Fonte: Gerardo Lazzari.

Outro tipo de habitação comum, é o alojamento, lugares improvisados ou não, para alojar individualmente ou o máximo 4 pessoas. A formação é de quartos individuais ou grupais, com cozinha e banheiros comuns a todos os indivíduos. A locação destes é mensal, e geralmente é feita por imigrantes em situação de refúgio, neste caso nota-se que é um uso mais individual ou de casal. Os quartos são de tamanho extremamente pequenos, dotados somente por uma cama e um espaço para guardar mercadorias, ademais.

A maioria dos edifícios do Brás, que acolhem moradias e oficinas, tem uma infraestrutura precária, que justifica os 'baixos preços do aluguel. Sem instalações seguras de acordo com o corpo de bombeiros ou até mesmo acessibilidade, ventilação adequada, isolamento acústico, exemplificam bem a falta de qualidade de morar dos imigrantes na região.

Dessa maneira, percebe-se a extrema ligação entre as condições do imigrante, principalmente relacionado ao trabalho. A maioria opta pela locação destes lugares para economizar custos e o fato de ser próximo ao seu trabalho. Ainda assim, o aluguel destes imóveis torna-se inseguro, já que como a maioria é indocumentada, a locação não segue padrão da legislação, dando aberturas para golpes ou aumento extremo de preço. (KOHARA, 2013)



Figura 51 Fletes alugadas geralmente por imigrantes, de padrão parecido, contém um único comodo que abriga o programa da casa inteira. O banheiro é compartilhado com os demais moradores da colônia. Fonte: Autora, 2018.



Figura 49 Manchetes mostram a insegurança física e jurídica que habitacional que imigrantes, principalmente aqueles em situação irregular, passam. Fonte: Band e Agência Brasil.

4.5 TRABALHO

O trabalho é um dos principais motivos para o acontecimento da imigração de imigrantes e refugiados. Dessa maneira, ele se apresenta em primeiro lugar na vida familiar e de todas as esferas do imigrante, tendo o resto girando ao seu redor; moradia, lazer, sociabilidade, etc. O trabalho é assim central na vida do imigrante (SAYAD, 1998), de tal maneira que o resto permanece em segundo plano.

> 'Mais do que qualquer outra circunstância, trabalho e habitação estão, no caso dos trabalhadores imigrantes, numa estreita relação de mútua dependência' (SAYAD, 1998).

Porém o livre arbítrio aqui confunde-se e mescla-se com um nível de exploração profundo. A produção e consumo no ramo têxtil no Brás é resultado de um regime de subcontratação de mão de obra, que é originado da terceirização de oficinas de costura e de produção em que trabalham os imigrantes, principalmente os da indústria têxtil. Essas pequenas oficinas geram produtos para empresas intermediárias, responsáveis por fornecer os produtos as grandes marcas de vestimenta, obtendo assim altos lucros pela terceirização, até quarteirização. Dessa forma, essas empresas absten-se de responsabilidades trabalhistas daqueles que confeccionam seus produtos (ZANELLA, 2015). Historicamente, há uma lista enorme de marcas e empresas envolvidas em casos de manutenção de trabalhadores imigrantes em condições análogas a escravidão, como a Marisa, C&A, Schutz, Pernambucanas, Collins, Gregory, M.Officer e a Zara (MARTES, 2009: 69), tendo uma produção assim exclusiva para o mercando interno, para grandes a pequenas empresas. Assim, o baixo preço do subcontrato por peça gera uma exploração econômica e também física, devido as péssimas condições trabalhistas:

> O coreano dono da loja encomenda os produtos para o boliviano dono da oficina de costura. A remuneração, então, segue a escala: o coreano vende uma peça por R$ 30,00 para o consumidor em sua loja, mas paga de R$ 2,00 a R$3,00 ao boliviano dono da oficina. Este, por sua vez, paga R$ 0,30 por peça para o boliviano que trabalha na máquina. (ROSSI, 2005, p. 25)

Um dos principais locais de trabalho dos imigrantes é a oficina. A oficina desdobra-se como um local também de viver, em que os objetos de trabalho misturam-se com os objetos pessoais. Esse fato é um 'elemento fundamental para que essa relação de exploração perversa se mantenha' (ZANELLA, 2015), uma vez que há a existência da constante sensação de endividamento, pelo fato do empregador financiar a viagem, a estadia e a alimentação na cidade de destino, criando uma relação de fidelidade no trabalho, cerceando a liberdade de muitas imigrantes mudarem de oficina caso apareça uma oportunidade melhor (SILVA, S. A., 2003: 293).



Figura 52 Oficina clandestina flagrada em situação análoga a escravidão pelo MTE. Fonte: MTE.

O tempo de trabalho pode durar de 14 até 18 horas por dia. (SUZUKI, 2016).

> Algumas/uns donas/os de oficinas proíbem as imigrantes de saírem sem prévia autorização e não são raros os casos de assédio sexual às mulheres. O horário de comer, dormir e de ir ao banheiro também são controlados, tudo para mantê-las a maior parte de seu tempo no comprimido espaço da oficina, produzindo. (ZANELLA, 2015)

As oficinas geralmente são pequenos espaços, insalubres e precários. Localizam-se em locais escondidos, na parte subterrânea de casas, nos fundos de prédios ou em locais com pequenas janelas. Os desenhos dos próprios edifícios perpetuam esse modo de trabalho e moradia. Geralmente os espaços possuem apenas uma janela e se desdobram em no máximo 3 cômodos.

> No caso das mulheres o trabalho é ainda pior, porque elas devem ajudar nas tarefas da cozinha, lavando a louça, que em geral não é pouca, posto que o número de pessoas que vivem e trabalham nessas oficinas é grande. Para as casadas com filhos, a situação é ainda pior, pois em suas mãos está a administração da cozinha, o que significa a compra e a preparação dos alimentos, além do cuidado dos filhos, da roupa e outras responsabilidades. Assim sendo, como constatou Thompson, o ritmo de trabalho da mulher do lar ainda obedece aos parâmetros de sociedade pré-industrial (cf. E. P. Thompson, op. Cit., p.270) (SILVA, S. A., 1997: 143).

Além do trabalho nas oficinas, o trabalho na rua observa-se como totalmente ausente de condições salubres e físicas. O itinerário comum dos vendedores de madrugada começa a meia-noite, horário em que saem de suas casas e se deslocam carregando suas mercadorias até seu referido ponto de trabalho. Lá, a montagem demora um pouco. Assim, a estadia na madrugada, para se esconder da fiscalização e por medo da condição ilegal, gera uma grande quantidade de imigrantes trabalhando no frio da madrugada sem qualquer apoio. Fora a noite, há também o horário comercial diurno, no qual os vendedores de rua permanecem embaixo do forte sol e calor até as 17:00 aproximadamente. Ademais, muitas crianças acompanham os pais na jornada diária de trabalho para não permanecerem sozinhas em casa, e irem a escola logo pelo amanhecer.



Figura 53 Gabriela e Leila, de 1 e 7 anos, brincam perto da barraca da família. Fonte: The Guardian, 2018.

O trabalho no Brás, nos espectros visíveis (na rua) ou na invisíveis (oficina) caracterizam-se pela monotonia e repetitividade, ambos em ambientes totalmente irregulares e sem condições para um trabalho humano. Funções em condições que parece que apenas os imigrantes estão dispostos a fazer, pela extrema necessidade e situação social em que se encontram.



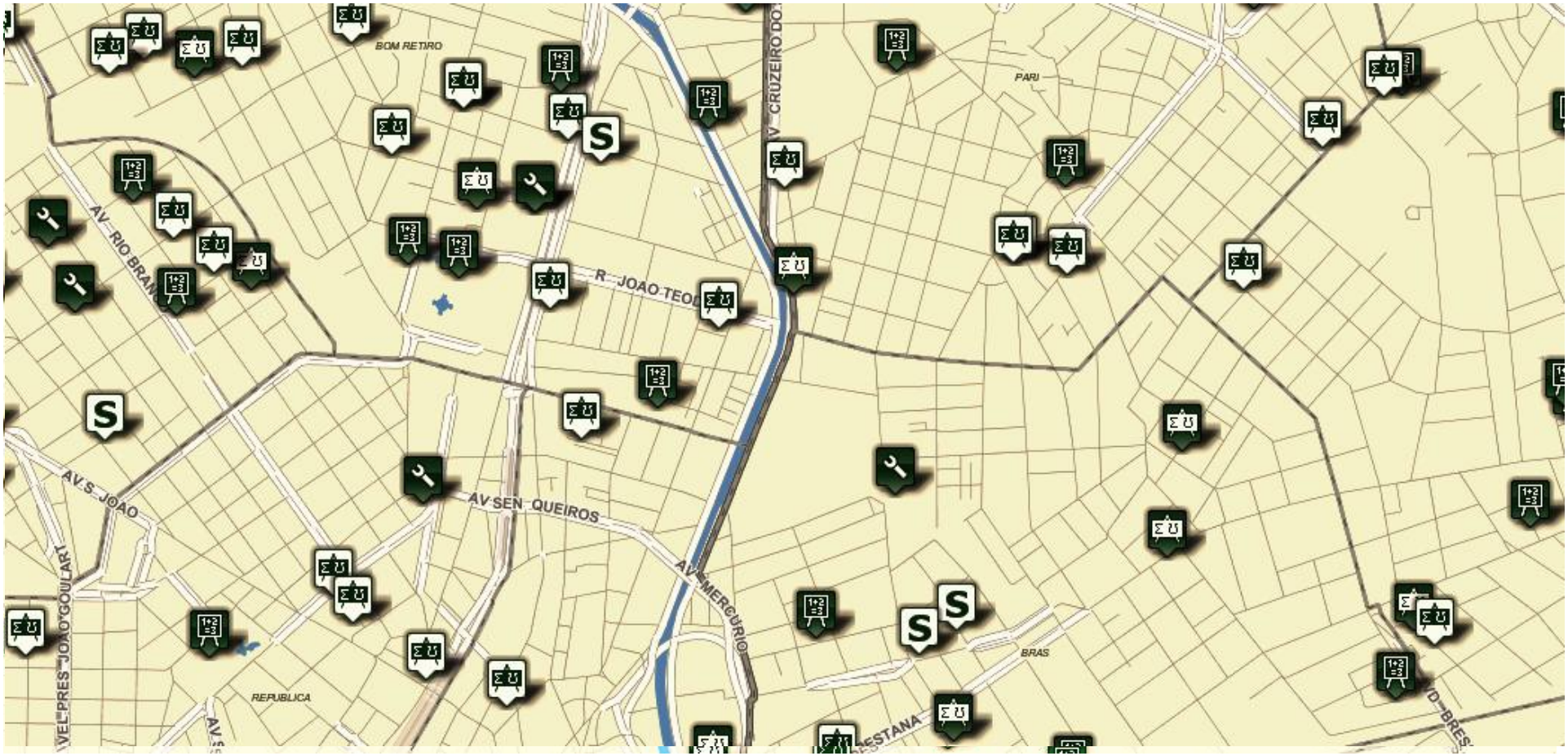
Figura 54 Imigrantes latino americanos fazem jornada dupla: durante o dia costuram, de madrugada vendem. É muito comum encontrar trabalhadores dormindo na feirinha. Foto: Flavio Forner/The Guardian.



Figura 55 Imigrantes ambulante de rua que permanecem em seu cansativo local de trabalho. Fonte: Autora, 2018.

4.5 DIAGNÓSTICO URBANO

EDUCAÇÃO



Mapa 6 Equipamentos de Educação na região do Brás e entorno. Fonte: GeoSampa, 2018.

Equipamentos de educação são presentes no Brás e região, mas não suprem totalmente a necessidade da população. Principlamente no que tange a educação infantil. Várias crianças pequenas ainda são vistas nos horários de trabalho junto com os pais de madrugada ou a tarde. Ademais, nota-se um ausência de escolas voltadas para a população imigrante, principalmente para a adulta, que é aquela que mais tem dificuldade de adaptação social.

Estima-se que nas escolas públicas pelo Brás e região, aproximadamente 70% das crianças sejam imigrantes, como na escola Estadual Eduardo Prado. O que se desdobra na necessidade de atendimento especializado quanto a compreensão do idioma e educação no ambito de aceitação e combate a xenofobia.

"QUANDO COMEÇOU A GUERRA EU TINHA CINCO ANOS. EU SAÍ DA SÍRIA QUANDO TINHA OITO OU NOVE, ENTÃO EU NÃO LEMBRO MUITAS COISAS (...). EU ACHO GUERRA MUITO TRISTE E RUIM. E EU ACHO QUE MEU PAI VEIO PARA O BRASIL PORQUE NÃO TEM NENHUMA CIDADE ÁRABE QUE DEIXA OS SÍRIOS ENTRAREM, PORQUE AGORA A MAIORIA NÃO GOSTA DOS SÍRIOS. (...). HOJE MEU PAI VENDE ROUPA E MINHA MÃO NÃO TRABALHA. (...). NOS PRIMEIROS DIAS AQUI FOI DIFÍCIL, PORQUE EU NÃO FALAVA PORTUGUÊS. NO COMEÇO EU FIQUEI UNS DOIS MESES SEM ESTUDAR, MAS COMECEI A BRINCAR COM AMIGOS QUE FIZ PERTO DA MINHA CASA E APRENDI UM POUQUINHO. (...) O LENÇO EU COMECEI A USAR AQUI EM SÃO PAULO, FIQUEI COM VERGONHA UM POUQUINHO NO COMEÇO. TEM GENTE QUE FICAVA OLHANDO PRA MIM, PORQUE TIPO ASSIM EU SOU PEQUENA E USO. (...). QUANDO EU PASSO NA RUA AS VEZES FICAM OLHANDO PARA MIM COM CARA BRAVA, TEM GENTE QUE DÁ RISADA, É NORMAL. EU FICO TRANQUILA, PORQUE EU USO PORQUE QUERO."

-ZOBAIDA, 12 ANOS, DA SÍRIA.



Figura 56 Zobaida, na escola estadual Eduardo Prado, onde 55% dos alunos são estrangeiros. Foto: Rivaldo Gomes. Entrevista: Folha de São Paulo.

[28]Censo Escolar 2016.

Só na rede pública, em 2015, no município de São Paulo foram matriculados 3.691 alunos de 62 nacionalidades na rede municipal. Em 2016, no país, a presença de crianças estrangeiras em escolas aumentou em 112%, sendo em 2008, 34 mil matrículas de imigrantes e refugiados, e em 2016 o número saltando para 73 mil.[28]

Além disso, segundo pesquisas[29], notou-se um baixo desempenho das crianças imigrantes em relação a crianças nativas. Introversão, falta de higiene e dificuldade de aprendizado são algumas das observações e reclamações de professoras da escola pública. A falta de comunicação entre a escola e os pais dificulta assim a boa estadia e desenvolvimento das crinaças, alpem claro, das barreiras de idioma e culturais. Assim, conclue-se que o ensino público carece de politicas publicas para alunos, professores e familias.



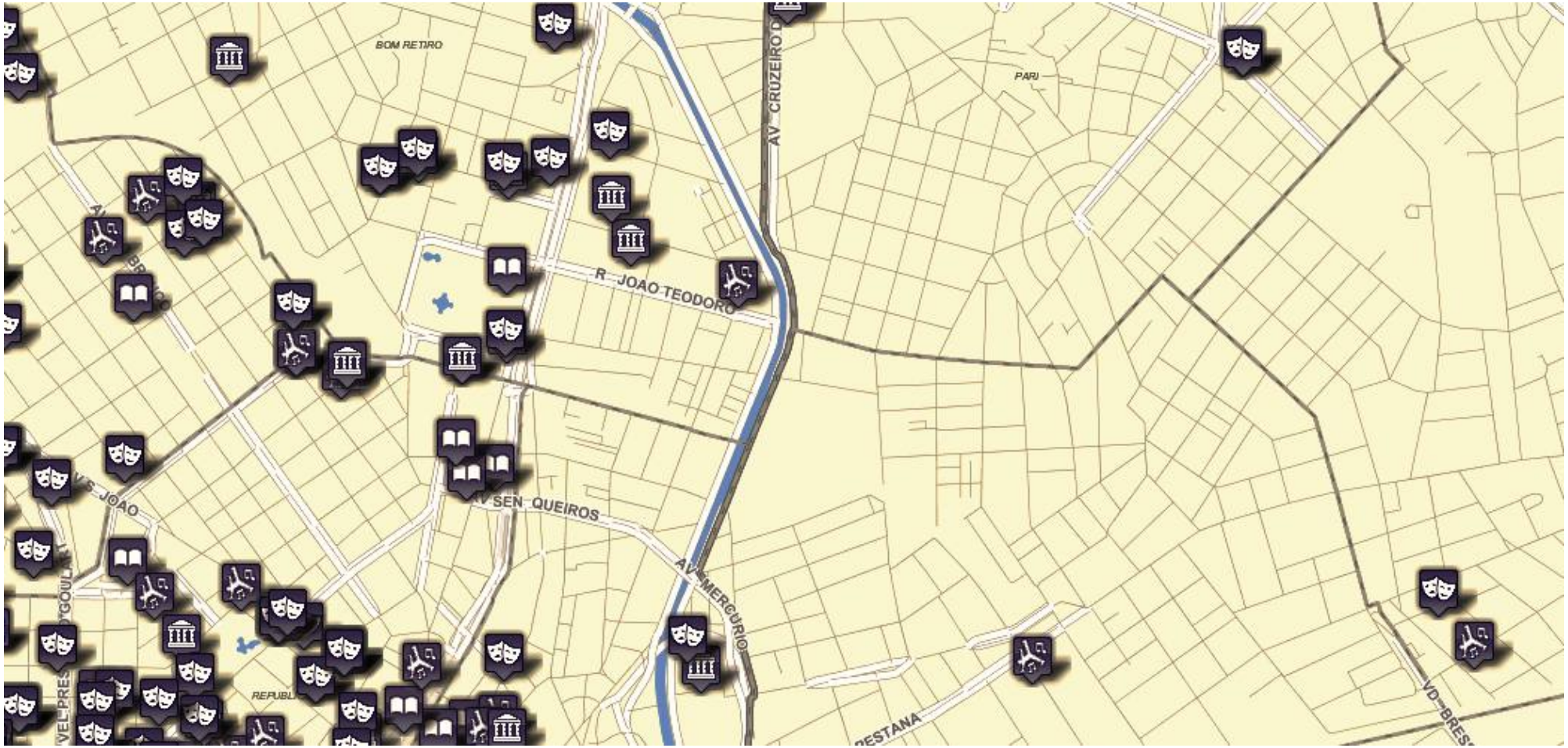
"ELES ME FALAVAM 'VIU, SUA PORCALHONA! VOCÊ NÃO TEM NEM DINHEIRO PRA SE SUSTENTAR!' (...) É CANSATIVO FICAR SENTADO TODO DIA (SOBRE O TRABALHO NAS OFICINAS), MAS É O QUE A GENTE SABE FAZER, E DO TRABALHO QUE A GENTE FAZ, TEM QUE GANHAR. MAS AGORA EU ESTOU ME DANDO CONTA DE QUE ELES DÃO UMA PEÇA (REFERE-SE A GOLPE), DIGAMOS QUE ELES PAGAM R$ 2,50 CADA PEÇA, MAS ELES VENDEM A R$ 25,00. (...) EU NÃO SABIA FALAR DIREITO PORTUGUÊS, NÃO SABIA COMO RESPONDER. E O ÚNICO QUE FALAVA ERA 'PARA!'. ENTÃO MEU PAI NÃO SABIA O QUE FAZER, TAMBÉM AS PROFESSORAS VIAM SÓ QUE NÃO ENTENDIAM, SÓ FALAVA ' EU VOU DAR SUSPENSÃO PRA ELE, COISA QUE EU ACHO QUE NÃO RESOLVE QUASE NADA."

- ESTUDANTE BOLIVIANA

Figura 57 Filha de imigrante boliviana estudante de escola estadual. Foto/vídeo/ entrevista: Escravo, nem pensar!

[29] Crianças bolivianas na educação infantil de São Paulo: adaptação, vulnerabilidades e tensões. Marcos Cezar de Freitas e Ana Paula Silva, 2015.

CULTURA



Mapa 7 Equipamentos Culturais na região do Brás e entorno. Fonte: GeoSampa, 2018.

Outro aspecto relevante, é a falta de equipamentos culturais na região do Brás. Nota-se uma clara divergência se comparado com o bairro vizinho, Sé. Desta maneira, sem icentivo cultural público, resta as comunidade imigrantes criarem seus proprios espaços culturais a partir das suas possibilidades. Os espaço culturais presentes assim, são geralmente criados por associações e grupos, mas só funcionam aos fins de semana ou em dias específicos, como os jogos de futebol de cada fim de semana nas 'canchas' municipais, ou as feiras da Kantuta e da Coimbra, ou também comemorações próprias de cada país.

Apesar desses espaços criados existentes, nem todas as comunidades participam ativamente desses eventos, uma vez que comunidades mais consolidadas tendem a incentivar mais participantes, como a comunidade latino-americana. Assim, faltam espaços públicos para realização de outras atividades e de participação ampla de imigrantes de todas as origens. Ademais, apesar da relativa proximidade dos equipamentos culturais da Sé, os imigrantes dificilmente se deslocam para teatros, museus ou espaços culturais, devido a extensa carga de trabalho, a distância (pois geralmente os imigrantes não possuem carros), pela economia de dinheiro e pela falta de motivação para esses.

As iniciativas culturais tomadas pelos próprios imigrantes geram uma grande movimentação e sentimento de identidade com o próximo, uma não-solidão assim. Organizam-se de grupos de dança, e times de futebol, espaços de sociabilidade. Assim, enfatiza-se a necessidade espaços como este para aprimorar a qualidade de vida desses sujeitos, além de um espaço cultural que abrace todas as etnias e origens, e que sejam permanentes.



Figura 58 Grupos de dança bolivianos surgem espontaneamente ao longo d afeira da Kantuta. Fonte: Autora, 2018.

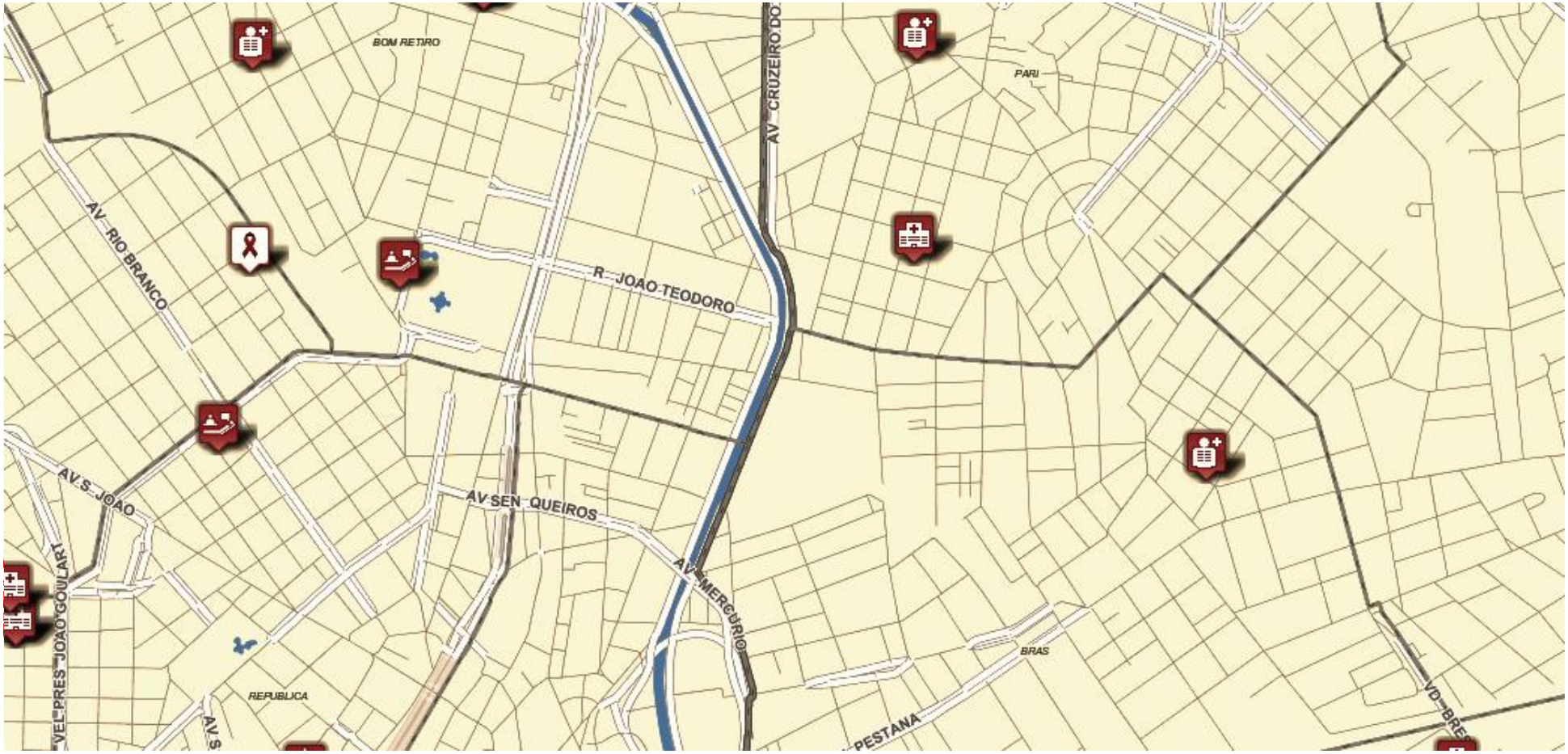


Figura 60 Comemoração com desfiles de danças típicas no aniversário da Bolívia na praça Kantuta. Fonte: Autora, 2017.



Figura 59 Jogo de futebol semanal na Kantuta, formadora de rede sociais e lazer para os imigrantes latinos. Fonte: Autora, 2018.

SAÚDE



Ambulatórios especializados
Saúde mental
Vigilância em saúde
UBS/Posto/Centro de Saúde
Urgência / Emergência
Hospital
Unidades DST/AIDS

Mapa 8 Equipamento de Saúde na região do Brás e entorno. Fonte: GeoSampa, 2018.

Em relação a equipamentos de saúde pública verifica-se a ausência e falta de hospitais e posto próximos a área do Brás. Tal fato pode resultar numa decadência da saúde dos imigrantes, uma vez que segundo Coutinho e Oliveira (2010) os imigrantes possuem maior propensão a fatores estressantes do cotidiano. Isso também decorre devido à precariedade das suas condições de vida e trabalho, à discriminação e ao isolamento social. Tendem a reunir, assim, um número mais grave de patologias.

Na cidade de São Paulo, enquanto os casos de tuberculose diminuíram em 45% na população nativa nos últimos anos, entre os bolivianos aumentaram cerca de 250%. Além desses problemas alergias, problemas posturais e de articulação, alcoolismo, violência doméstica, atraso no desenvolvimento psicofísico de crianças, problemas psicológicos e alimentação inadequada. Esses problemas de saúde estão intimamente relacionados com as condições de vida e trabalho dos bolivianos (GOLDBERG; SILVEIRA, 2013). Segundo Goldbert e Silveira (2013, P. 288.):

> [...] DESDE A ANGÚSTIA SOFRIDA PELA VIOLÊNCIA E MAUS TRATOS, PASSANDO PELA ESCASSA CIRCULAÇÃO DO AR, O ISOLAMENTO E A FALTA DE LUZ SOLAR, A ACUMULAÇÃO DE PÓ E UMIDADE NAS PAREDES, SOLO E TETO; ATÉ O FATO DE QUE O TRABALHO SE REALIZA EM CONDIÇÕES DE AGLOMERAÇÃO, EM HABITAÇÕES SEM VENTILAÇÃO INFESTADAS DE RETALHOS DE TECIDOS, FIOS, POEIRA E PENUGENS QUE AS MÁQUINAS PRODUZEM [...]; QUE A QUANTIDADE DE HORAS DIÁRIAS TRABALHADAS SEJA ENTRE 14 E 18, COM RITMOS INTENSOS E ININTERRUPTOS; QUE A ALIMENTAÇÃO SEJA ESCASSA E DEFICIENTE, ETC. TODOS ESTES ELEMENTOS, EM CONJUNTO, PODEM GERAR UMA BAIXA NO SISTEMA IMUNOLÓGICO DESTAS PESSOAS, TORNANDO-AS MAIS VULNERÁVEIS À INFECÇÃO, CONTÁGIO E DESENVOLVIMENTO DE TUBERCULOSE

A falta de informação é um obstáculo também, muitos imigrantes e refugiados acreditam que não podem receber atendimento público pela sua condição irregular, mas segundo a Lei, no SUS é garantido o atendimento mesmo sem portar nenhum documento, dessa forma muitas famílias não vão regularmente ao médico e até mesmo absten-se de vacinações. Porém a falta de informação não vem somente dos imigrantes, muitos funcionários públicos e profissionais da saúde não possuem preparo adequado para lidar com as especifidades e direitos dos imigrantes.

Algumas políticas públicas mostraram-se eficientes nesse quesito. Serviços de atenção básica passaram a incluir imigrantes como Agentes Comunitários de Saúde (ACS), para facilitar a comunicação e intermédio com as famílias que não frequentam unidades de saúde. Além disso, medidas de saúde quando partem das próprias comunidades ganham ainda mais visibilidade. A Associação de Residentes Bolivianos por exemplo, realiza mutirões de saúde em alguns finais de semana na Feira da Kantuta, além de toda feira distribuir camisinhas e informativos respectivos a saúde. Porém, essas políticas ainda não atingem todos os grupos e pessoas de origens diferentes, já as medidas não são permanentes e 24h diárias.



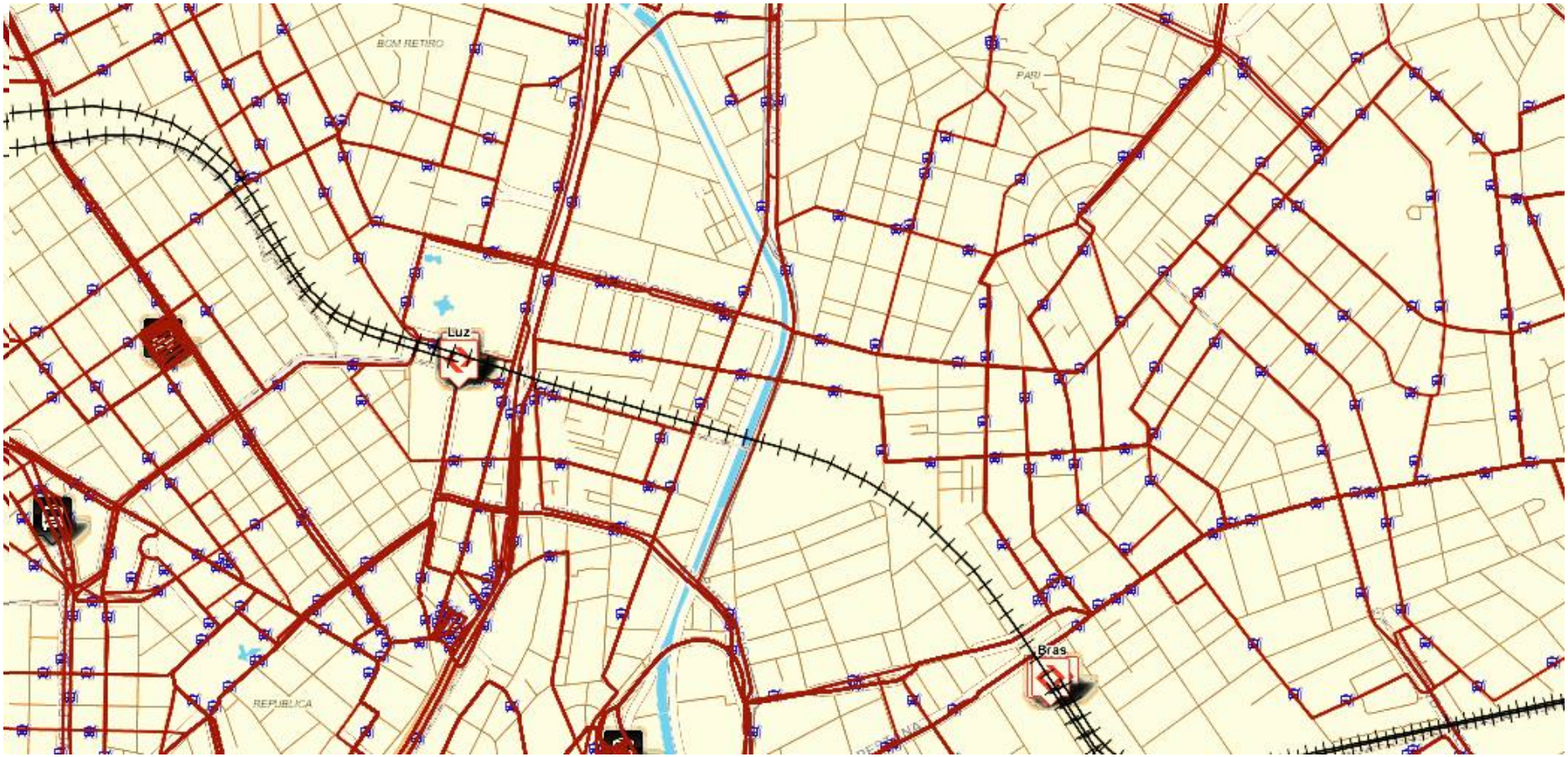
Figura 61 Bernardo Malangu fugiu de Angola com a família. Foto: Gui Christ/ÉPOCA

> "O IMIGRANTE NÃO SABE ONDE PROCURAR AJUDA MÉDICA."
>
> - BENARDO, REFUGIADO DA ANGOLA.



Figura 62 Campanha de Saúde e Informação na Kantuta, organizado por associações de residentes bolivianos, mas atendendo a todos os públicos. Fonte: Autora, 2018.

TRANSPORTE



Mapa 9 Sistemas de transportes na região do Brás e entorno. Fonte: GeoSampa, 2018.

Quanto ao sistema de transportes do entorno, identifica-se um boa circulação de linha de ônibus no entorno, possibilitando acesso ao transporte público do imigrante. Porém percebe-se também a distância das linhas de metrô no Brás, que apesar de ter uma estação própria, se torna distante para a região de maior moviemnto do bairro, principalmente próximo ao bairro Pari.

A facilidade de transporte por exemplo facilitaria a ida dos imigrantes e refugiados a outros lugares da cidade. Em entrevista viu-se que vários imigrantes que moram em São Paulo há vários anos quase nunca saem do seu bairro, e se saem, raramente é para visitar ou conhecer lugares turísticos e culturais da cidade. O transporte público assim nada mais é que uma forma de acessibilidade a cidade, que influencia assim diretamente no movimento do imigrante pelo espaço urbano.

PRAÇAS E ÁREAS VERDES

Em relação as áreas verdes, identifica-se uma grande ausência de vegetação, coisa que não é fora do comum na capital, mas que nessa região reforça ainda mais o caráter não habitacional e precário do bairro.

A ausência de praças com devido equipamentos no meio do bairro também são um problema. As praças existentes geralmente se lotam de moradores de rua imigrantes ou não, e comércio irregular. Assim, as praças acabam por ser também 'devoradas' pela zona comercial da região.

Outro problema urbano no bairro é o lixo acumulado ao final do dia. Por volta das 4 ou 5 da tarde, com as ruas já vazias, nota-se uma grande quantidade de lixo jogado na rua e acumulado pelas esquinas e em frente de estabelecimentos. O problema pode gerar alagamentos futuros e problemas nas redes de esgoto e contenção de água do bairro, além do risco de contaminação de doenças aos moradores.

Por si só, a cidade possui um ar poluído, mas no Brás, os escapamentos de ônibus, a poeira da intensa movimentação, as fumaças e restos de fábrica condicionam a região urbana à insalubridade.



Figura 63 Rua Canindé após o final do expediente, vazias de pessoas e cheias de lixo. Fonte: Autora, 2018.



Figura 64 Lixo acumulado de loja na Rua João Teodoro. Fonte: Autora, 2018.

4.7 ILEGALIDADE LEGALIZADA

Os imigrantes e refugiados em situação irregular no Brasil, pela legislação, não são considerados criminosos, assim, muitos imigrantes permanecem trabalhando e vivendo em situação de ilegalidade no país. Principalmente em São Paulo, nos polos do Brás, Pari e Bom Retiro, que se constituem como lugares onde os imigrantes em situação clandestina moram majoritariamente. Muito da manutenção da situação irregular se deve ao desconhecimento da legislação, e do medo de procurar ajuda por medo de ser 'pego' e ser deportado. Fora isso, procurar a justiça requer tempo, coisa que o imigrante não tem. Um dia sem trabalho é um dia sem recebimento e até mesmo sem alimentação. Além disso, a burocracia para emissão do RNE (Resgistro Nacional Estrangeiro) é extensa, e cara para o bolso dos imigrantes mais pobres, custando cerca de 500 reais.

> "Quinhentos reais é o valor destinado à Polícia Federal, soma-se a isso outros documentos necessários para o processo. Alguns são gratuitos, outros não e alguns documentos são necessários solicitar na Bolívia [...] Isso minimamente custa quase mil reais", ressalta Patrícia sobre as complicações da regularização. "Agora imagine o custo disso para uma família de quatro pessoas?". Por esse motivo, muitos ficam sem documentos, o que se torna um problema na vida do imigrante no país e deixa às mulheres ainda mais suscetíveis à violência e exploração.
> (AGUILERA e COLERATO, 2017)

A condição em que os imigrantes e refugiados, aqui apresentados, se encontram na verdade, não é novidades para os governos ou a mídia. A situação de trabalho, a dificuldade de acesso a equipamentos públicos, a precária condição de moradia, as vendas de produtos ilegais, a estadia irregular e a xenofobia na verdade apenas passam a fazer parte do cotidiano, e muito além disso, de um sistema que acaba por explorar uma parcela da população que não tem amparo legal nenhum. Os imigrantes e clandestinos, mais que clandestinos, tornam-se também invisíveis aos olhos da sociedade e do estado.

O funcionamento do comércio de madrugada do Brás se dá justamente pelo caráter clandestino do mesmo. Imigrantes que não tem loja física saem as ruas e ocupam as ruas, vendendo seus poucos produtos que não tem nota fiscal nem firma. A maioria que vende de madrugada são imigrantes autônomos, que fabricam suas próprias peças, dessa maneira, saem essa hora para evitar fiscalização e policiamento, com medo de serem 'pegos'. Dessa maneira os imigrantes saem de suas casas por volta da meia noite, para colher seus lugares na rua, e montar sua barraca, saindo da rua por volta das 7 da manhã, e voltando para casa para costurar e fabricar mais peças.

A normatização da condição de vida se dá em todas as esferas da sociedade. Da mídia, que não exibe ou denuncia, da sociedade civil, que passa a ver com naturalidade essa relação violenta do imigrante com a cidade, do Estado, que não oferece políticas públicas adequadas para conscientizar a população nativa e imigrante, ou dar apoio sequer. O conformismo faz com que os muitos migrantes, (dês)territorializados e (re)territorializados, percam novamente suas novas raízes, sendo cada vez mais expulsos pelos mesmos processos; por segregação e gentrification, que são mais numerosas na história social e urbana do que os capítulos voltados à garantia dos direitos à moradia e ao espaço urbano (VERAS, 1998).

Muito além dos direitos humanos, mostra-se em São Paulo, uma situação de abandono e isolamento social-politico dos imigrantes. Os casos de xenofobia são o desenho perfeito de como um ser humano em situação clandestina deixa de ter aos olhos do outro aqueles direitos garantidos pelo nascimento: os Direitos Humanos. Como em 28 de junho, o menino boliviano Brayan foi morto na zona Leste de São Paulo, segundo a mãe, foi morto em seu colo porque chorava, durante um assalto a familia.



Figura 65 Mãe do menino Brayan e bolivianos protestam em frente a delegacia. Foto: Epitácio Pessoa/Estadão

O descaso com essa população – que comprovadamente não é pequeno – é relacionado com um espectro muito maior de poder e de interesses. Sabe-se que grandes empresas financiam as oficinas de trabalho escravo, e que infinitos comércios de todo o Brasil se beneficiam com a venda de produtos abaixo do preço de custo. Mas além disso, a esfera pública está intimamente ligada a isso.

Segundo afirmações de moradores e trabalhadores do Brás, o comércio de rua é desenhado e administrado por máfias brasileiras e coreanas. As máfias dividem as ruas em espaços de venda e negociam o ponto com os imigrantes. Geralmente a cobrança por um 'box' da rua é de 300 reais por semana. Os espaços de venda são pequenos, geralmente de no máximo 2mx2m.



Figura 66 Divisão dos 'boxes' de rua feitos pelas máfias para controle monetário e físico. Fonte: Autora, 2018.

Caso não haja pagamento, os mafiosos pegam a mercadoria ou até mesmo matam quem não efetuar o 'devido pagamento'. Além disso, a preferência do ponto vai sempre para quem paga mais, não havendo segurança nenhuma para os trabalhadores imigrantes que já negociam com os mafiosos.

Desconfia-se assim, que pessoas ligadas a polícia e ao Estado façam parte desse esquema de corrupção e exploração, uma vez que todos têm consciência dos produtos ilegais produzidos ali, que seriam alvo fácil de fiscalização. Os próprios comerciantes também afirmam que tem 'parceria' com a polícia, que possivelmente tem um esquema de suborno com grandes ou pequenos proprietários.

Nos últimos anos também, percebeu-se essa normatização das condições, e reforço dela, nos investimentos dirigidos a área comercial do Brás. Novos e modernos edifícios comerciais são erguidos cada vez mais, na qual salas comerciais são vendidas e alugadas por preços altos, variando entre 5 mil e 10 mil reais mensais, e a venda de no mínimo 50 mil reais. Nota-se esse 'avanço empreendedor' a qualquer custo. Como a Feirinha da Madrugada, uma das feiras mais antigas do Brás e que continha até 6000 boxes de venda, foi derrubada de um dia para o outro, sem aviso exato da data. Centenas de imigrantes tiveram suas mercadorias perdidas e misturadas ao concreto e metal, sem sequer poder tentar recuperar. Nesse caso, aos comerciantes sem local de venda sobrou alugar e vender nos novos shoppings que se erguem na região. No lugar da antiga feirinha da Madrugada atualmente, está sendo construído um novo shopping, de mais de 3 pisos.



Figura 67 Helicóptero sobrevoa a demolição da popular Feirinha da Madrugada. Fonte: Rede Globo.

4.8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação dos imigrantes na região do Brás aqui exposta leva a conclusão do papel de fato marginal que os mesmos ocupam na sociedade paulistana e brasileira. Muito além disso, o conjunto interseccional, do pobre, estrangeiro, de etnia e ilegal reforça a posição de inferioridade e descuido.

A permanência da condição dos imigrantes no meio urbano, sem acesso direto a direitos básicos como saúde e educação, demonstra o isolamento e a condição clandestina em que se encontram, e também se identificam. É aceitado um padrão habitacional, de trabalho, de rotina, que forma uma cadeia, uma rede inquebrável que mortifica e condena futuras gerações. Nem os próprios imigrantes (já conformados pela falta de informação), nem a sociedade nativa (que normatiza e filtra os problemas), nem o Estado se movem para tentar mudar o cenário gritante que é esse território de imigrantes. A cultura barroca, de fachada, não dá conta da igualdade de direito à maioria e no reconhecimento da alteridade para os excluídos do campo, da floresta e na cidade (Martins, 1993).

A precariedade da vida trabalhista, da moradia, da educação, da saúde e social dos imigrantes e refugiados das mais diversas nacionalidades desdobram-se como reflexo da (ausente) política brasileira para imigrantes, que apesar de ser avançada num âmbito mundial, ainda se mostra escassa e insuficiente para acolher o contingente migratório existente no país.

Existe assim um 'limite', entre o imigrante e nativo. Um limite marcado pelo território e também imaginário. O Brás nada mais é que um território flutuante, que só é penetrado quando há interesses econômicos e comerciais:

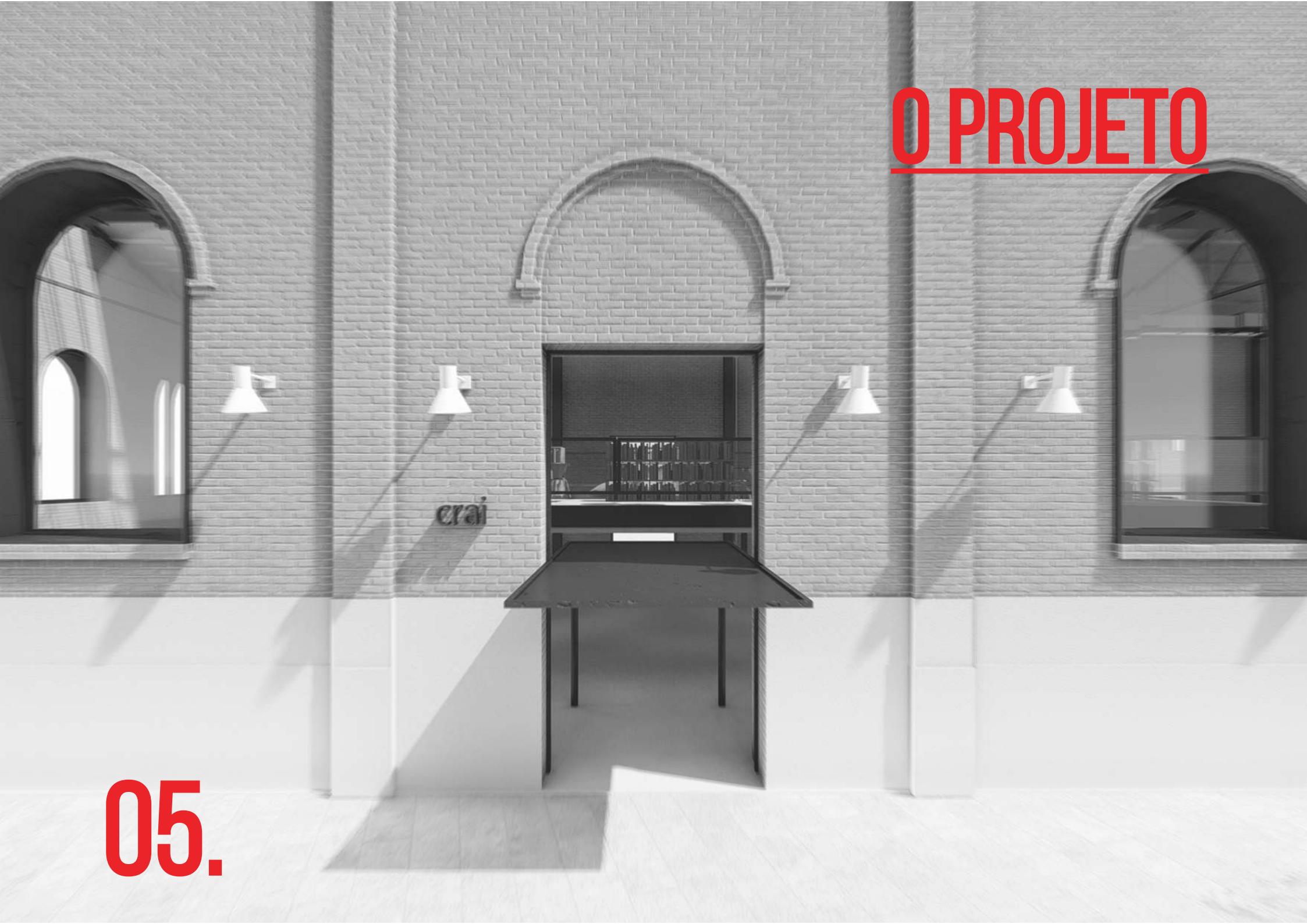
> Paradoxalmente, quanto mais conectado o mundo todo pela comunicação planetária, mais fragmentado está, mais desterritorializado midiaticamente. Aí, é preciso rever o conceito de fronteira: entre países, nações, continentes. É um "nada limítrofe", dando a entender que a polis do século XXI será sem fronteiras, pela existência das comunidades supranacionais. Mas, internamente, em cada cidade, novas territorializações e fronteiras internas – a das alteridades –, fronteiras entre seus próprios bairros, entre zonas ricas e pobres, culturas diferentes, "guetos" que destroem a idéia comunal de cidade.
> (VÉRAS, 1998)

Ao se encontrar em tamanho isolamento perante o novo país, a nova cidade, a percepção do ser-lugar (HEIDDEGER) é alterada. Não há identificação, o indivíduo imigrante não consegue abandonar sua história e formação. O desencontro com a identificação leva os imigrantes a recriarem os lugares de origem na expectativa de preservar sua forma de ser, bem como reafirmar sua identidade territorial natal. Assim, as comunidade e associações feitas por imigrantes no Brás dão fundação e sustento para o ser (CASEY, 1993). A necessidade de preservar sua personalidade e identidade para ter a mínima sensação de pertencimento gera um gradual e continuo processo de edificação de 'lugares próprios', que permitem que o imigrante possa enraizar-se. Estes lugares são articulados como 'território dos imigrantes', que são e fundamento das redes sociais estabelecidas, e podem configurar-se desde um pequeno restaurante, um prato de comida a uma grande festa comemorativa.

A globalização, contrariando suas expectativas, apenas deu assim origem a um verdadeiro "espetáculo das diferenças", à "afirmação das etnicidades" (Schwarcz e Queiroz, 1996, p. 13). Observa-se a ausência do urbanismo democrático, que ignora as condições de vida dos habitantes, seus valores, identidades, memórias e o direito a seu "local", laços de vizinhança, conterraneidade e sociabilidade.

A mudança da realidade apresentada, porém não é fácil, uma vez que as vidas inteiras dessas pessoas são fortemente entrelaçadas com essas atividades comerciais e irregulares. Assim, romper repentinamente essa cadeia de relações seria prejudicial para os próprios imigrantes, já que retiraria seu sustento e seu lugar de morar.

Apesar disso, há alternativas que viabilizam a mudança, mesmo que a longo prazo, desse cenário. A palavra-chave seria de políticas públicas, que representam um caminho de transformação. Através do acesso pleno aos direitos básicos e adicionais, que se dão basicamente pelo incentivo a militância imigrante – que faz frente ao Estado e pleiteia suas reivindicações; e da reformulação do serviço de apoio a imigrantes, um serviço público acessível e igual para todas as particularidades de cada grupo de imigrantes, que incentive e ofereça formas de autodescobrimento, educação e amparo.



05.

O PROJETO

5.1 JUSTIFICATIVA DE PROJETO

A imigração, conforme o material estudado, é uma ação que gera mudanças em vários níveis. Muda a econômia, a política de um pais, muda as configurações de cidade, muda os fluxos geográficos e principalmente muda o ser humano como um todo. É uma ação sensível, que vai muito além do aspecto econômico ou político, pois atinge diretamente a espacialidade e a fragilidade do ser humano.

A imigração no mundo e logo, no Brasil, são processos resultantes da própria sociedade de exclusão. De forma que essas pessoas nada mais buscam do que direitos básicos. Cada fase da imigração, a saída, o percurso e a chegada são ao seu modo, difíceis.

Em São Paulo, as políticas públicas para imigrantes, em comparação as demais cidades brasileiras, se apresentam como boas. Porém as mesmas ainda são suficientes para a cidade como um todo. Uma metrópole que não para de crescer e de receber imigrantes na verdade deveria estar mais preparada para os grandes fluxos que não são novidade, mas mesmo assim, ainda apresenta uma boa estrutura, que não é perfeita, mas é o início de um caminho de ações a ser seguido.

Iniciativas da igreja como a Missão da Paz, direcionada por voluntariado e padres católicos, criaram instituições autônomas de apoio a imigrantes e refugiados em situação de desamparo, oferecendo abrigo e atendimento, como a Casa do Imigrante, ou Paróquia Nossa Senhora da Paz, na Baixada do Glicério.

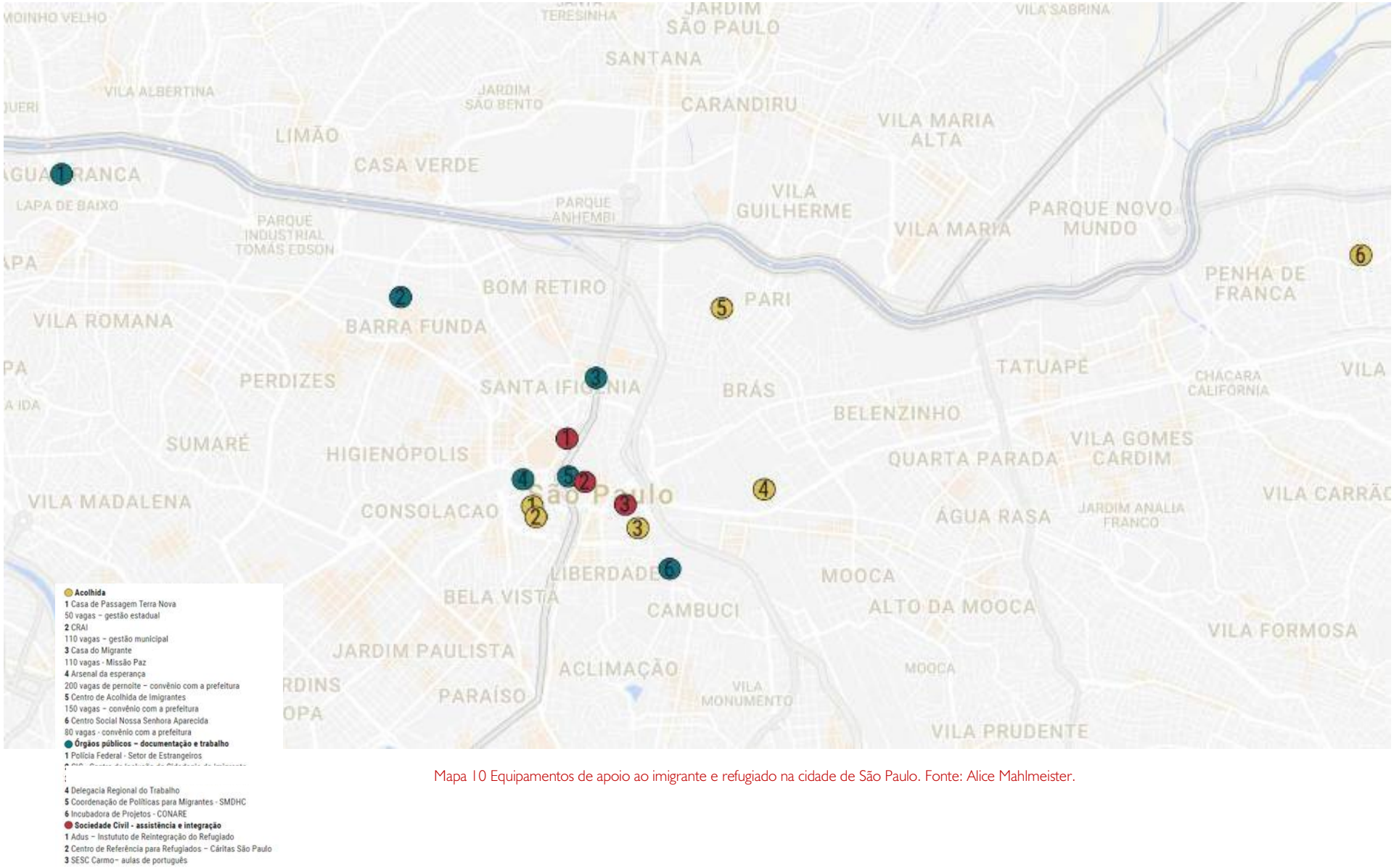
Em 2013, a Prefeitura de São Paulo criou a Coordenadoria de Políticas para Migrantes, um setor voltado apenas para essa população que já existia e necessitava de amparo público. Mas foi em 2014, com os grandes fluxos do Haiti, que o poder público de São Paulo teve que tomar outras atitudes. Foi inaugurado um abrigo emergencial para haitianos, em parceria com a Missão da Paz. O abrigo foi instalado no galpão Glicério, e funcionou apenas de maio a agosto. Um mês depois foi inaugurado o CRAI-SP (Centro de Referência e Acolhida para Imigrantes), um equipamento público municipal especializado para atender a população imigrante.

Além das vagas de abrigo, o CRAI oferece serviços de suporte, assistência jurídica e social, aulas de português e orientação profissional. Em 2015 o CRAI foi expandido, inserindo-se uma acolhida no bairro Pari, um dos que mais concentram imigrantes em São Paulo. Além da casa de abrigo do CRAI, a prefeitura convenia outras duas: o Centro Social Nossa Senhora Aparecida e o Arsenal da Esperança, ambos gerenciados pela igreja católica. Em 2014 também foi inaugurada a Casa de Passagem Terra Nova, voltada para a população imigrantes.

Outro projeto de destaque é o CIC (Centro de Integração e Cidadania) do Imigrante, inaugurado em 2016. No início, a sua sede era um edifício convencional, mas na gestão Haddad, foi realizado um projeto novo para abriga-lo, resultado do convênio entre a Escola da Cidade, a Secretaria de Estado da Justiça e Defesa da Cidadania de São Paulo, com apoio da Inditex e do Ministério Público do Trabalho de São Paulo. Foi desenvolvido como um esforço pedagógico de extensão acadêmica, envolvendo alunos e professores de graduação e pós-graduação. O CIC não conta com abrigo, mas possui uma excelente infraestrutura de ensino técnico de padaria, costura, moda e construção civil, ademais, oferece atendimento gratuito nas áreas econômica, jurídica e civil.

Outra iniciativa publica interessante é a PL142, que institui a Política Municipal para a População Imigrantes, sancionada pelo prefeito no Fórum mundial das Migrações. A PL garante acesso a direitos sociais e serviços públicos aos imigrantes, além de criar nova medidas de participação social, como o conselho Municipal de Imigrante. Tal Lei deve ajudar a amplias os programas de assistência que estão em andamento, como o CRAI e o CIC.

Apesar das boas e direcionadas políticas públicas na cidade de São Paulo, as mesmas não comportam ainda o grande número de imigrantes e refugiados da cidade. Ainda há problemas de localização e de informação sobre as instituições existentes. Unidades muito longe de onde imigrantes se concentram, e falta de conhecimento sobre as instituições. Ademais, os leitos em abrigos da cidade são insuficientes, pois todos os dias chegam novos refugiados a cidade, como no centro Cáritas, que todos os dias recebe 20 novos solicitantes de refúgio. Os abrigos disponíveis na cidade inteira totalizam 620 vagas, sendo que dessas, 200 são pernoite.



Mapa 10 Equipamentos de apoio ao imigrante e refugiado na cidade de São Paulo. Fonte: Alice Mahlmeister.

A partir assim, das informações e reflexões a nível internacional, nacional e da cidade, recai-se na necessidade de um equipamento de auxilio e suporte para imigrantes e refugiados em São Paulo, principalmente daqueles que habitam e trabalham na região comercial do Brás, localidade em tal equipamento é mais que necessário. Propõe-se assim, um Centro de Acolhimento e Abrigo para refugiados. Busca-se então na proposta de projeto tratar da fase de chegada, de acolhimento ao novo lugar, pois a chegada é a que define como a vida inteira do imigrante será, e como ele lidará com tudo o que há de vir. Que procura também atende-lo na permanência, informando e fornecendo o apoio daqueles imigrantes já fixados.

SE NACE EM UM PAÍS

Y EM OTRO SE RENACE

SE CRIA UM FULGOR SIN FRONTERAS

- JUANA ROSA PITA, 1939.

O projeto proposto pretende assim oferecer condições e oferecer um 'renascimento' digno para aqueles que chegam e que já estão no seu país e região de destino. Um equipamento que integre o imigrante a sociedade ao mesmo tempo que empodere e valorize as raízes do mesmo, com espaços e serviços que possibilitem ao imigrante crescer, aprender, e 'renascer' em essa outra sociedade, respeitando seus vínculos com suas origens.

Um Abrigo para imigrantes e refugiados se vê necessário em São Paulo, já que apesar do número considerável de locais de acolhimento, o número total de vagas é insuficiente para atender a demanda. Ademais, é necessário pela projeção de um espaço próprio para o abrigo a refugiados, que possua ferramentas, usos e funções adequadas para exercer sua função de 'abrigar', e que seja assim de fato um espelhamento das políticas públicas na prática.

O Centro de acolhimento de justifica na necessidade de um equipamento que possa atender a área em que a maioria das populações imigrantes trabalham e habitam em São Paulo, na região do Brás. Pois, apesar de já existirem equipamentos assim na cidade, a localização dos mesmos não favorece seus usos, e assim, aqueles que mais precisam não tem acesso direto ao mesmo. Destaca-se assim também o Centro de acolhimento como um projeto para informar os imigrantes e refugiados de seus direitos, e atender as demandas especiais da região de estudo, uma vez que sua rotina se dá de forma totalmente diferente.

Disto surge também o projeto de uma creche, que complementa o programa do abrigo e auxilia as famílias trabalhadoras e imigrantes do Brás. Com pretensão que atenda e funcione 24hr por dia, para se adaptar a rotina dos imigrantes da localidade do Brás.

Para encaminhamento do projeto, do conjunto de abrigo e acolhimento, serão feitos estudos de caso para projeto arquitetônico e programa, além do uso das informações e reflexões já feitas ao longo do trabalho.

5.2 ESTUDOS DE CASO

CIC DO IMIGRANTE

O projeto para o CIC do Imigrante, em São Paulo, resultado do convênio entre a Escola da Cidade, a Secretaria de Estado da Justiça e Defesa da Cidadania de São Paulo surgiu a partir da conversão de um conjunto de edifícios ferroviários em um espaço para acolhimento de imigrantes. Os dois edifícios configuram um espaço linear e amplo, com possibilidade para ampliações. A recepção do local acontece em uma praça que conecta e dá acesso à ambos os edifícios. Nesse espaço, acontecem frequentemente festas, assembleias, reuniões e feiras promovidas pelos próprios imigrantes. Como apoio à praça, uma das construções abriga um café, um espaço para acesso à internet e recreação infantil. Já o outro edifício, consiste em um galpão que abriga escritórios e o setor de atendimento, onde ocorrem os processos de documentação e regularização de imigração. Aqui, a linearidade do conjunto é evidenciada com a disposição do mobiliário. Para fazer a conexão entre os dois edifícios, um mezanino em aço configura o segundo pavimento do conjunto, ligando-os através de um terraço em comum. Dessa forma uma ligação é feita sem comprometer o zoneamento proposto.

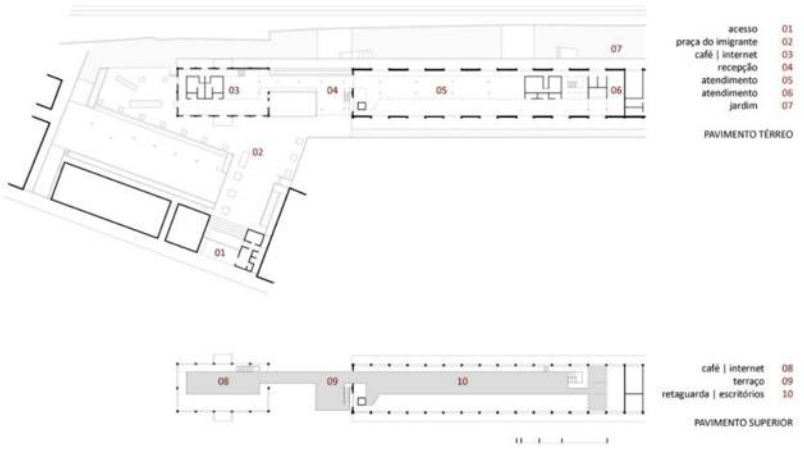


Figura 70 Setorização do CIC do Imigrante. Fonte: ArchDaily.



Figura 69 Blocos A e B do CIC do Imigrante. Fonte: ArchDaily.

Nos dois edifícios, a estrutura da estação ferroviária foi restaurada e mantida. Além disso, o forro foi retirado com a intenção de resgatar a história do local. Dessa forma, as treliças e mãos-francesas aparentes ajudam a formar a espacialidade do ambiente. Já o mezanino e o terraço possuem estrutura independente em aço.

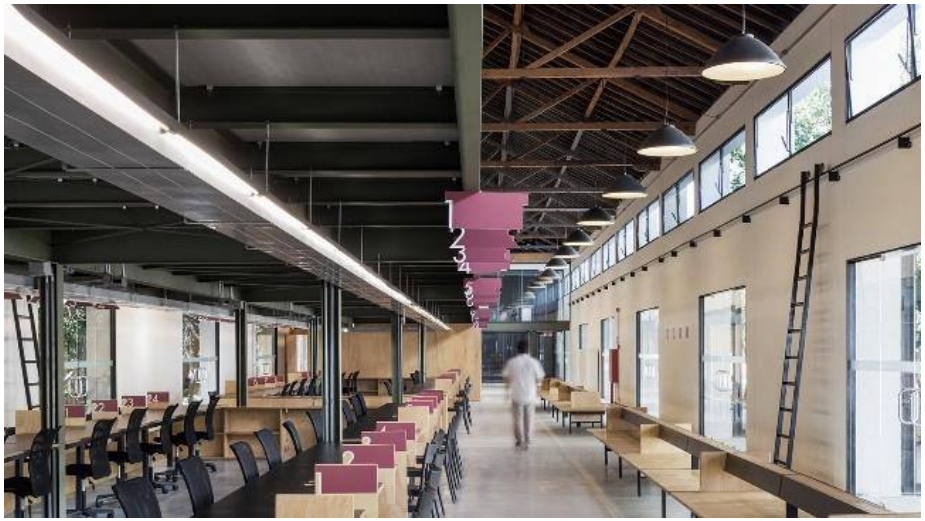


Figura 71 No bloco de atendimento. Fonte: ArchDaily.

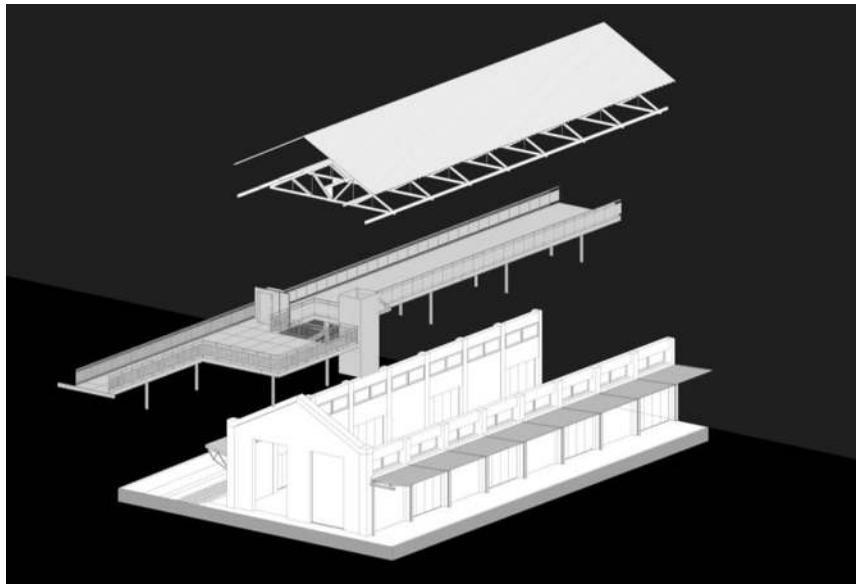


Figura 72 Sistema Estrutural do Bloco B. Fonte: ArchDaily.

Nos três edifícios desenvolvem-se diferentes programas de assistência e auxilio. No térreo do Bloco C, ao lado da brinquedoteca há uma rouparia que oferece roupas gratuitas provindas de doação para os imigrantes que precisarem. O bloco A e B, ligados por uma rampa, sustentam um programa de ensino e profissionalização técnica, como o curso de estamparia, curso de moda e costura, cursos e oficinas do Sebrae. O bloco A abriga a escola de construção civil, na qual encontram-se salas de aula teórica, espaços de armazenamento e canteiros de obras. Ademais, o Centro oferece cursos de espanhol, português, contenho núcleos de estudos e oficinas adicionais, e externamente, numa rua próxima do projeto, mantém uma padaria que abriga a Padaria Artesanal, um curso de padaria no qual os imigrantes aprendem e vendem seus próprios produtos.

O atendimento é feito por um representante de cada 'setor' necessário. Encontram-se um representante: do PROCON, Ministério do Trabalho, Defensoria Pública e Estadual, Posto de Atendimento ao Trabalhador, da Orientação Migratória, Atendimento Especializado Em Direitos e Violações De Direitos, Atendimento as Vítimas de Violência e Orientação sobre tráfico de pessoas. O atendimento ocorre da segunda a sexta-feira, das 8 às 17h.



Figura 73 Nos mezaninos funcionam as salas de cursos e oficinas. Fonte: ArchDaily.



Figura 74 Estudantes imigrantes da Escola de Construção Civil. Fonte: Autora, 2018.

CENTRO HUMANITÁRIO PARIS NORD

Também conhecido como “The Bubble” (A Bolha), O Centre Humanitaire Paris Nord foi inaugurado em 2016 para funcionar como abrigo temporário, onde os imigrantes, geralmente destinados à Inglaterra, podem passar até 10 dias alojados para regularizarem sua situação. Apesar de necessário, o projeto sofre fortes críticas por parte de voluntários e ONGs. Criado com o objetivo de tirar os imigrantes das ruas, o espaço conta com apenas 400 leitos, e aceita apenas homens solteiros com mais de 18 anos. Dessa forma, a grande maioria dos imigrantes ainda mora em condições precárias nas ruas em regiões próximas ao The Bubble.

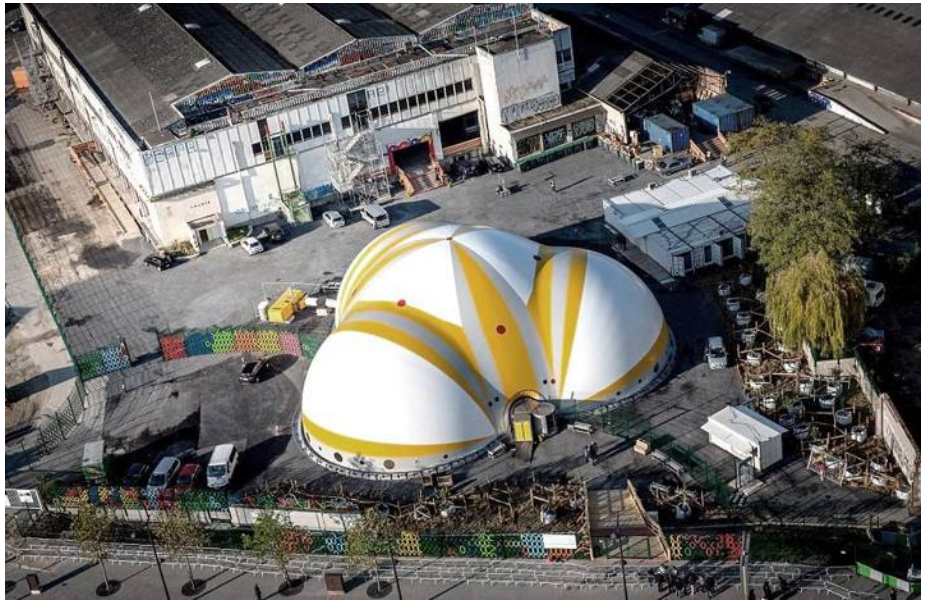


Figura 77 Vista do Centro Humanitário de Paris. Fonte: Andrew Parsons.

O projeto é separado em três partes. Na bolha inflável, os refugiados são recebidos e orientados. Os alojamentos são estruturas independentes montadas dentro de um antigo armazém, com quartos de 16m^2 e capacidade para 4 pessoas, e banheiros externos e compartilhados a cada dois quartos. O conjunto conta também com um centro de saúde e atendimento para os refugiados.



Figura 76 Alojamentos localizados dentro do galpão. Fonte: ACM Archi.



Figura 75 Espaço de orientação e atendimento aos refugiados. Fonte: EMMAUS.



Figura 78 'A Bolha'. Fonte: AMC Archi.

BUD CLARK COMMONS

Localizado na cidade de Portland, nos Estados Unidos, o Bud Clark Commons é um prédio sustentável com habitações e serviços de acolhimento para pessoas sem teto. O programa do edifício foi proposto para dar oportunidade para essas pessoas se reerguerem, sendo composto por um abrigo temporário com 90 camas no pavimento térreo e 130 quitinetes nos pavimentos superiores. Além disso, no segundo e terceiro pavimentos, diversos serviços são oferecidos, como um centro de saúde, academia, correios, computadores, chuveiros, lavanderia, livraria e barbearia. Cada uso possui um acesso distinto: as quitinetes, o abrigo e os serviços gerais.

O prédio possui alta eficiência energética, com sistemas modernos e automatizados de controle de temperatura, aquecimento de água e iluminação, que juntamente com o terraço verde, as biovaletas e outros elementos, conferiram-no o certificado LEED Platinum.



Figura 82 Setorização da área habitacional. Fonte: ArchDaily.



Figura 81 Setorização vertical do projeto. Fonte: ArchDaily.



Figura 80 Vista do Bud Clarck Commos. Fonte: ArchDaily.

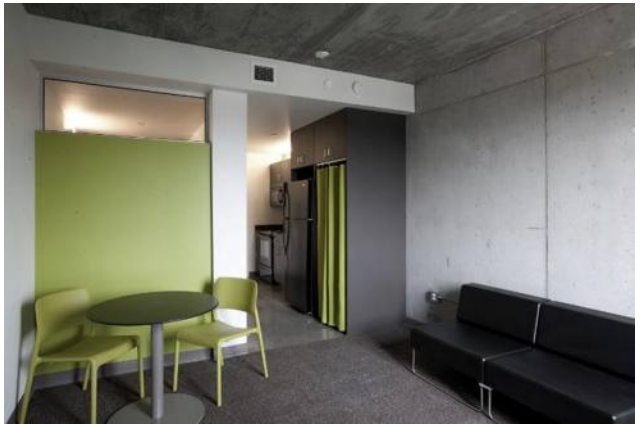


Figura 79 Unidade habitacional. Fonte: ArchDaily.

BIKUBEN KOLLEGIUM

Bikuben Kollegium é um alojamento para estudantes em Copenhagen. O edifício possui 96 dormitórios, 4 quitinetes e alguns apartamentos para pessoas com deficiência, bem como alguns apartamentos mobiliados para estudantes estrangeiros. O prédio se destaca por romper com o modelo tradicional de habitações, de forma que as áreas comuns (academia, lavanderia, salão de festas, etc.) se configuram como as próprias áreas de passagem no trajeto para os quartos. Estas, estão voltadas para um pátio central, podendo ser observadas por todos os andares.



Figura 84 Perspectiva do projeto. Fonte: Arkitekturbilleder.

Figura 83 Circulação Central. Fonte: Arkitekturbilleder.





Figura 85 Planta do pavimento habitacional tipo. Fonte: Arkitekturbilider.



Figura 86 Vista externa do projeto. Fonte: Arkiteturbilider.

5.3 O TERRENO

A escolha do terreno que abrigará o projeto do Conjunto de Abrigo e Acolhimento para imigrantes e refugiados tem como base a área especifica estudada no Capítulo 4, a região do Brás. Assim, o terreno deverá ser escolhido de modo que auxilie da melhor forma possível as necessidades da população que habita e/ou mora na área.

Desta maneira, os parâmetros físicos para a escolha do lote são: a localização, situação urbana e situação na região do Brás, de maneira que o lote seja assim uma ligação entre a cidade e a área estudada. Escolheram-se a partir dessas considerações dois lotes, um do lado do outro, para abrigar o projeto aqui proposto. Localizam-se respectivamente na Av. do Estado e na Rua Canindé, tendo ambos também fachadas para a Rua João Teodoro. Localizado no Bairro Pari, porém bem de encontro com o bairro Brás a partir da Rua João Teodoro, a área encontra-se numa quadra de predominância institucional, havendo habitação social e a fundação CASA ao fundo do mesmo.



Figura 87 Vista da área escolhida. Fonte: Google Maps, 2018.

A escolha mais a margem da Região do Brás foi feita pela busca de um lugar que não ficasse explicitamente no meio da movimentação diária comercial. Pois o terreno, apesar de ser próximo a movimentação, se localiza na borda da mesma, não tendo por exemplo comércios de rua em suas calçadas e vagas.

No terreno maior atualmente existe uma garagem do Comando de Policiamento de Trânsito, sendo o terreno de propriedade pública assim. No terreno menor, encontra-se um galpão industrial abandonado, apenas com a casaca de tijolinhos externa e parte da cobertura, internamente encontram-se abandonado e fechado, não tendo nenhum tipo de uso atual. Para o projeto, pretende-se então a demolição e mudança do Comando de Policiamento de Trânsito e a manutenção e reforma da casca do antigo galpão industrial já existente.



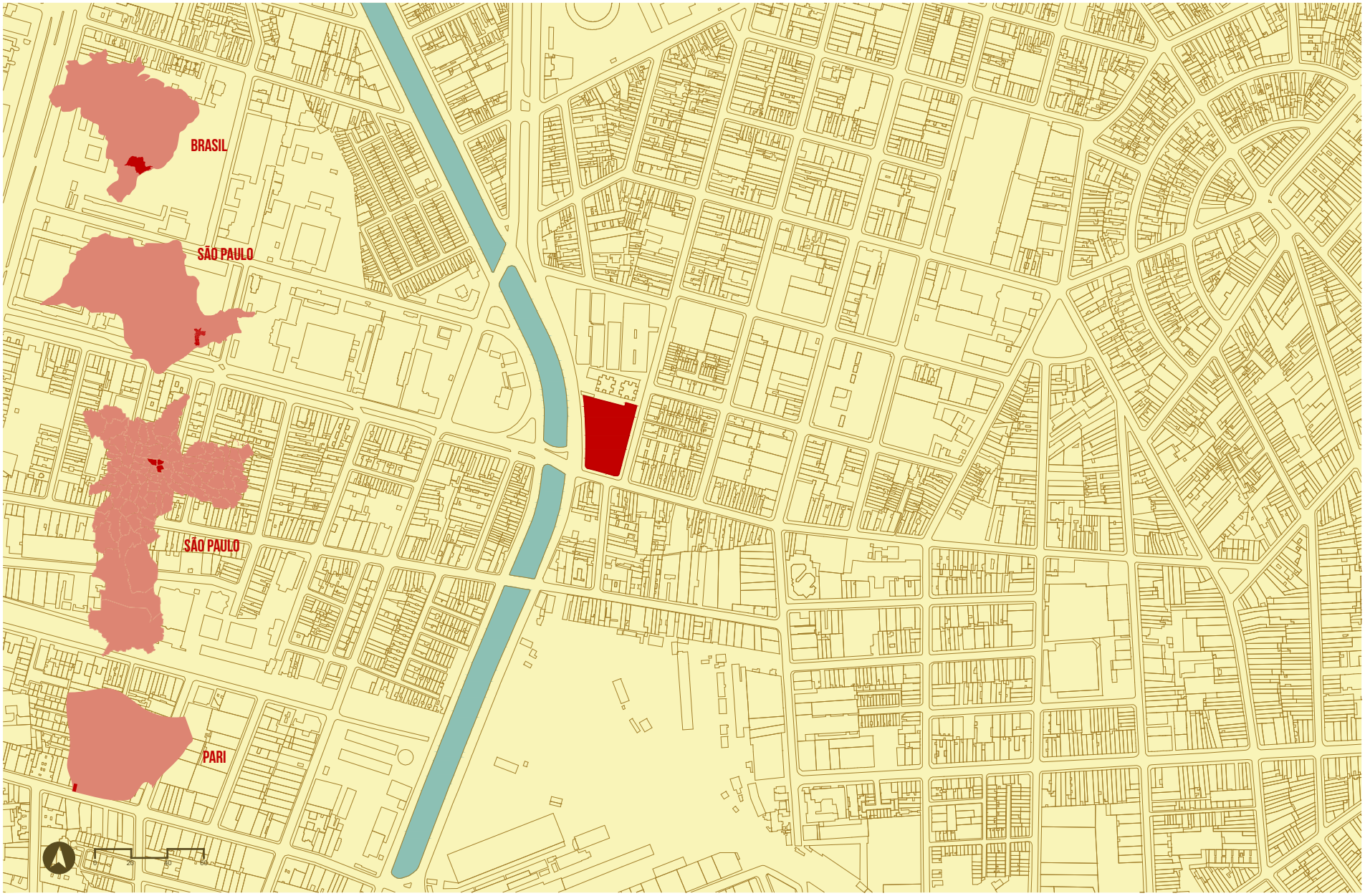
Figura 88 Fachada atual para a Av. do Estado. Fonte: Autora, 2018.



Figura 89 Fachada para a Rua João Teodoro. Fonte: Autora, 2018.



Figura 90 Fachada para a Rua Canindé. Fonte: Autora, 2018.



Mapa 11 Localização do Terreno escolhido para o projeto. Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

5.4 DIAGNÓSTICO DO ENTORNO



Mapa 12 Uso e Ocupação da área de entorno do terreno. Fonte: Elaborado pela autora, 2018.



Mapa 13 Gabarito da área de entorno. Fonte: Elaborado pela autora, 2018.



Figura 91 Cheios e vazios da área de entorno. Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

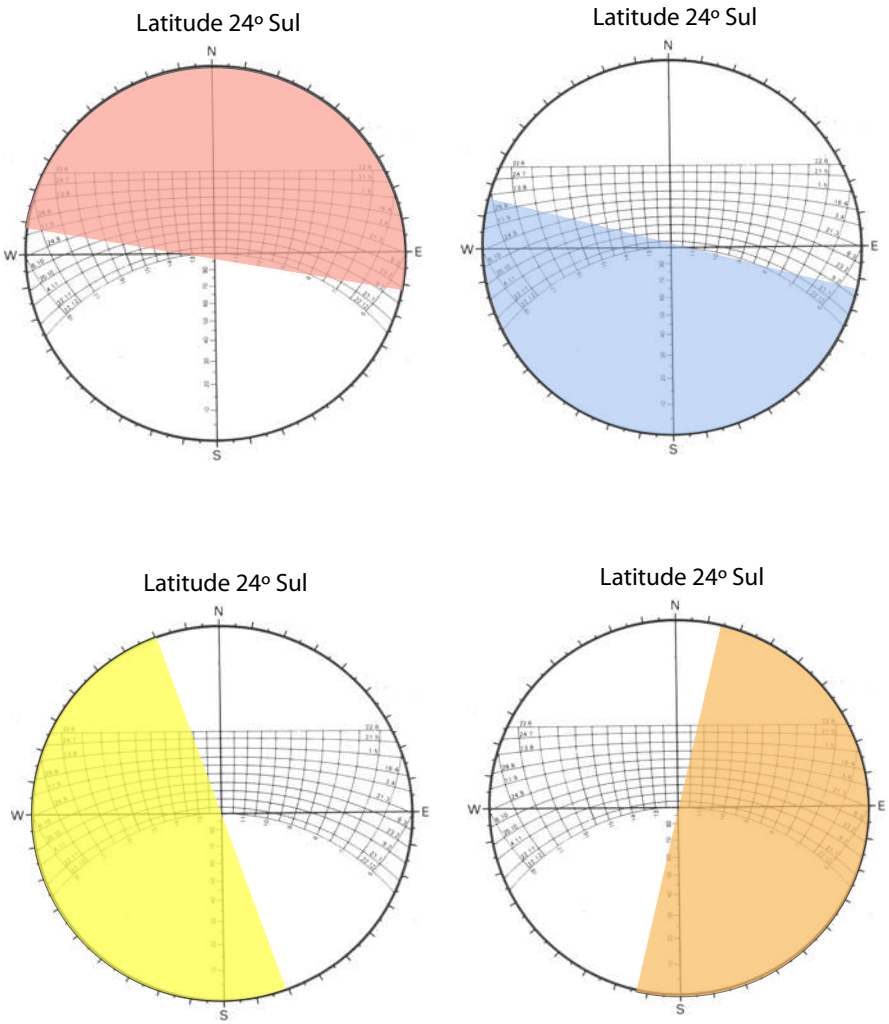


Figura 92 Cartas Solares do terreno para análise de insolação. Fonte: Elaborados pela a

Para uma melhor análise do local escolhido foi estabelecido um raio de aproximadamente 500 metros do terreno em relação ao entorno, uma vez que o terreno por si só possui dimensões consideravelmente grandes.

A área analisada a partir dos levantamentos é predominantemente composta por edifício de uso misto, destacando-se a tipologia de comércio no térreo, e demais andares habitacionais. No total, a análise de uso e ocupação apenas comprovou a região como uma zona saturada de comércio e serviços, que é diretamente entrelaçada com a moradia neste caso. Ademais, os estacionamentos possuem um ponto de destaque neste entorno, já que ocupam áreas consideravelmente grandes. Este levantamento, porém, não levou em conta o comércio informal instaurado nas ruas, que não pode ser contabilizado pelo grande número, assim reforça-se ainda mais o caráter comercial da área.

Em questão de gabarito, a maioria do entrono é composto por edifício de médio a grande porte, gerando assim um adensamento maior e até uma poluição visual para quem mora ou trabalha na área. O adensamento só tem previsão de aumento, uma vez que estão sendo construídos atualmente edifício com mais de 2 pavimentos no entorno imediato do Brás.

A partir dos cheios e vazios identificasse uma tipologia de edifícios comerciais presentes na área imediata do Brás. Primas retangulares sem recuos de fachada são comuns, além dos recortes nos fundos dos lotes como um pátio de armazenamento ou circulação.

A insolação do terreno encontra-se favorável para a implantação desejada, uma vez que apenas uma pequena parte do lote e do projeto serão viradas para o Norte, fachada mais atingida pelo sol forte. Os ventos também influenciaram na implantação do projeto, uma vez que atravessam os blocos do conjunto, sendo estes fragmentados para o melhor aproveitamento destas condicionantes físicas.

5.5 LEGISLAÇÃO

A área escolhida para o projeto localiza-se segundo o cadastro físico no Lote 16, na Quadra F082, no Setor 018. A partir desta llocalização, identificou-se pelo GeoSampa e pela Legislação Urbana as condicionantes e zonas em que tal área se encontra. Para melhor compreensão,

Segundo a Lei nº 16.050 de 31 de Julho de 2014, que aprovou a Política de Desenvolvimento Urbano e o Plano Diretor estratégico do Município de São Paulo, o terreno escolhido para o projeto aqui apresentado se situa na Macrozona[30] de Estruturação e Qualificação Urbana.

> Seção II – Da Macrozona de Estruturação e Qualificação Urbana
>
> Art. 15. A Macrozona de Estruturação e Qualificação Urbana, é caracterizada pela interação entre sistemas urbanos e ambientais que apresentam vários graus de desigualdades socioespaciais, diferentes padrões de uso e ocupação do solo, múltiplas dinâmicas populacionais e diversos processos socioeconômicos.

Especificamente na Macroárea[31] de Estruturação Metropolitana:

> Seção V – Da Macroárea de Estruturação Metropolitana
>
> Art. 20. A Macroárea de Estruturação Metropolitana, localiza-se nas várzeas dos Rios Tietê, Pinheiros e Tamanduateí, com prolongamentos junto às avenidas Jacu-Pêssego e Cupecê e caracteriza-se pela existência de grandes vias estruturais e ferrovias que articulam diferentes municípios e pólos de empregos da Região Metropolitana de São Paulo, com baixa densidade habitacional e demográfica e majoritariamente ocupada por indústrias, instituições públicas, equipamentos de lazer e atividades comerciais e de serviços.

A área escolhida, localiza-se na Zona de Interesse Social 3 (ZEIS 3):

> Seção I – Da Zona Especial de Interesse Social (ZEIS)
>
> Art. 39. As Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS), são porções do território destinadas, predominantemente, à garantia de moradia digna para a população da baixa renda por intermédio de melhorias urbanísticas, recuperação ambiental e regularização fundiária de assentamentos precários e irregulares, bem como à provisão de novas habitações de interesse social (HIS) em áreas urbanas dotadas de boa oferta de serviços, equipamentos e infraestruturas urbanas, áreas verdes e comércios locais, entre outros atributos.

Segundo a página 14 do Zoneamento Ilustrado:

> Art. 40.
>
> III – ZEIS 3 são áreas inseridas na Macrozona de Estruturação e Qualificação Urbana, majoritariamente, na Macroárea de Estruturação Metropolitana, dotadas de serviços, equipamentos e infraestruturas urbanas, boa oferta de empregos e caracterizadas pela existência de: a) ocupações urbanas deterioradas, com imóveis encortiçados, que demandam melhorias urbanísticas e habitacionais e onde haja interesse público ou privado em promover a habitação de interesse social ou de mercado popular; b) glebas, lotes e edificações não utilizados e subutilizados onde haja interesse público ou privado em promover a habitação de interesse social ou de mercado popular.

[30] Macrozona é uma divisão territorial do Município, de acordo com critérios préestabelecidos, que consideram características ambientais e geológicas em relação à aptidão para a urbanização.

[31] Macroárea é uma divisão territorial do Município, de acordo com critérios préestabelecidos, que consideram características urbanas, ambientais, sociais e econômicas similares em relação à política de desenvolvimento urbano.

Características de Aproveitamento Construtivo das Macroáreas e do Eixo de Estruturação da Transformação Urbana

Macroárea	Coeficiente de Aproveitamento	Mínimo	0,7
		Básico	1,0
		Máximo	2,0

Tabela 1 Característica de Aproveitamento Construtivo das Macroáreas. Fonte: Lei de Zoenamento, Uso e Ocupação do Solo nº16.402 de 2016.

Características de Aproveitamento, Dimensionamento e Ocupação dos Lotes em ZEIS 3

			ZEIS 3 Estruturação e qualificação urbana - OUC
Taxa de Ocupação Máxima	Mínimo		0,3
	Básico		1,0
	Máximo		6,0
Características de Dimensionamento e ocupação dos lotes	Taxa de Ocupação Máxima		0,7
	Taxa de Permeabilidade Mínima		0,15
	Lote Mínimo (m^2)		125
	Frente mínima (m)		5,0
	Gabarito de altura máxima (m)		Sem limite (b)
Recuos Mínimos (m)	Frente		5,0 (c) (g)
	Fundos e laterais	Alt. edif. ≤ 6m	Não exigido
		Alt. edif. > 6m	(d)

Tabela 2 Características de aprovveitamento, dimensionamento e ocupação dos Lotes em Zeis 3. Fonte: Lei de Zoenamento, Uso e Ocupação do Solo nº16.402 de 2016.

(b) Art. 193. Nas ZEIS, ressalvada a aplicação do decreto específico para HIS e HMP, o gabarito de altura máxima para as edificações será exigido apenas nos lotes com frente para vias com largura inferior a 12,00 m (doze metros), de acordo com a seguinte fórmula: (L + R) x 1,5 = H máx. onde: L= largura da via de acesso; R= recuo de frente; H máx = gabarito de altura máxima da edificação.

(c) Art. 185. Não será exigido recuo mínimo de frente nas zonas ZM-2 e ZM-3, ZMp, ZCP, ZCL, ZCPp, ZCLp, ZPI e ZEIS quando no mínimo 50% (cinqüenta por cento) da face de quadra em que se situa o imóvel esteja ocupada por edificações no alinhamento do logradouro, no levantamento aerofotográfico do Município de São Paulo, de 2000.

(d) Art. 186. As edificações, instalações ou equipamentos, a partir de 6 m (seis metros) de altura em relação ao perfil natural do terreno devem observar recuos laterais e de fundos, que podem ser escalonados e dimensionados de acordo com a fórmula a seguir, respeitado o mínimo de 3 m (três metros): R = (H - 6) ÷ 10 onde: R = recuos laterais e de fundos; H = altura da edificação em metros contados a partir do perfil natural do terreno.

(g) Poderá ser dispensada a exigência de recuos poderá ser desde que sejam garantidas as condições de aeração e insolação no interior dos cômodos definidos na legislação.

Percentual Mínimo de área construída

	ZEIS 3
Percentual Mínimo de Área Construída	No mínimo 25/50%

Tabela 3 Porcentual mínimo de área construída em ZEIS 3. Fonte: Lei de Zoenamento, Uso e Ocupação do Solo nº16.402 de 2016.

Considerar Art. 67: Em ZEU, ZEUa, ZEUP, ZEUPa, ZEM, ZEMP, ZC, ZCa, ZM e ZEIS, os passeios públicos deverão ter a largura mínima de 5m (cinco metros).

5.6 ESTUDO PRELIMINAR

DIRETRIZES PROJETUAIS: ARQUITETURA DO ACOLHIMENTO

O projeto de um abrigo e um centro de acolhimento, além da necessidade de certos programas necessita de um estudo muito mais amplo no que diz respeito a sua espacialidade e sensibilidade. Afinal, existem muitos poucos abrigos e centros de acolhimento projetados com esse fim no mundo – reflexo das leis de acolhimento existentes, mas que contradizem a realidade – já que geralmente tais nascem de maneira improvisada, em casos emergenciais, e usam uma estrutura já existente, mas que não foi projetada com esse fim. Dessa forma, pouco se tem de embassamento ou referências projetuais e espaciais no que tange a esse tipo de projeto.

Assim, cabe aqui a busca por essas diretrizes espaciais, abstratas e psicológicas que influenciam na sensibilidade dos imigrantes, afinal o espaço arquitetônico reflete uma ideia, de repulsa, ou liberdade:

> '(...) a arquitetura não pode determinar o comportamento humano, mas deve haver certa convergência entre organização espacial e formas de liberar ou oprimir as pessoas'
> CASTELLS, 1983.

Especificamente, busca-se a criação de espaço de hospitalidade nasce com o reconhecimento do universo daquele que chega: a construção desse novo universo depende da qualidade do acolhimento oferecido. A arquitetura assim, como receptáculo da cidade, e até das ideologias, tem como função mostrar a primeira intenção, que neste caso é o acolher.

O acolher é reconhecer: abrir espaço às possibilidades de desenvolvimento das relações humanas e sociais, em diferentes níveis e sentidos. A hospitalidade (entendida como sinônimo de acolhimento) se dá como ética primeira. O ato de acolher é reconhecer o rosto daquele que chega de surpresa, o hóspede inesperado que porta em si a diferença em seu *porvir*. Sempre surpreendente, ele habita a complexidade das paisagens psicossociais da urbe ignorada, onde as potências ali escondidas clamam pela urgente necessidade de desenvolvimento de políticas inclusivas, que chamam à prática da alteridade (DERRIDE, 2003).

Segundo a psicóloga Ana Raquel Rich[32], o espaço de convívio são sempre difíceis, pois se sujeitos de uma mesma cultura tendem a divergir, sujeitos de diferentes culturas e países ampliam ainda mais as possibilidades de divergências pela diferença de costumes, comportamentos, valores morais e outros.

Segundo ela, as cidades e grupos sociais que recebem imigrantes devem focar seus esforços em campanhas e trabalhos que auxiliem no desenvolvimento da tolerância e maleabilidade social, levando em consideração a diferença existentes entre os grupos. E aceitar o ensinamento pelo diferente, de outras formas de vivências e modos de ver o mundo.

A integração de um cidadão vulnerável na sociedade depende, segundo a psicóloga, do nível de vulnerabilidade e de qual tipo ela é. Dessa maneira, a melhor forma de integrar um cidadão vulnerável, seria ofertar um local seguro de troca, informação, alimentação, estadia, e que garanta o amplamente seus direitos e deveres como cidadão. O empoderamento também é essencial, pois os coloca em 'pé' de igualdade com os demais cidadãos, possibilitando maior interação e integração social.

[32] Psicóloga da USP, em entrevista de Felipie Perez.

PROGRAMA E PRÉ-DIMENSIONAMENTO

A partir dos estudos de caso e das análises de necessidade da população-alvo do projeto, propõe-se um complexo de edifícios que se divide em dois blocos, definidos pelo uso, privacidade/público e convergência de programas. Para a realização do estudo preliminar primeiramente buscou-se a definição completa do programa, e em seguida o dimensionamento das áreas mínimas de referência e áreas desejadas para o projeto:

Tabela 1 Pré dimensionamento dos prgramas do Bloco de Abrigo. Fonte: Elaborado pela autora,2018.

	PROGRAMA	QUANTIDADE	ÁREA MÍNIMA	ÁREA DIMENS.
BLOCO ABRIGO	Unidades habitacionais	140 / 20 por paavimento	16m²	20/40/ 60m²
	Lavanderia Coletiva	7 / 1 por pavimento	4,60**	25m²
	Cozinha Coletiva	7 / 1 por pavimento	5,00*	30m²
	Refeitório Coletivo	7 / 1 por pavimento	1,20m² por criança*	40m²
	Convivência	7 / 1 p. pav	-	40m²
	Cabelereiro	1 / pav. térreo	-	25m²
	Recepção	1 / pav. térreo	60,00	70m²
	Administração	1 / pav. térreo	10m²	30m²
	Funcionários	1 / pav. térreo	40m²	40m²
	DML	1 / pav. térreo	2m²	2m²
	D. Lixo	1 / pav. térreo	2m²	2m²
	D. Alimentos	1 / pav. térreo	2m²	2m²
	Estacionamento	1 / pav. subsolo	10,81 m² por vaga (2,3x4,7)	-
	Banheiros	140 / 20 por pavimento	4,65***	25m²

* De acordo com o Manual para elaboração de creches na cidade do Rio de Janeiro
** De acordo com o livro Neufert - Arte de Projetar Em Arquitetura, 18ª Ed. 2013.
*** De acordo com o livro Dimensionamento em Arquitetura, 2001.

Tabela 2 Pré-dimensionamento dos programas do Bloco de Acolhimento. Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

	PROGRAMA	QUANTIDADE	ÁREA MÍNIMA	ÁREA DIMENS.
BLOCO ACOLHIMENTO	Recepção	1	-	80 m²
	Atendimentos gerais	1	-	120m²
	Atendimento a Mulher	1	6,0m² (0,8 m² / paciente)*	10m²
	Administração	1	10m²	30m²
	Funcionários	1	40m²	40m²
	Salas Atendimento Psicossocial	4	Consultório de serviço social – consulta de grupo: 6,0m²	20m²
	Creche	2	3,20 m² por criança	70m²
	Fraldário	2	6,00 m²**	8m²
	Rouparia	1	-	40m²
	Biblioteca	1	-	100m²
	Oficinas	4	-	60m²
	Salas de Aula	4	20m²	60m²
	Sala de Computação	2	2m² para cada computador	30m²
	Canteiro de Obras	1	100m²	120²
	Marcenaria	1	50m²	90m²
	Cozinha Industrial	1	60m²	70m²
	Restaurante Escola	1	100m²	100m²
	DML	1	2m²	2m²
	D. Lixo	1	2m²	2m²
	D. Alimentos	1	2m²	2m²
	D. M. Escritório	1	2m²	2m²
	Estacionamento	-	10,81 m² por vaga	-
	Banheiros	4	4,65m²**	25m²

*Resolução Anvisa RDC nº 50/2002.
** De acordo com o livro Dimensionamento em Arquitetura, 2001.

PROJETO PRELIMINAR

O projeto inicialmente proposto desdobrou-se em dois blocos de programas específicos, mas complementares entre si: um bloco de Abrigo Temporário para refugiados e um outro bloco de Acolhimento, de atendimento, serviços, apoio, auxílio e suporte para imigrantes.

O Bloco do Abrigo seria destinado ao abrigo e moradia temporária de refugiados em situação emergencial. Buscou-se, na construção do programa, espaços que atendam o básico para um local de moradia, de habitação: quarto, banheiro, cozinha, refeitório e lavanderia. Ademais, espaços complementares, como cabelereiro comunitário, espaços de convivências e descanso, para que os refugiados possam usufruir de uma melhor autoestima e sensação de real acolhimento. Inicialmente as unidades de abrigo, não planejavam ser individuais com todo o programa necessário de habitat. Planejavam-se pequenas 'células' de cozinhas, refeitórios e lavanderias coletivas, a cada pavimento, para permitir uma maior sociabilidade entre os abrigados e assim possibilitar a criação de vínculos e evitar o isolamento social do mesmo. Ademais, adiante, pretendeu-se a criação de tipologias de abrigo variando de acordo com o tamanho da família e outros condicionantes, tipologias estas moduladas em uma metragem especifica, para facilitar a implantação no edifício.

Em relação a forma do bloco, optou-se por uma circulação e posição das unidades de maneira linear, para permitir a ventilação cruzada e também para possibilitar a 'abertura 'do conjunto para o centro do lote, que será no projeto um espaço livre de praça.

Ainda sobre a forma, optou-se por elevar o térreo do bloco para possibilitar o não aterramento total do estacionamento, e também para criar diferentes níveis de circulação na praça do conjunto. O térreo abriga programa administrativos e complementares, mas tendo vão livres para permeabilidade de circulação e livre convivência.



Figura 93 Foto panorâmica da ruína do antigo galpão industrial.
Fonte: Autora, 2018.

As áreas de circulação das unidades de abrigo ficaram voltadas para dentro do lote, para assim, reforçar o espaço de convívio e de apreciação, principalmente em eventos culturais e festivos.

O Bloco de Acolhimento possui um programa focado no atendimento e apoio para imigrantes e refugiados, moradores da região próxima principalmente.

O programa desse bloco foi criado a partir das necessidades essenciais de auxílio e programas para imigrantes, agregando-se também programas complementares, como culturais e institucionais.

A partir de análise, escolheu-se trabalhar o projeto no galpão pré-existente na área, que por ser de uma área grande, e um pé direito alto, consegue abrigar o programa desejado. Os tijolinhos externos encontram-se em um estado consideravelmente bom, assim, se trabalhará com reforma e adaptação do galpão existente com o projeto pretendido.

Na implantação, locaram-se as salas que exalam maior ruído ao fundo do bloco de acolhimento, para evitar incômodos sonoros nas demais áreas.

A área administrativa englobou, no piso térreo, o setor de atendimento, que conta com várias mesas organizadas de maneira

poligonal, no pavimento superior encontra-se a parte mais privada de atendimento, como o atendimento especial (destinado a mulheres e outros casos que precisem de privacidade) e as salas de atendimento psicossocial.

A área cultural do projeto desenvolveu-se a partir da esquina do edifício, para um acesso mais fácil e direto. Mezaninos funcionam sob o programa de oficinas, juntamente com áreas de computação. No pavimento superior, é colocada uma biblioteca com nichos de leitura e reunião, para suprir a carência da mesma na região. É colocado também um auditório no térreo que pode ser ora aberto, ora fechado por localizar-se dois níveis abaixo do nível do piso, projetado assim para permitir palestras para a comunidade, para um curso específico ou funcionar também como um cinema.

Várias aberturas de acesso foram feitas no edifício para possibilitar a fluidez de fluxo e a o fácil acesso a outras áreas, além das várias escada e elevadores no edifício para acessibilidade total no projeto.

O programa da creche foi realocado para um edifício externo dentre o de acolhimento e o de abrigo, devido a sua ampla metrificação e necessidade programa.

A implantação dos blocos no projeto foi desenhada pretendendo-se criar uma grande praça central, e uma circulação nos blocos que fluísse para o centro. Assim, buscou-se dispor os edifícios nas laterais do projeto para a criação espaço vazio que daria lugar assim a praça.

Ao criar esse espaço central entre os blocos, pretendeu-se criar uma praça que explore as diferenças de níveis entre os blocos, e que funcione com uma área de convívio, lazer e cultura para os imigrantes. Por si, a praça aberta demonstra o fator da permeabilidade e do acolhimento, sendo um espaço público de qualidade destinado essencialmente para os imigrantes e refugiados.

O conjunto pretende dessa forma afirmar os valores culturais e políticos dos imigrantes, sendo espacialmente abrigo e acolhimento perante o meio urbano, e numa escala menor, sendo um espaço de identidade e reencontro identitário espacial do ser-imigrante.

O bloco da creche se encontra em um edifício separado dos outros blocos pela dimensão do projeto, pois abriga 5 salas de aula, além do restante básico do programa. Ela se loca no conjunto entre o bloco de abrigo e de acolhimento, e tem como objetivo ser usada tanto pelos refugiados que habitam no abrigo como pelos imigrantes moradores da região. A locação no conjunto se dá para incentivar os imigrantes a adentrar o conjunto quando forem buscar seus filhos, para poderem assim conhecer o espaço e usufrui-lo.

As diretrizes projetuais e de programas foram decididas através das análises de necessidade no entorno. A premissas do estudo preliminar prevaleceram no projeto final (que será apresentado a seguir) uma vez que entendeu-se que o programa abrangia de fato a demanda urbana-social da área.

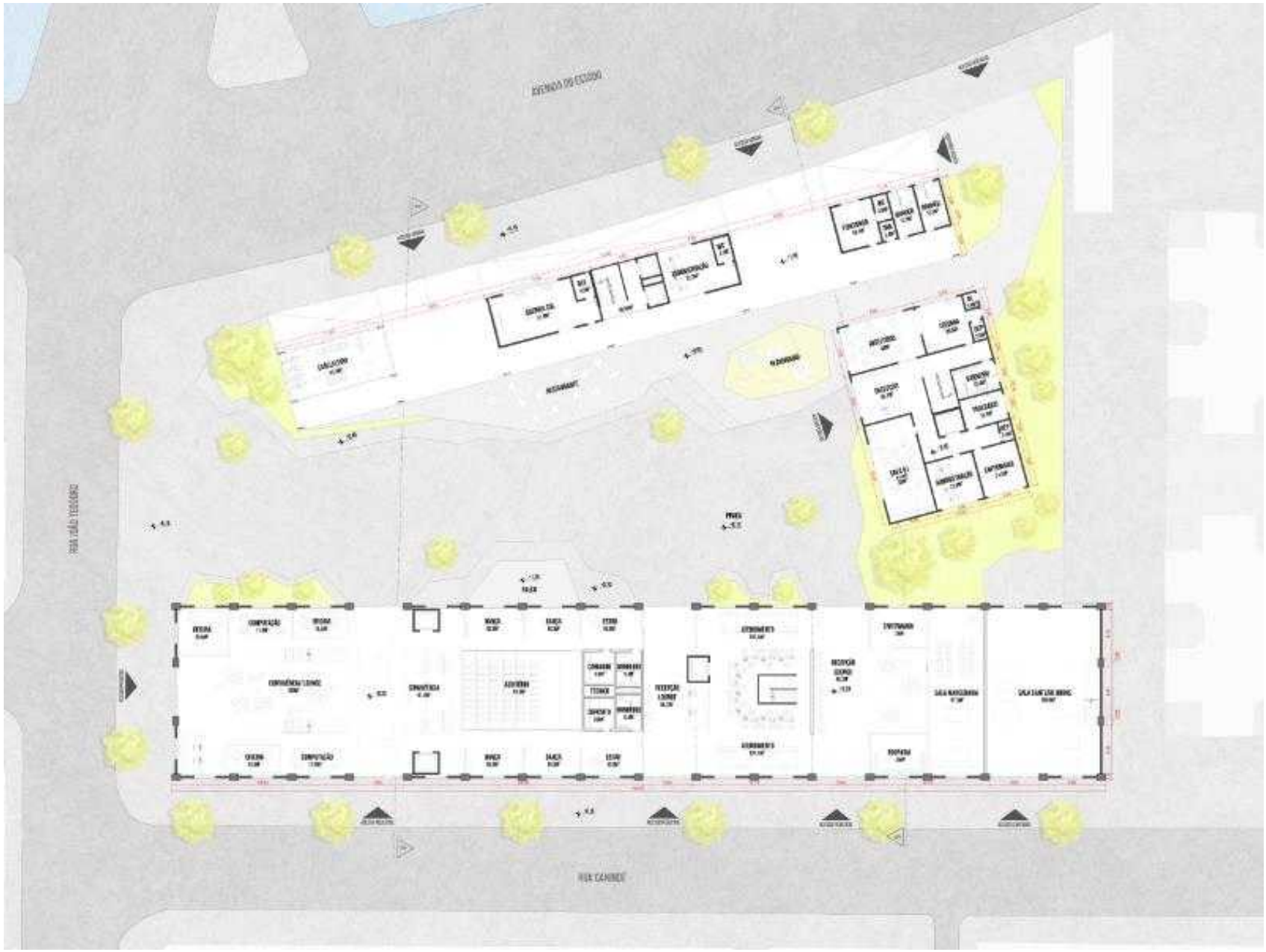


Figura 94 Planta de Implantação Térreo Preliminar do conjunto. Fonte: Autora, 2018.

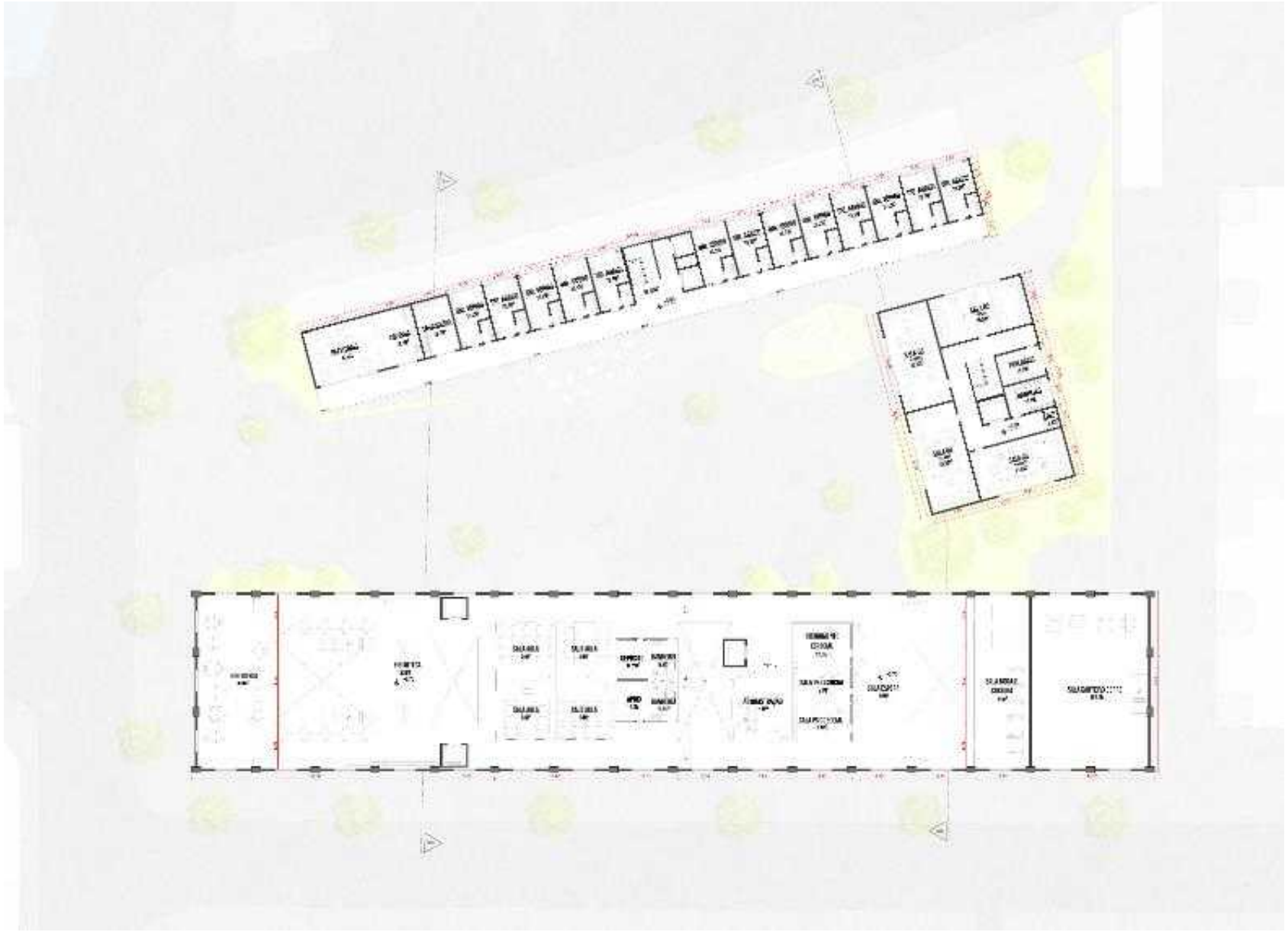


Figura 95 Planta Preliminar de do 1º Pavimento do Conjunto. Fonte: Autora, 2018.

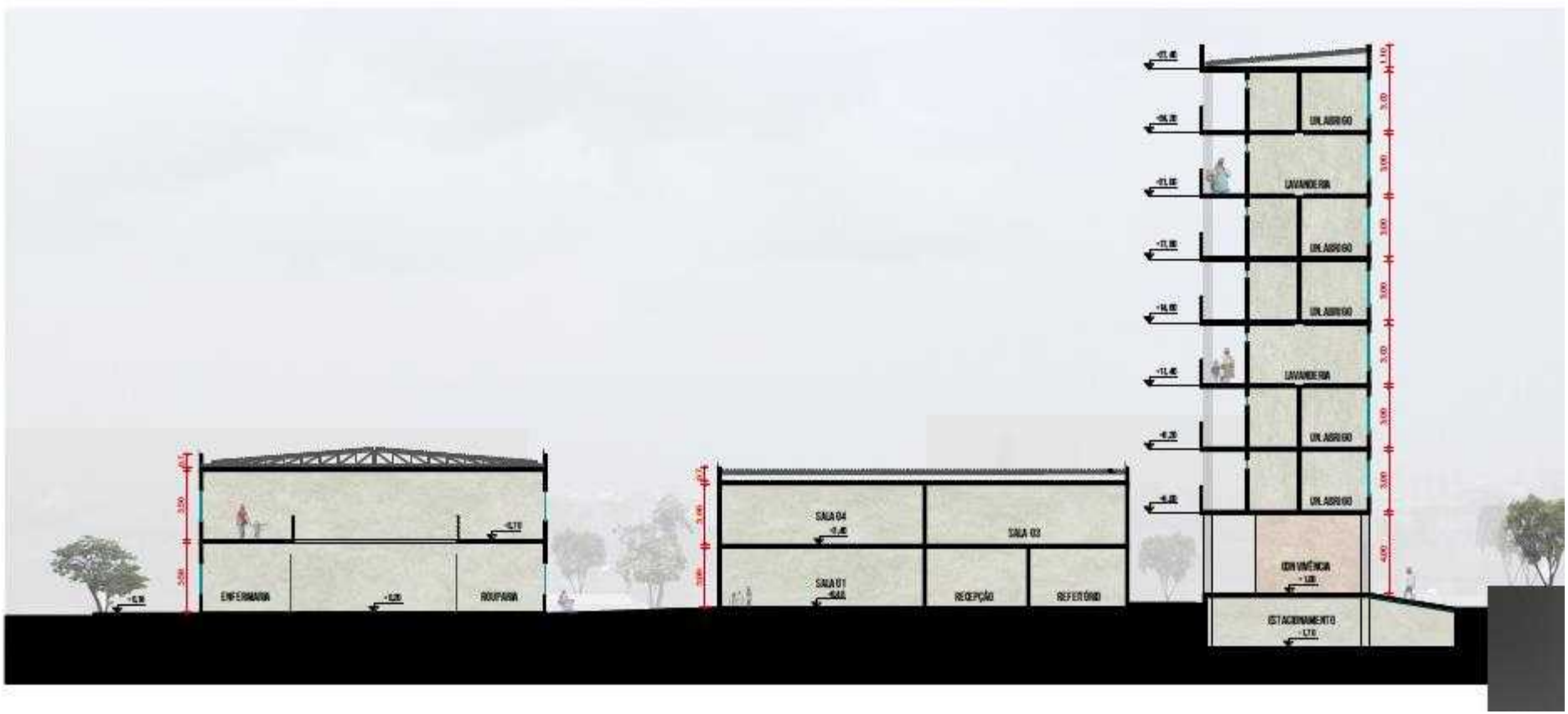


Figura 96 Corte Preliminar de do 1º Pavimento do Conjunto. Fonte: Autora, 2018.

6.1 O PROJETO

PARTIDO ARQUITETÔNICO

A partir da análise e estudos da área de pesquisa e da conjuntura social imigrante do país e do mundo, constatou-se a necessidade de auxílio e infraestrutura para a população imigrante e refugiada da região do Brás e na região de São Paulo. O projeto arquitetônico aqui proposto, assim, possui a intenção de suprir as demandas sociais e físicas e fortificar relações e ocupações já existentes pela população que habita e que trabalha na área do Brás, e ademais acolher e receber refugiados em situação de emergência com qualidade.

As necessidades dos usuários variam entre aspectos burocráticos, culturais, de saúde, de educação e de moradia. Assim, o projeto se situa como a materialização dos direitos do imigrante e do refugiado, dos seus direitos como ser humano à educação, informação, saúde, lazer e moradia. Não possui, porém, como público alvo, somente a população imigrante. O edifício busca destacar-se na cidade de São Paulo como um Centro de Referência do imigrante, trazendo integração para o imigrante e conhecimento e referência para população nativa sobre a temática, assim, conscientização sobre o tema.

A partir das necessidades urbanas e sociais do projeto surgem assim as diretrizes arquitetônicas que guiaram o projeto desde sua origem. A sensibilidade do tema influencia diretamente no projeto e em como o programa se desdobra.

Dessa maneira, visou como uma das premissas projetuais o não fechamento do projeto em si mesmo. Ou seja, o edifício não deve ser uma barreira ou fechado para si mesmo, deve na verdade proporcionar a permeabilidade e a amplitude de visão. Não deve assim isolar o imigrante e reforçar sua solidão urbana, deve permitir-lhe sua privacidade mas deve reforçar sua cidadania e presença.

Dessa forma o projeto segue o conceito de quadra aberta, que rejeita o lote fechado, valorizando o espaço público e a circulação do pedestre intra quadra:

> "quadra aberta permite reinventar a rua: legível e ao mesmo tempo realçada por aberturas visuais e pela luz do sol. Os objetos continuam sempre autônomos, mas ligados entre eles por regras que impõem vazios e alinhamentos parciais. Formas individuais e formas coletivas coexistem. Uma arquitetura moderna, isto é, uma arquitetura relativamente livre de convenção, de volumetria, de modenatura, pode desabrochar sem ser contida por um exercício de fachada imposto entre duas fachadas contíguas" (Portzampark, 1997)

Outra premissa projetual é a universalidade. Ou seja, visto a diversidade étnica, o projeto não pode tender para uma só linguagem étnica ou para um elemento específico, devendo abrigar e acolher as diversas nacionalidades, para que não haja uma exclusão por nomenclatura ou espacial.

Assim, tal premissa influencia diretamente na escolha de materiais, elementos estéticos, entre outros. O projeto deverá então fornecer espaços que possibilitem preferencialmente a apropriação pelas pessoas, e assim, sua expressividade e notoriedade.

Uma outra diretriz projetual é a manutenção da ruína industrial preexistente no lote do projeto. A casca do antigo galpão industrial será revitalizada e sofrerá intervenções, porém, sem projeto de restauro. A antiga fábrica que representa a história comercial e social do Brás, mas que possui todas suas problemáticas, viverá e se integrará com a vida de hoje, tendo valor como patrimônio do passado a partir dessa convivência com as experiências do presente (PEREIRA, 2008).

A ativação do projeto como espaço urbano também é uma premissa, que surge da necessidade de ambientes de qualidade urbana com infraestrutura para abrigar a população em áreas do lazer, eventos, entre outros, procura assim revigorar e fortificar os fluxos e relações sociais, apropriações urbanas já existentes e criar novas apropriações e costumes.



Figura 100 Colagem: Edifício e usuários. Fonte: Autora, 2019.

IMPLANTAÇÃO DO PROJETO

O lote do terreno se localiza em um ponto privilegiado da quadra, uma vez que abrange duas esquinas e 3 fachadas. A implantação assim, buscou aproveitar ao máximo as possibilidades dessa área, através de uma implantação que busca uma quadra aberta e permeável.

São dois volumes locados um em cada fachada das ruas opostas do lote (Av. do Estado e Rua Canindé), que se interligam no meio da área, em um desdobramento do lote que acaba por criar uma praça-rua.

Tal praça assim, é o guia para a implantação projetual. Os dois volumes que fazem parte do projeto são respectivamente: o edifício de Abrigo e o edifício de Acolhimento.

O Edifício do Acolhimento é a construção localizada na Rua Canindé; é um volume que não pode ser alterado visto que é a reminiscência do galpão industrial preexistente. A casca e logo suas volumetrias devem ser mantidas para manutenção de seu valor histórico. Este engloba o Edifício de Acolhimento justamente pela sua limitação de programa e de aberturas, além do fato de localizar-se numa fachada mais movimentada, podendo abrigar assim um programa mais público e aberto, sendo assim mais acessível.

Já o Edifício do Abrigo está localizado na Av. do Estado, e é um novo edifício, vertical e laminar, que abrigará a habitação de abrigo para refugiados. Comportará 60 famílias, visto a necessidade de leitos temporários na cidade de São Paulo. Em seu térreo desdobra-se um programa de apoio, sendo de também de teor público para envolver e se comunicar com a praça.

Esses dois volumes são locados no projeto de modo a criar e privilegiar o espaço entre os edifícios, que devido a sua largura e profundidade, toma um aspecto de rua, tornando-se um 'rua-praça'. A praça não só interliga os dois edifícios e seus programas como também pretende ser um espaço de permanência e de lazer, em todos os períodos do dia possíveis.

A implantação definida, dessa forma, privilegia os espaços de passagem, 'rasgando' aberturas de acesso pelo bloco de acolhimento e pelo bloco de abrigo. Espaços de passagem que ora também são de convivência levam ao ponto principal do projeto inteiro: a praça-rua criada intralote.

Quanto ao programa, o edifício de Acolhimento conta com uma área administrativa-burocrática (atendimento ao público, atendimento jurídico, atendimento psicossocial), área educacional (salas de aula, oficina de costura, salão escola, oficina de construção civil) e área cultural (biblioteca, galeria de exposição, oficinas, anfiteatro), além dos pequenos espaços de permanência e descanso.

Já o edifício de Abrigo conta com as tipologias habitacionais distribuídas linearmente em 8 pavimento acima do mezanino, no qual se localiza a área de gestão do edifício e o mercado com acesso livre e direto ao pavimento térreo. Ademais, o edifício possui um volume anexo, sendo a creche, com um dimensionamento que procura atender as necessidades dos moradores do abrigo preferencialmente, mas atendendo também a população local.

No terraço do volume anexo da creche há um playground aberto a público, tendo como acesso uma escada que funciona também como um mirante com vista para a praça.

A praça possui um paisagismo seco para seu uso em eventos público, como feiras, eventos, festas, além de permitir uma ampla visão e livre circulação. Os dois volumes se separam fisicamente, mas são assim interligados pela praça e pelos seus programas complementares.

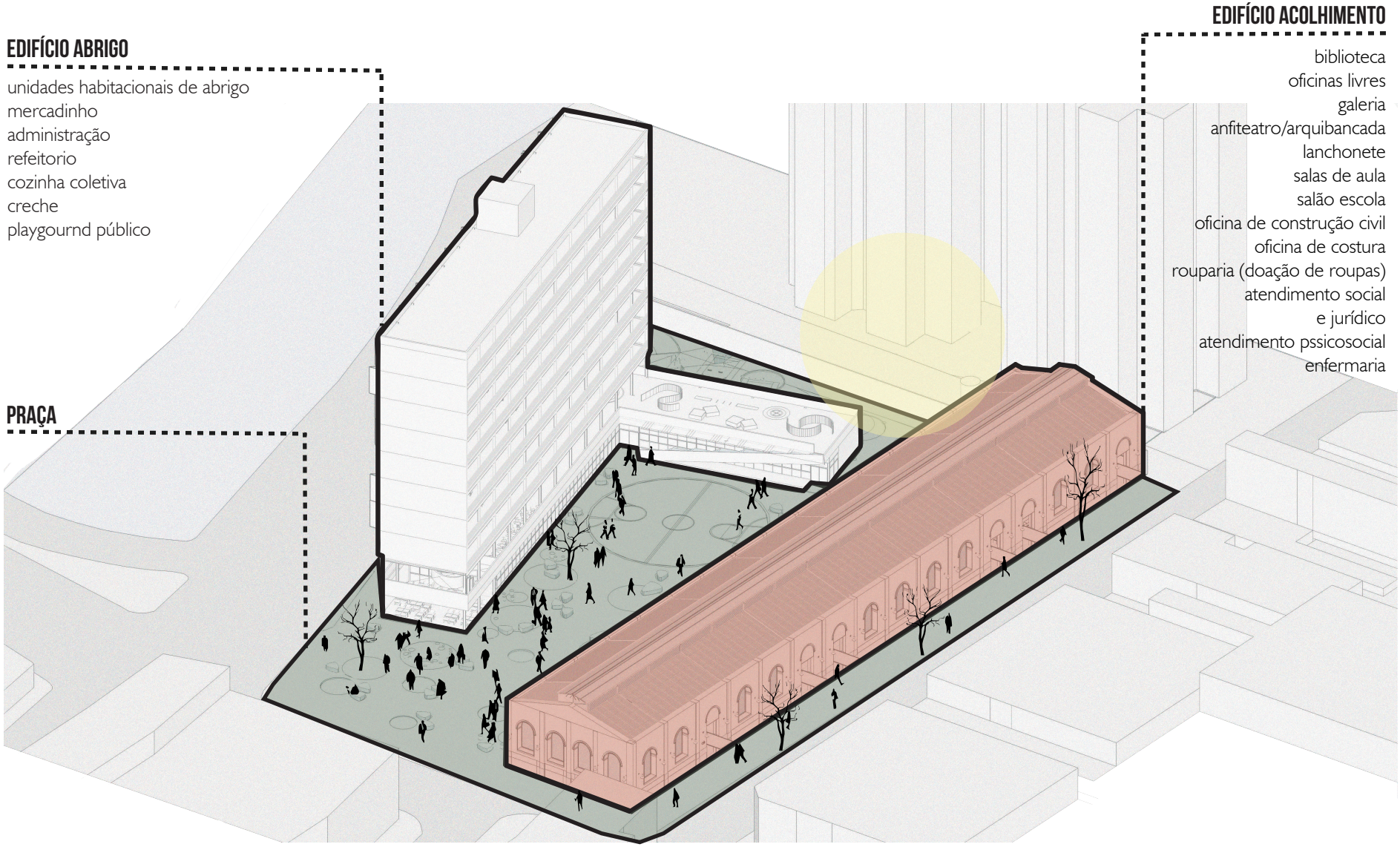


Figura 101 Implantação e Programa do conjunto. Fonte: Autora, 2019.



Figura 101 Planta de Implantação do conjunto. Fonte: Autora, 2019.

Figura 102 Perspectiva do observador sobre o conjunto na entrada da praça. O dia amanhacendo horas depois e o fluxo já intenso na região.





Figura 103 Perspectiva superior do conjunto: destaque para a diferença de volumetrias e a entre-quadra criada que se transforma numa praça do projeto.

EDIFÍCIO DO ABRIGO



Figura 104 Fachada da edífio do Abrigo.

O edifício habitacional de abrigo do conjunto se implanta no projeto como um bloco linear colocado no canto do lote de frente para a Av. Estado. Possui no total pavimento térreo + mezanino + 8 pavimentos de habitação + subsolo de estacionamento. Ao térreo está anexo um volume da creche, que é também interligado ao resto da praça e do bairro.

Volumetricamente, o projeto possui dois volumes e duas materialidades marcantes: o pavimento térreo e mezanino são vedados pela madeira Freijó, enquanto os pavimentos acima do mezanino são todos de habitação do abrigo marcados pelos materiais construtivos claros

O projeto possui uma estrutura metálica aparente + laje em steel deck + painéis maciços pré-moldado branco. Assim, por conta do uso de blocos maciços, as instalações hidráulicas e elétricas não podem ser feitas dentro da parede, desta forma os dutos do edifício passam pelos forros e se encontram no shaft central junto a caixa de elevadores. Nas unidades habitacionais, as instalações hidráulicas ocorrerão por paredes hidráulicas específicas, enquanto os conduítes elétricos ficarão aparentes no interior.

O principal programa deste edifício é o abrigo temporário, que tem como objetivo atender refugiados por um tempo de aproximadamente 3 meses, tempo médio de abrigos temporários da cidade de São Paulo. Diferentemente da infraestrutura habitacional de abrigo atual da cidade, o projeto busca oferecer um espaço para apropriação. Ou seja, pretende ser um projeto que não reforce seu caráter temporário, e pelo contrário, que permita aos seus usuários a máxima apropriação e acomodação na habitação, fornecendo tudo aquilo que uma 'casa' tem para oferecer.

São 8 pavimentos de habitação com 8 unidades por pavimento, sendo a circulação vertical centralizada. As portas-janelas dos quartos e da sala voltam-se para a Av. do Estado (Oeste) para uma sacada de largura de 1m que contém um pequeno tanque. A circulação lateral do pavimento acorre assim na fachada oposta, voltada para a praça, sendo de um corredor de 2,50m de largura, que funciona como uma pequena rua para a vizinhança do pavimento.



Figura 105 Fachada posterior do edifíco: destaque para a estrutura metálica aparente e a materialidade exposta. Os corredores de circulação e acesso as tipologias se voltam para a parte interna do conjunto, para a praça. Assim, além de serem um espaço de socialização e encontros sã o também um espaço de contemplação e observação, principalmente quando houver ocorrência de eventos e festividades na praça. Na área de circulação vertical locamlizam-se também guarda-volumes de uma metragem maior para armazenamento de mercadoria e bens dos moradores.

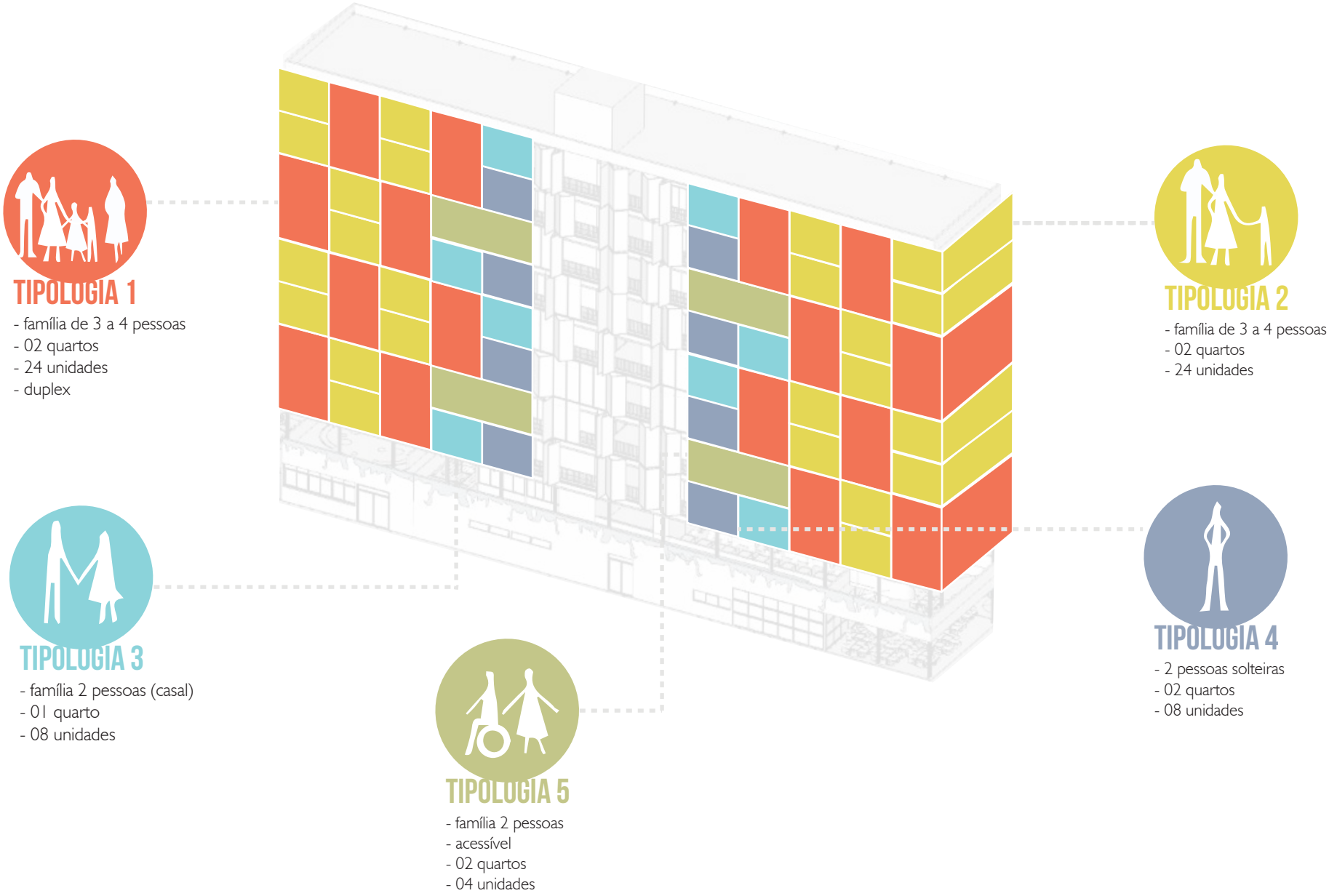
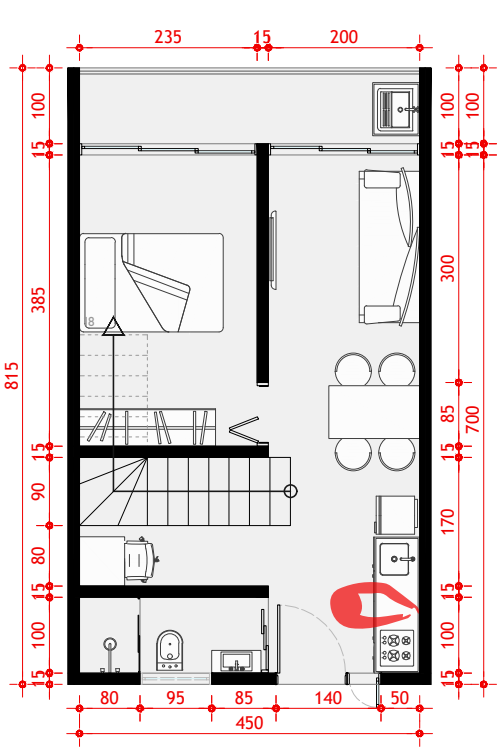


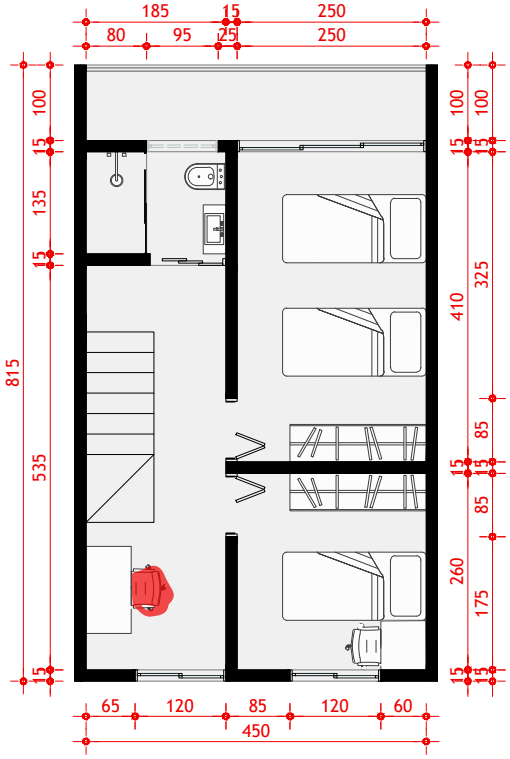
Figura 106 Esquemas de organização das tipologias e suas características.

No total são previstas 60 habitações totalizando aproximadamente 200 pessoas abrigadas. 0 4 dessas tipologias são unidades acessíveis. A variação de tipologias segue a modulação estrutural do edifício, sendo modulada assim horizontalmente e verticalmente seguindo o vão estrutural horizontal de 4,70m e o vertical de 3,40m. As tipologias se repetem 2 vezes, sendo espelhadas no eixo da circulação vertical.

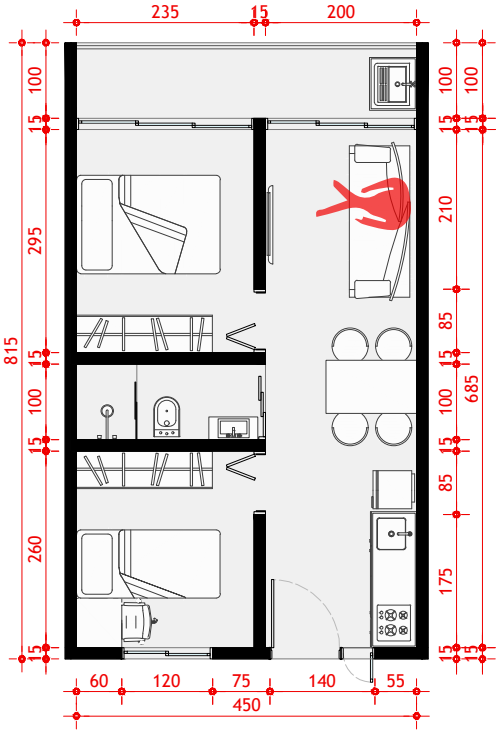
As tipologias foram pensadas com um espaço ideal de circulação, pensando-se na otimização das mesmas no edifício + funcionalidade + conforto dos moradores. Optou-se por deixar a cozinha integrada a sala de estar ligados a sacada, para proporcionar uma ventilação cruzada e uma ampliação espacial.



TIPOLOGIA 1 - DUPLEX 1º PAV

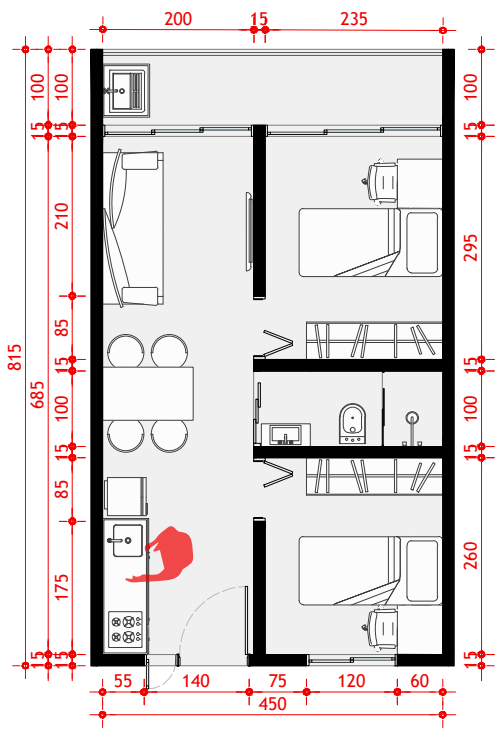


TIPOLOGIA 1 - DUPLEX 2º PAV

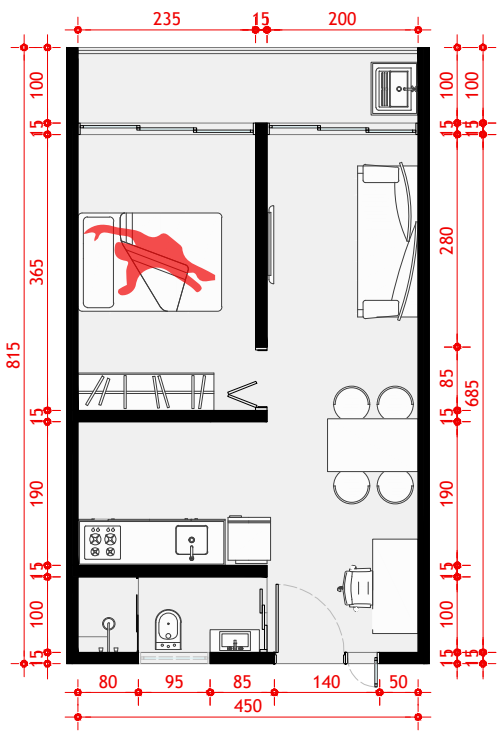


TIPOLOGIA 2

Figura 107 Tipologias 1, 2



TIPOLOGIA 3



TIPOLOGIA 4



TIPOLOGIA 5

Figura 108 Tipologias 3,4 e 5.



Figura 109 Os corredores laterias do edifiico do abrigo funcionam como espaços de star e de circulação, permitindo apropriação e decoração pelos moradores. São assim como "pequenas fachadas' para cada tipologia. Ademais, todas portas possuem portas conjugadas co janelas pivotantes laterais para permitir uma melhor comunicação visual com o corredor.



Figura 110 Na fachada da Av. do Estado, tem-se paineis metálicos brancos camarões na fachada, localizados nas sacadas das tipologias, para proteção de insolação interna e para isolamento acústico, uma vez que a avenida possui um tráfego intenso. A materialidade da chapa metalica perfurada proporciona privacidade emtretando ainda possibilita a permeabilidade visual e de de ventilação. O desenho simples e branco dásepara valorizar as ocupações e apropriações internas, de modo a destacar as cores e pessoas ali habitantes. Os paineis juntos, com suas diversas possibilidades de aberturas geram um movimento na fachada, gerando um desenho orgânico constante.

O térreo do edifício possui um programa fixo de suporte as habitações, tendo um refeitório coberto e semi-coberto, uma cozinha industrial, que pode também abrir-se para a comunidade em eventos pelas portas janelas da lateral do refeitório. A localização assim, no térreo foi escolhida justamente para que a mesma pudesse se tornar coletiva. A escada helicoidal exterior leva diretamente para a continuação do refeitório localizada no mezanino.

No mezanino consta um programa de também de área alimentar, porém, com a presença de um mercado fixo oferecido para os refugiados habitantes do edifício.

Os banheiros no térreo são justamente para proporcionar suporte a praça e aos usuários do térreo. A volumetria anexa no térreo abriga a creche do conjunto, que funciona 24 hrs por dia e atende as crianças do Abrigo e do entorno.



Figura 111 Refeitorio da habitação com área interna e externa.



Figura 112 Mercadinho no mezanino: bancadas de comidase pratos produzidos pelos moradores do abrigo.

No térreo da habitação também consta um programa educacional infantil. Visto a necessidade de uma creche 24 hrs e a dificuldade dos pais que trabalham no Brás tem para cuidar dos de filhos pequenos em horários de trabalho principalmente.

Assim, a creche se localiza como um anexo, colocando-se perpendicularmente ao volume do abrigo justamente para destacar seu programa. Desta forma, funciona como apoio integral maternal para moradores da habitação e alternativa para moradores/trabalhadores do entorno.



Figura 113 Área de espera com arquibancada da creche e área de passagem da praça para o exterior.

Optou-se por uma setorização mais privada na creche vista a necessidade de controle das crianças, sendo o guia do projeto da creche o corredor voltado para a praça, que desenha a disposição das salas e banheiros. O playground do refeitório e solários se localizam na parte posterior do volume, sendo a mesma no fundo do lote, garantindo assim uma maior privacidade e controle.

Porém, apesar das vedações existente, o projeto conta com vários acessos para garantir uma permeabilidade e facilidade de passagem, além da permeabilidade visual das esquadrias transparentes.

No terraço do pequeno volume anexo da creche encontra-se outro playground, de maior porte. Este possui uma livre acesso a comunidade, e funciona como um mirante e área de recreação.



Figura 114 Corredor interno da creche om banco de concreto. Destaque para as esquadrias amadeiradas e a escada de concreto externa. A necessidade do programa da creche deu-se visto a dificuldade das familias em levar seus filhos ao trabalho de mafrugada. Assim, propõe-se um funcionamento 24hrs da creche, que consta com 3 salas, sendo duas brinqudotecas e uam berçario, todas assim com crianças do maternal.



Figura 110 Playground e solarios da creche ao fundo do lote. Destaque para os mobiliarios fixos de concreto que servem como assento e elementos de brincar.



Figura 111 Playground na cobertura da creche, que funciona como um mirante e uma quadra mais privada crechce, porém tendo acesso livre para outros usuários.

EDIFÍCIO DO ACOLHIMENTO



Figura 112 Fachada do edifício de Acolhimento para a Rua Canindé.

O galpão localizado entre a Rua Canindé e João Teodoro foi o edifício escolhido para a intervenção arquitetônica. É um edifício industrial, de tijolos aparente, em um estado inicial de deterioração, estando somente a casca intacta. Não foi possível um levantamento altimétrico preciso devido a burocracia envolvente, e ao fato da ruína não ser tombada pelas instituições devidas. Assim, somente foi realizado o levantamento in loco.

A escolha do projeto nessa casca se deve a retomada de valores históricos geralmente esquecidos. A simbologia do galpão de um passado que levou ao presente e a dualidade de convívio atual. Assim o projeto não engloba um restauro, e sim uma requalificação e revitalização da área, preservando, e intervindo o mínimo possível na casca.

A localização de esquina voltado para dentro do bairro foi um dos fatores de escolha do mesmo para abrigar o centro de acolhimento e referência, uma vez que sua escala é mais convidativa e sua localização mais visível e acessível pelos transeuntes locais.

Em questão de programa, o edifício de acolhimento possui um amplo programa uma vez que busca atender as demandas culturais, sociais e educacionais apresentadas ao longo do trabalho.

Uma das demandas atendidas pelo programa é a cultural. Com a ausência estatal em investimento cultural, poucas são as bibliotecas ou espaços de estudo e culturais oferecidos publicamente. Assim, a área de esquina do galpão traz um mezanino que contém uma biblioteca em si e no pavimento térreo um espaço de exposição. Ademais, há divisórias de oficinas de estudo no térreo, e espaço particulares de estudo e contemplação.

O aceso ao mezanino se dá por uma escada que se torna arquibancada, criando assim mais nichos individuais ou coletivos.

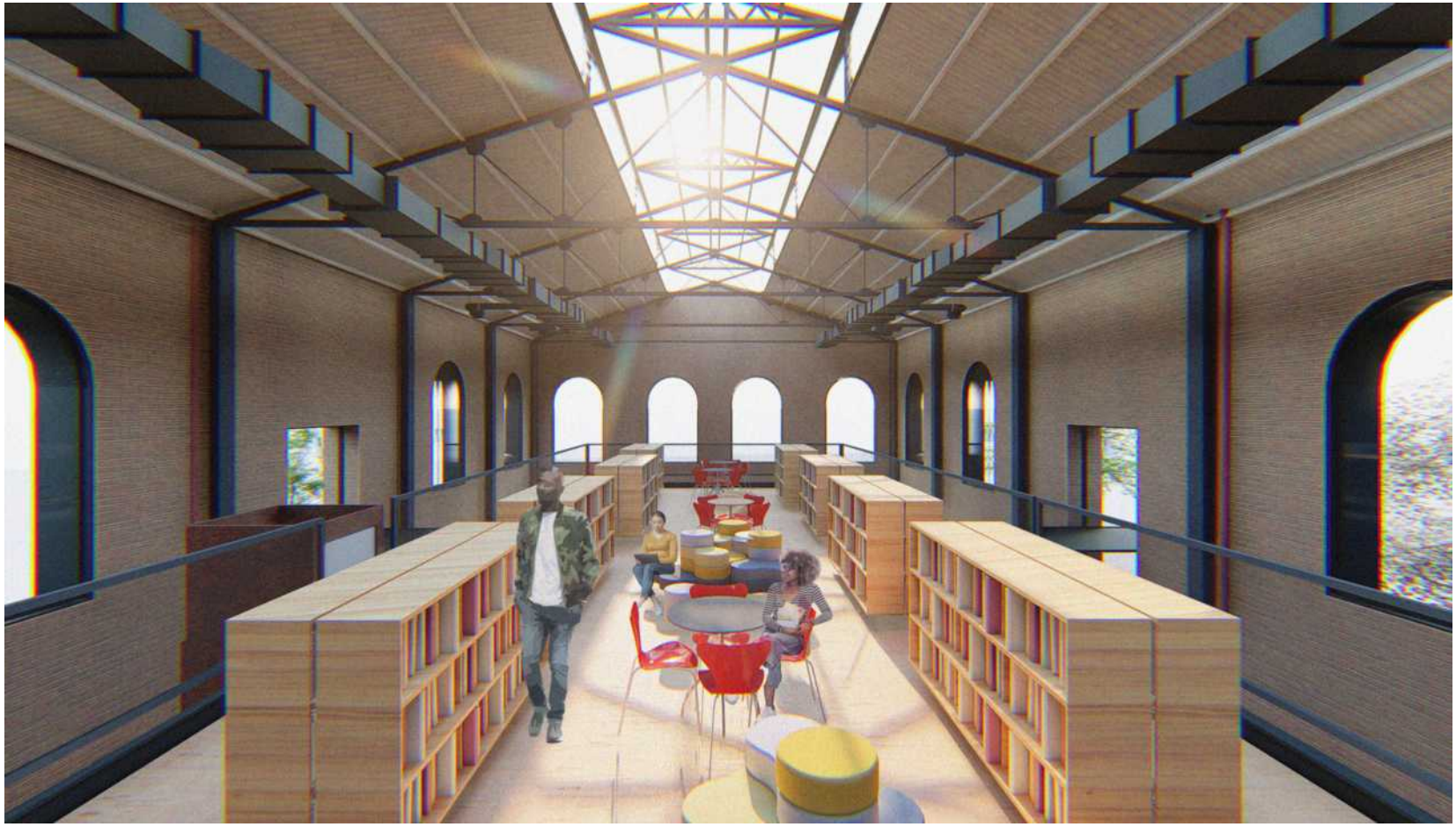


Figura 113 Biblioteca no mezanino. Destaque para a a cobertura em lanternin com material em policarbonato para entrada de luz natural e de ventilação. A bibliioteca tem um programa de lan house e de leitura, além de ser um espaço de contemplação. A acessibilidade se dá pela plataforma elevatoria.



Figura 114 Oficinas com divisórias de pedra seixo grande retomando elementos ameríndios. Mobiliário em madeira, tendo conjuntos individuais de estudo e em grupos. Os formatos circulares trazem movimentação ao ambiente, além da criação de pequenos nichos

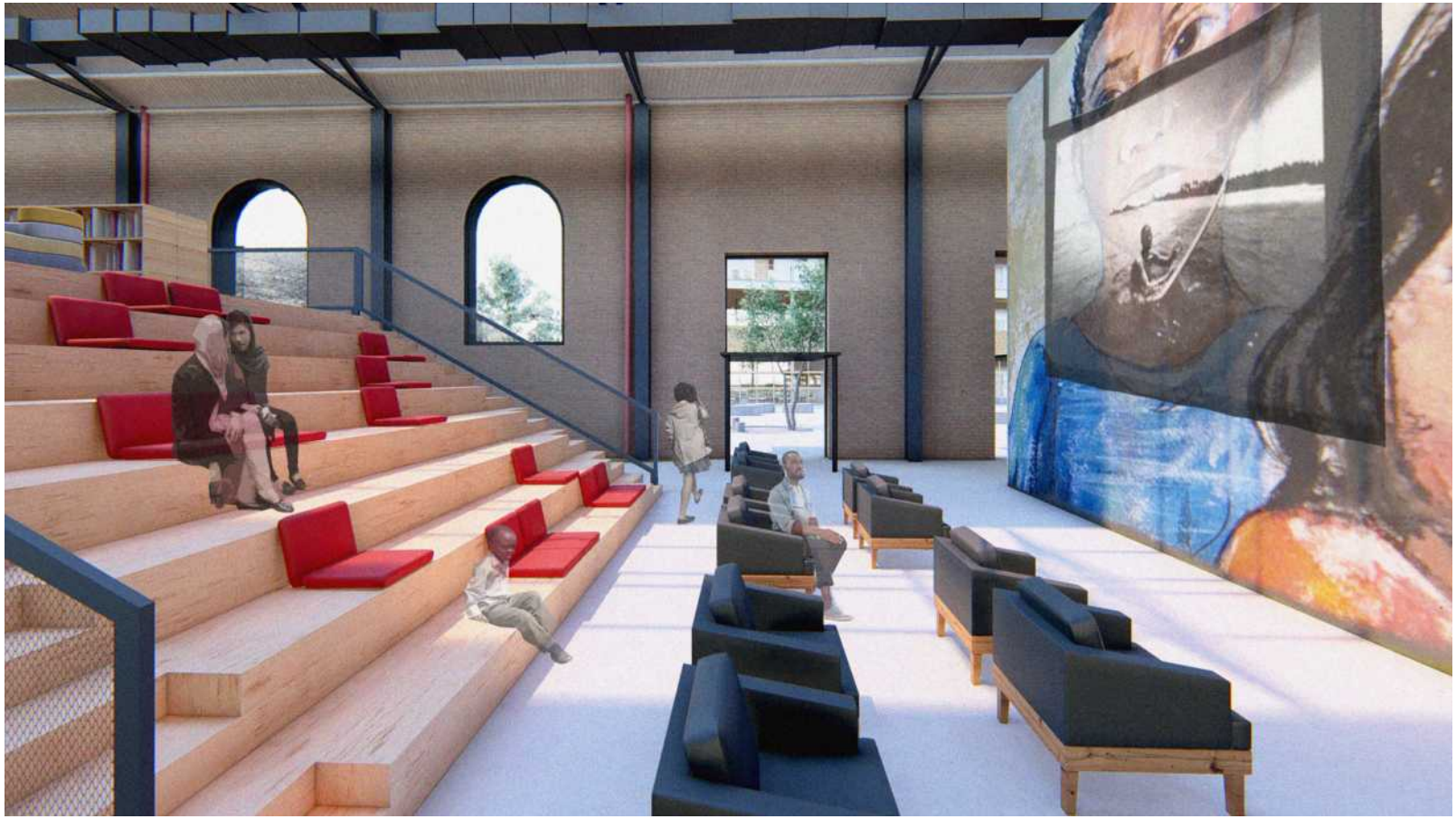


Figura 115 Arquibancada subsequente a biblioteca do mezanino. Funciona também como auditório e espaço de leitura e descanso. Mobiliário solto para uso livre. Empena que funciona como painel artistico e quando necessário possui estrutura de projeção de imagens e vídeos.

A formação educativa e profissionalizante se mostra assim importante no programa total do conjunto, pelo fácil acesso, uma vez que ela é que dá suporte para o refugiado ou imigrante construir sua vida e sua carreira futuramente, além de oferecer outras possibilidades principalmente a trabalhadores e estudantes da região.

Pretendem-se assim 4 salas aula, que podem ser unificadas por um painel deslizante, com estrutura básica de sala de aula para o acontecimento de cursos técnicos e práticos. São localizadas no mezanino por questão de isolamento acústico. Ademais, há a oficina de costura, localizada no fundo do edifício com um isolamento acústico próprio. A escola-salão acontece embaixo das salas de aula, no térreo, para facilidade de acesso, uma vez que pode ser usado de graça pelos habitantes do Abrigo e da região. Além disso, no fundo do galpão, há a oficina de construção civil, que possui um canteiro de obras voltado para uma área própria externa.

O programa de atendimento administrativo, jurídico e burocrático se localiza na parte mais central do edifício, acontecendo no térreo por guichês de atendimentos, e no mezanino em salas que requerem maior privacidade. Ademias, no mezanino localizam-se também 3 salas de atendimento psicossocial, vista a necessidade de suporte psicológico para os usuários do projeto.

O edifício possui uma setorização feita por mezaninos e divisórias maciças revestidas em freijó nas áreas com divisão rígida, já na área de oficinas, as vedações se dão por blocos de pedra retomando materiais típicos construtivos, na galeria de exposição tem-se painéis livres.

A estrutura do programa é sustentada por pilares e vigas metálicas de metalon preto que ocultam a laje, sendo assim uma estrutura independente Ademais, tem-se a estrutura do telhado, de metal preto, como forro amadeirado branco, que é totalmente independente do programa, e que dá suporte estrutural para a 'casca'.

O programa do edifício se distribui ao longo da casa com um mezanino centralizado, para permitir a circulação de ar pelas janelas pivotantes.

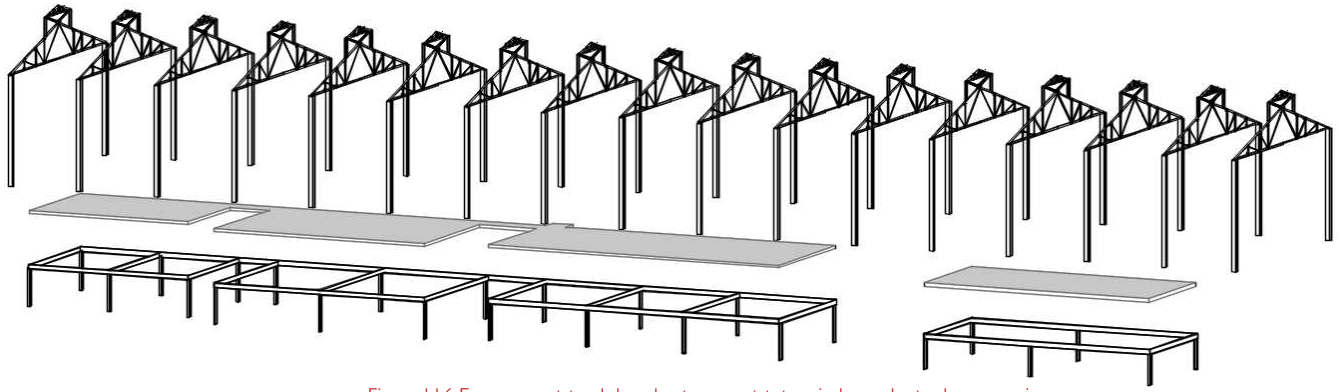


Figura 116 Esquema estrtural da cobertura e estrtutura independente dos mezaninos.

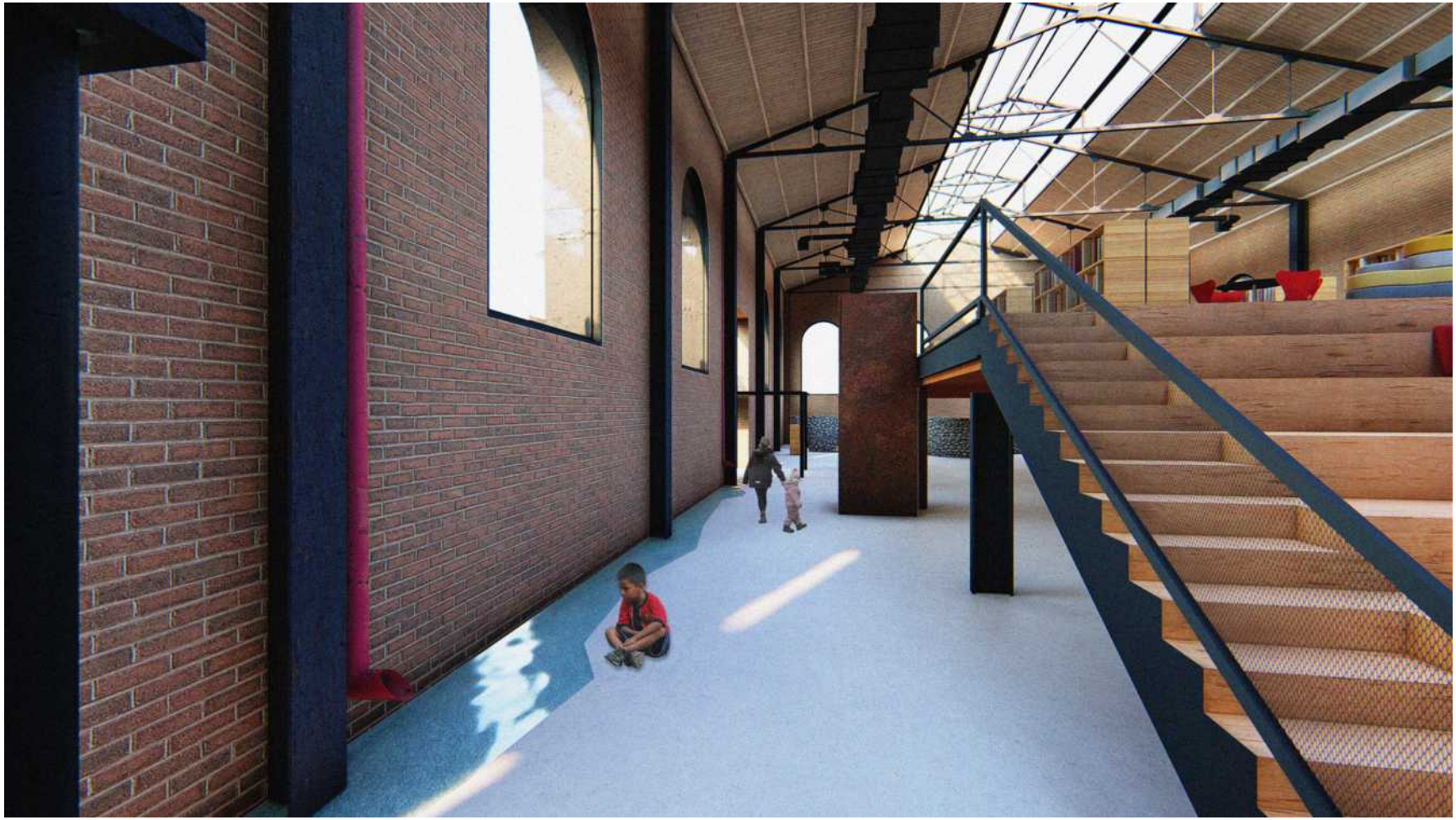


Figura 116 Detalhe para o espelho d'água que ora fica vazio ora cheio dependendo da precipitaação pluvial, tendo o seixo rolado aparente qndo não há precipitação, e quando há, trazendo o elemnto água ao ambiente interno. Perspectiva também do telhado metálico preto e dos dutos de iluminação e ar.



Figura 117 Circulações laterais do edifiicio de acolhimento. Vedações internas revestias em MDF. Perspectiva da sala da escola-salão.



Figura 118 Setor de atendimento burocrático. Destaque para o mobiliario em madeira.



Figura 119 Perspectiva no mezanino para a área externa com iluminação zenital da cobertura metálica. Vista das esquadrias em arco metálicas que seguem o desenho orgi



Figura 120 Esquadria da porta de acesso do edifpicio de acolhimento basculante, para criação de berial e também para possibilitar a circulação de ar no interior do edifício. Buscou-se o uso de esquadrias que de materias contemporaneos para se diferenciarem da amterialidade da casaca, deixando evidente a divergência entre passado-presente.



Figura 121 Esquadrias e comunicação visual em metalon preto. Revitalização dos materiais da casca. O edifício com a casca em tijolinhos conversa com o entorno, qua possui também antigos galpões industriais.

A PRAÇA

A praça é um dos principais elementos chaves do projeto do conjunto. Ela, além de interligar os dois edifícios, cria uma rua adenda ao contexto urbano, uma rua praça sem movimentação de carro, e fluxo somente de pessoas.

Optou-se por um paisagismo seco na mesma para permitir as ocupações, eventos, desfiles, que geralmente acontecem aos fins de semana como na Kantuta. Assim, as vegetações se localizam em pontos chave que não impedem o fluxo ou criam barreiras visuais.

Assim, a mesma pretende ser mais um espaço gerador de pertencimento a população, principalmente para as comunidades imigrantes ainda marginalizadas. Ademais, com os diversos acessos dos edifícios de acolhimento e de abrigo, ela acaba sendo um atalho intra quadra.

O piso da praça prevê-se como intertravado retangular, com concreto drenante, de modo que a praça seja seca porem semi permeabilizada.

Planejam-se canteiros paisagísticos com diferentes forrações e arvores localizadas pontualmente. Os canteiros possuem um formato circular que conversam com os mobiliários fixos em concreto, que tem um desenho orgânico. Há também um espelho d'água com elementos de concreto que criam nichos paisagísticos.

A quadra aparece na praça sutilmente apenas com pintura de piso para não limitar o uso do espaço, sendo um programa colocado devido a demanda dos usuários em conversas realizadas ao longo da pesquisa.



Figura 122 Perspectiva da praça ao entardecer. O paisagismo é trabalhado com grandes eixos circulares com diferentes tipos de seixos, para gerar assim uma variação de texturas, além da movimentação de canteiros.



Figura 123 Vista de cima da praça, melhor vizualização dos mobiliarios fixos de concreto que criam uma continuidade de material. Espelhos d'água com elementos de concreto circulares trazem o elemnto água para o projeto.



Figura 124 Em entrevistas com moradores da área foram desejadas áreas de esporte para recreação. Desta forma, o projeto propõe uma pintura de piso com raio adequdo de quadra de esportes para permitir o uso da mesma assim como o seu uso para outros programas. Também encontra-se na lateral um palco de concreto para shows e festividades que precisem de tal estrutura.



Figura 125 Vista do canteiro rebaixado com pedras de seixo. Mobiliário fixo com dimensões grandes para possbilitar diferentes usos.



Figura 126 Escada anexa a creche funciona como um mirante a praça, tendo pisadas grandes para possibilitar o apoio e no guarda-corpo e o uso dos degraus como mobiliário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que os edifícios de acolhimento e de abrigo sejam de programa deferentes, e materialidades deferentes, estes acabam se complementando entre si em questão de programa e se sonectando fisicamente através da praça entre-quadra da mesma.

O conjunto de acolhimento e abrigo para imigrantes e refugiados no Brás busca além do auxílio aos refugiados diante da problemática atual do mundo, o auxílio aos imigrantes já existentes e invisibilizados em São Paulo. Procura mostrar-lhes seus direitos proporcionando espaços de qualidade que reafirmem e demonstrem a importância de sua existência.

Assim, busca a reintegração desta população com a cidade e o reencontro consigo mesmo, a valorização de sua identidade e do seu ser imigrante.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. **Tendencias Globales:** Desplazamiento forzado em 2017. Disponível em https://s3.amazonaws.com/unhcrsharedmedia/2018/Global_Trends_Forced_Displacement_in_2017/TendenciasGlobales_2017_web.pdf >. Acesso 08 ago. 2018.

AGIER, Michel. **Aux bords du mond, les refugiès.** Paris, Flammarion: 2002.

ARANHA, A**. Pechinchas, almoço a R$3 e ameaças:** por dentro da feirinha da madrugada. Disponível em: < https://reporterbrasil.org.br/2017/11/pechinchas-almoco-a-3-e-ameacas-por-dentro-da-feirinha-da-madrugada/>. Acesso em 1 de outubro de 2018.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de P. Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BADA, Xóchitl. **Mexican Hometown Associations in Chicagoacán** – From Local to Transnational Civic Engagement. New Brunswick, New Jersey, and London: Rutgers University Press, 2014.

BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta. **Migração de crise**: a migração haitiana para o Brasil. R. bras. Est. Pop., Belo Horizonte, v.34, n.1, p.119-143, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v34n1/0102-3098-rbepop-34-01-00119.pdf> Acesso em 14 de setembro 2018.

BARBOSA. Porto Alegre, 25 jan. 2005. p.1. Disponível em: Acessado em 21 nov. 2018.

BATISTA, Vanessa Oliveira. **O fluxo migratório mundial e o paradigma contemporâneo de segurança migratória**. Revista Versus Acadêmica - UFRJ, Rio de Janeiro, p. 68-78, novembro de 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro, Zahar: 2004. Pag. 98.

BERNETTI, M. **Fotogaleria De Santiago a Tijuana, las "pequeñas Haití" de América Latina**. 10 mai. 2018. Disponível em Clarín: <https://www.clarin.com/mundo/santiago-tijuana-pequenas-haiti-america-latina_0_SylbkRZ0z.html>. Acesso em 20 set. 2018.

BÓGUS, Lucia Maria M.; FABIANO, Maria Lucia Alves. **O Brasil como destino das migrações internacionais recentes:** novas relações, possibilidades e desafios. Ponto e Vírgula - PUC SP - No. 18 - Segundo Semestre de 2015 - p. 126-145. Disponível em: < https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/29806>. Acesso 17 out. 2018.

BOURDIEU, Pierre. Um analista do inconsciente. In: Sayad Abdelmalek. **A imigração: Paradoxos da alteridade**. Trad. De Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

CAMPOS, Rosana Soares**. O impacto das reformas econômicas neoliberais na América Latina**: desemprego e pobreza. Polis: Revista Latinoamericana. 2017. Disponível em: < https://journals.openedition.org/polis/12585?lang=pt> Acesso em 08 set. 2018.

CANCLINI, 2007 apud BARBOSA, 2010, p. 42.)

CASTLES, S. **Entendendo a migração global**: uma perspectiva desde a transformação social. REMHU (Revista Interdisciplinar de mobilidade humana), n. 35, pp: 11-45, 2010.

CASTLES, S.; MILLER, M. J. **The Age of migration** — International Population Movements in the Modern World. London: Macmillan Press, 1998.

CEPAL. **Panorama Social da América Latina.** Santiago, Chile, 2000.

COUTINHO, M. P. L.; OLIVEIRA, M. X. **Tendências comportamentais frente à saúde de imigrantes brasileiros em Portugal**. Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, 2010, p. 548-557. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n3/v22n3a15.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2018.

CYMBALISTA, Renato; XAVIER, Iara Rolnik. **A comunidade boliviana em São Paulo:** definindo padrões de territorialidade. Cadernos metrópole 17 pp. 119-133 10 sem. 2007.

DEDECCA, Claudio Salvadori. A retomada do crescimento e a migração no início do século. In: BAENINGER, Rosana; DEDECCA, Claudio (Org.). **Processos Migratórios no Estado de São Paulo**: Estudos Temáticos. Coleção por dentro do estado de São Paulo. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp, v. 10, p. 215-228, 2013.
.

DELFIM, Ricardo Borges**. Histórico, avanços e desafios**: reflexões sobre os 20 anos da Lei do Refúgio no Brasil. Disponível em MigraMundo http://migramundo.com/historico-avancos-e-desafios-reflexoes-sobre-os-20-anos-da-lei-do-refugio-no-brasil/>. Acesso em 21 de set. de 2018.

DERRIDA, Jacques; DUFOURMANTELLE, Anne. **Anne Dufourmantelle Convida Jacques Derrida a Falar da Hospitalidad.** Op. cit., p.129, 2013.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Etnias e culturas no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

DINIZ, José. **Cresce a pobreza na América latina e no Brasil**. 2018.
FARAH, Paulo Daniel. **Combates à xenofobia, ao racismo e à intolerância**. Revista USP • São Paulo • n. 114 • p. 11-30 • julho/agosto/setembro 2017.

FERNANDES, Durval; MILESI, Rosita; PIMENTA, Bruna; DO CARMO, Vanessa. **Migração dos Haitianos para o Brasil**: a RN no 97/2012: uma avaliação preliminar. Refúgio, Migrações e Cidadania, v. 8, n. 8, p. 55-71, 2013. p. 61, 62, 63.

FREITAS, Patrícia Tavares de. **Imigração e experiência social:** o circuito de subcontratação transnacional de força-de-trabalho boliviana para o abastecimento de oficinas de costura na cidade de São Paulo. Dissertação de mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Unicamp, 2009.

FUSCO, Wilson. **A formação de comunidades-filhas no fluxo de brasileiros para os Estados Unidos**. São Paulo Perspec. vol.19 no.3, set. 2005. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392005000300005>. Acesso 20 set. 2018.

GIL, Carmen G. "**Trabajando honestamente en casa de familia**": entre la domesticidad y la hipersexualización. Estudos Feministas, Florianópolis, v.15, n. 3, p. 699-716, set/dez. 2007.

GOLDBERG, A.; SILVEIRA, C. **Desigualdad social, condiciones de acesso a la salud pública y processos de atención en inmigrantes bolivianos de Buenos Aires y São Paulo**: una indagación comparativa. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 283-297, 2013. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/ v22n2/v22n2a03.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2018.

HOFSTEDE, G. **Cultures and Organizations** – Software of the Mind. New York: Mcgraw-Hill, 1997.

HOFSTEDE, Geert. **Culturas e organizações**. Lisboa: Editora Sílabo, 1997.

IANNI, Octavio. **A cidade global**. Revista Cultura Vozes, v. 88, n. 2, março/abril, 1994.

IBARRA, D. (2011). **O neoliberalismo na América Latina**. *Revista de Economia Política,* 31, 2 (122) 238-248. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rep/v31n2/04.pdf>. Acesso 25 set. 2018.

JASPER, Fernando. **Paraná é o 2.º maior empregador de estrangeiros do país**; veja de onde eles vêm. Gazeta do povo. Caderno Economia, 01 abr. 2016. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/parana-e-o-2-maior-empregador-de-estrangeiros-do-pais-veja-de-onde-eles-vem-5bzbolmiv9wzmmooshddokfev/>. Acesso em: 03 ago. 2016.

KARTZOW, R. V. **Impacto de las migraciones en Chile**. Nuevos retos para el pediatra. Estamos preparados? Revista Chilena de Pediatria, Santiago, v. 80, n. 2, p. 161- 167, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0370-41062009000200009&script=sci.arte-text>. Acesso em: 16 ago. 2018.

KOHARA, Luiz Tokuzi. **Rendimentos obtidos na locação e sublocação de cortiços**. Estudo de caso na área central da cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

_____. **Cortiços: o mercado habitacional de exploração da pobreza**. Agência de Notícias Carta Maior, 5 de novembro, 2012. Disponível em < http://www.cartamaior. com.br/?/Editoria/Direitos-Humanos/Corticos-o-mercado-habitacional-de-exploracao-da-pobreza%0d%0a/5/25899> Acesso em 7 de dez. 2013.

KOIFMAN, Fabio. **Imigrante ideal**: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. p.160.

KRISTEVA, Julia. **Étrangers à nous-mêmes**. Paris: Fayard, 1988.

KURZ, Robert. **Kurz: EUA fazem guerras para manter controle da ordem global**. Agência Carta Maior. Agência de notícias. Entrevistado por Carta Maior, Porto Alegre, 21 de jan. 2005. Disponível em:< https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Movimentos-Sociais/Kurz-EUA-fazem-guerras-para-manter-controle-da-ordem-global/2/2932. Acesso em: 19 set. 2018.

LACHINI, André. **Grande São Paulo pode ter até 500 mil bolivianos**. Disponível em Gazeta do Povo https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/grande-sao-paulo-pode-ter-ate-500-mil-bolivianos-es0z58td2egmx78zzz8mk5npq/>. Acesso em 26 de set. de 2018.

MARANDOLA Jr., E. **Insegurança existencial e vulnerabilidade no habitar metropolitano**. Caderno de Geografia, Belo Horizonte, v. 18, n. 29, p. 39-58, 2008a.

_____. **Habitar em risco**: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008c.

_____. **Entre muros e rodovias**: os riscos do espaço e do lugar. Antropolítica, Niterói, v. 23, p. 195-217, 2008b.

MARTES, Ana Cristina Braga. Gestión pública de la inmigración en Brasil. In: FISCHER-BOLLIN, Peter. (Coord.). **Migración y políticas sociales en América Latina**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2009.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**, 4ª. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

MASSEY, D.S. et al**. Return to aztlan**. Los Angeles: University of California Press, 1987.

Meggashop. **Conheça o maior polo comercial do Brasil no Brás e na 25 de Março, em São Paulo!** Disponível em Meggashop: https://www.meggashop.com.br/megga-natal-megga-desconto-ate-50-de-desconto-pra-presentear-quem-voce-ama/>. Acesso em 19 de setembro de 2018.

MINUANO, P. C. **Os estrangeiros que estão repaginando São Paulo com novos sotaques, sabores e culturas**. Disponível em Metro Jornal: <https://www.metrojornal.com.br/foco/2018/01/30/os-estrangeiros-que-estao-repaginando-sao-paulo-com-novos-sotaques-sabores-e-culturas.html>. Acesso em 16 de setembro de 2018.

OLIVEIRA, Gabriela Camargo de. **A segunda geração de latino-americanos na Região Metropolitana de São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Demografia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Unicamp, 2012.

PADILHA, Beatriz**. A imigrante brasileira em Portugal**: considerando o gênero na análise. In: MALHEIROS, Jorge M. (Org.) Imigração brasileira em Portugal. Lisboa: Paulinas, 2007.

PATARRA, Neide Lopes; BAENINGER, Rosana. **Mobilidade espacial da população no Mercosul**: metrópoles e fronteiras. Revista Brasileira de Ciencias Sociais. 2006. Disponível em Scielo < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092006000100005&script=sci_abstract&tlng=es>. Acesso em 12 set. 2018.

PUCCI, Fabio Martinez Serrano. "**Viver outramente**": moradia, condições de vida e a produção da alteridade dos bolivianos em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

RAMOS, André de Carvalho. **Direitos dos estrangeiros no Brasil**: a imigração, direito de ingresso e os direitos dos estrangeiros em situação irregular. Igualdade, diferença e direitos humanos. Rio de Janeiro: Lúmen Júris,. p. 731. 2008.

REVECO, C. D. **Migração internacional e integração regional**: o caso da América do Sul. Disponível em International Centre for Trade and Sustainable Development < https://www.ictsd.org/bridges-news/pontes/news/migra%C3%A7%C3%A3o-internacional-e-integra%C3%A7%C3%A3o-regional-o-caso-da-am%C3%A9rica-do-sul>. Acesso em 21 set. 2018.

ROSSI, Camila Lins. **Nas costuras do trabalho escravo**: um olhar sobre os imigrantes bolivianos ilegais que trabalham nas confecções de São Paulo. Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Comunicação com Habilitação em Jornalismo) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SASSEN, Saskia. **Expulsões – brutalidade e complexidade na economia global** Trad. Angélica Freitas, Rio de Janeiro, Editora Paz & Terra, 2016.

SAYAD, Abdelmalek."O que é um Imigrante?". **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Edusp, pp. 45-72, 1998.

Serviço Pastoral dos Migrantes. (Org.) **Travessias na desordem global** .São Paulo: Editora Paulinas, 2005.

SILVA, L. M. M.; LIMA, S. S. **Os imigrantes no Brasil**, sua vulnerabilidade e o princípio da igualdade. Revista Brasileira de Políticas Públicas, v. 7, p. 385-403, 2017.

SILVA, Sidney Antônio da. **Costurando Sonhos**: trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo. São Paulo: Paulinas, 1997.

SIQUEIRA, Fernanda. **Entenda a diferenças entre o Estatuto do Estrangeiro e Lei de Migração**. Disponível em:<https://fernandasial.jusbrasil.com.br/noticias/469957698/entenda-as-diferencas-entre-o-estatuto-do-estrangeiro-e-lei-de-migracao>. Acesso em 02 de out. 2018.

SOUCHAD, Sylvain. A confecção: nicho étnico ou nicho econômico para a imigração latino-americana em São Paulo? In: BAENINGER, Rosana. (org.) **Imigração boliviana no Brasil**. Campinas: Núcleo de Estudos População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

SPINDLER, William. Porta-voz do Acnur, em entrevista coletiva à imprensa em Genebra, na Suíça (2017). **Brasil é o segundo país que mais recebe venezuelanos**. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-07/brasil-e-o-segundo-pais-que-mais-recebe-refugiados-venezuelanos-diz>. Acesso 15 out. 2018.

SUZUKI, Natália. Bolivianos em cortiços? Onde e como vivem os imigrantes submetidos ao trabalho escravo na cidade de São Paulo. In: REZENDE, Ricardo; ANTUNES, Adonia; GALVÃO, Edna Maria. Discussões contemporâneas sobre trabalho escravo. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016. cap. 7, p. 147 a 163.

USO, 1988. (Prefácio)

VELASCO, Clara; MANTOVANI, Flávia. **Em 10 anos, número de imigrantes aumenta 160% no Brasil, diz PF**. Disponível em Globo http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/em-10-anos-numero-de-imigrantes-aumenta-160-no-brasil-diz-pf.html>. Acesso em 15 de out. de 2018.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. **Territorialidade e cidadania em tempos globais**: imigrantes em São Paulo. Cadernos Metrópole n. 2 p.74 – p.119, 1998.

WACQUANT, L. **Três premissas perniciosas no estudo do gueto no estudo do gueto norte-americano**. Mana – Estudos de Antropologia Social, v. 2 (out), n. 2. Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1996.

WONG, Marina**. [RE] fúgio, integração, começo**. Trabalho Final de Graduação - Habitação e Equipamento Público para Imigrantes Refugiados no Edifício Histórico da Casa das Retortas. TFG FAUUP, Julho de 2018.

ZANELLA, Vanessa Gomes. **Imigrantes bolivianas em São Paulo**: condições de vida e trabalho. Revista de Estudos Jurídicos UNESP, Franca, ano 19, n. 29, p. 1-20, jan.-jul., 2015. Disponível em: http://seer.franca.unesp.br/index.php/estudosjuridicosunesp/index>. Acesso em 18 de setembro 2018.